

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PAULA RAFAELA DA SILVA

**LADIES NO BATENTE: A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NA
REVISTA *LADY: A COMPANHEIRA DA MULHER* (1956-1959)**

PORTO ALEGRE

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
PAULA RAFAELA DA SILVA

**LADIES NO BATENTE: A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NA
REVISTA *LADY: A COMPANHEIRA DA MULHER* (1956-1959)**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Charles Monteiro

PORTO ALEGRE, 2010



LADIES NO BATENTE:

A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO FEMININO NA REVISTA *LADY: A
COMPANHEIRA DA MULHER* (1956-1959)

Paula Rafaela da Silva

Paula Rafaela da Silva

Ladies no batente: a representação do trabalho feminino na revista Lady: a companheira da mulher (1956-1959)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 31 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Charle Monteiro (Orientador – PUCRS)

Dra. Cláudia Musa FAy (PPG – História – PUCRS)

Dra. Marlene Neves Strey (PPG – psicologia – PUCRS)

Epígrafe

*Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima do muro
De hipocrisia que insiste em nos rodear
[...]*

*Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade pra dizer mais sim do que não*

(Lulu Santos)

*A Cristian Dias Barbosa: meu amor, meu amigo, meu
companheiro de todas as horas.*

Agradecimentos

Foram dois anos e meio que mais pareceram dez pela intensidade em que as experiências foram vivenciadas. Desde a seleção iniciada em dezembro de 2007 até a data desta defesa momentos com as mais diversas sensações foram experimentados. Momentos acadêmicos, de descanso, de insegurança, de certezas que contaram com a companhia de familiares e amigos os quais estiveram ao meu lado ao longo dessa caminhada que foi prazerosa e dolorosa ao mesmo tempo. E é a essas pessoas especiais que me dirijo agora para agradecer.

Inicio me dirigindo àqueles que são minha referência. Obrigada, primeiramente, aos meus pais, Paulo e Gorete, que me ensinaram o valor do conhecimento e amor pelos livros. Agradeço também aos meus irmãos, Samuel e Matheus, pelo companheirismo e pelos momentos de brincadeira e alegria que fizeram parte da nossa convivência durante toda a vida. Agradeço carinhosamente ao meu amor, Cristian, que esteve ao meu lado em todos os bons e duvidosos momentos, que me deu carinho e colo e transpareceu fé e a confiança, que teve a paciência de esperar a minha volta pra casa e que completa a minha existência.

Bem sei que esta caminhada não seria possível sem o auxílio e a ajuda dos mestres que orientaram meu caminho. Dra. Beatriz Teixeira Weber, minha orientadora da graduação, que me proporcionou o contato com a *Lady* e me incentivou a entrar neste mestrado. Ao professor Carlos Armani, conselheiro de questões teóricas e “existenciais” e parceiro de longos e agradáveis cafés na Casa de Cultura Mário Quintana. E é com um carinho especial que agradeço meu querido orientador e amigo Dr. Charles Monteiro, profissional exemplar, sempre disposto a ajudar, que mais do que guiar meus passos na construção de conhecimento, confiou neste projeto.

“És eternamente responsável por aquele que cativas” disse, com a razão, a raposa ao pequeno príncipe sonhador. Afinal, aonde encontraríamos a alegria se não no riso dos amigos. Por isso é com muito carinho que me dirijo aos meus caros amigos que de certa forma foram minha família nesse período. Ícaro Bittencourt, obrigada pelas madrugadas de conversa, pelas dicas musicais e, sobretudo, pela companhia diária e familiar. João Júlio Gomes dos Santos Jr., o homem dos vários “j” e amigo de longa data, obrigada pela companhia ao Olímpico, nossa paixão em comum, e pelos debates de botequim, que mais do que resolver questões históricas resolviam grandes crises de mau humor. Grasiela Tebaldi Toledo, amiga que a

distância não separou, obrigada pelas intermináveis conversas virtuais. Raquel Wüinch, amiga de infância que tive a oportunidade de voltar a conviver, obrigada pelo apoio e pelo carinho de sempre.

As amigas mais recentes, porém não menos importantes; Sabrina, para nós, a Bina, loira poderosa, gremista parceira e amiga de todas as horas e Dani, nossa consultora de moda, estilo e *makes*, “guria” esperta e alegre obrigada pelas tardes de passeio, pelos cafés no prédio 5 e pelos momentos de descanso.

Ao Programa de Pós Graduação e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul que possibilitaram a mim e a tantos outros estudantes a oportunidade de desenvolver suas pesquisas com qualidade. O muito obrigada aos professores que compõe este PPG excelentes profissionais e que sempre estiveram disponíveis para contribuir e, também, aos secretários do curso que sempre foram eficientes e prestativos para resolver os probleminhas burocráticos da vida.

Enfim, todos aqueles que participaram de alguma forma desta importante fase da minha vida fica o meu o meu carinho e o meu sincero muito obrigada.

Paula Rafaela da Silva

Resumo

A presente dissertação pretende fazer considerações sobre as reportagens da revista feminina *Lady: a companheira da mulher*, acerca do trabalho feminino, no período entre 1956-1959. A revista era publicada pela Editora Monumento S.A. sob a direção de Carlos Heichenbach.

Em meio às questões que cercam essa temática, os recortes priorizados foram: a particularidade do conteúdo das reportagens como opção de abordagem da imprensa feminina; a vinculação do trabalho feminino com a modernidade e da realização pessoal das mulheres com a sua dupla jornada de trabalho. Foram analisadas fotorreportagens e entrevistas, publicados na revista *Lady* ao longo dos três anos de sua periodicidade, os quais destacaram a atuação das mulheres em suas respectivas profissões e a sua capacidade de conciliar a profissão, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

Palavras-chave: imprensa, trabalho, mulher, representação.

Résumé

Cette dissertation a l'intention de faire des considérations sur les reportages du magazine *Lady: a companheira da mulher*, em concernant le travail féminin, dans la période comprise entre 1956-1959. Le magazine était publié par la maison d'édition Editora Monumento S.A. , sous la direction de Carlos Heichenbach.

Parmi les questions qui entourent ce sujet, on a donné la priorité aux points suivants: la particularité du contenu des reportages comme option d'abordage de la presse féminine; le lien du travail féminin avec la modernité et la réalisation personnel des femmes avec sa double journée de travail. Ont été analysés des photo-reportages et des interviews, publiés dans le magazine *Lady* pendant les trois années de sa régularité, qui ont souligné la performance des femmes dans leurs respectives professions et sa capacité de concilier la profession, le travail domestique et les soins maternelles.

Mots-clés: presse, travail, femme, représentation.

Lista de imagens

Imagem 1: Capa da 1º edição. <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 01	105
Imagem 2: Cada uma de nós tem um ponto fraco. <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 10.....	112
Imagem 3: Fragmento da seção: Cada uma de nós tem um ponto fraco <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 10.....	112
Imagem 4: Conto A noiva <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 16	113
Imagem 05: Tenha uma nova figura para o verão <i>Lady: a companheira da mulher</i> . N° 4...116	
Imagem 6: As duas majas <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 21.....	118
Imagem 7: Cem mil crianças nascerão de inseminação artificial. <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 11.....	119
Imagem 8: Polícia Feminina <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 01.....	131
Imagem 9: Polícia Feminina <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 01.....	131
Imagem 10: Polícia Feminina <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 01.....	131
Imagem 11: Cada dia é outro dia (como o Brasil vive). <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 02.....	134
Imagem 12: Cada dia é outro dia (como o Brasil vive). <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 02.....	134
Imagem 13: Mulheres furam túneis e projetam viadutos. <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 09.	136
Imagem 14: Imprensa com sexto sentido. <i>Lady: a companheira da mulher</i> , N° 15.....	138

SUMÁRIO

1. Introdução	14
2. O Brasil dos anos dourados	22
2.1) Os “dourados” anos 1950	22
2.2) Lugar de mulher é... : espaços femininos nos anos 1950.....	39
2.3) Mulheres e trabalho: espaços de gênero	54
3. A expressão da modernidade: o papel da imprensa	64
3.1) A modernidade chega à imprensa.....	64
3.2) As revistas ilustradas: meio de comunicação de massa	79
3.3) Imprensa para as mulheres: feminina ou feminista?.....	87
4. Ladies no ‘batente’	100
4.1) O que a Lady tem a dizer?	100
4.2) O que fazem as ladies? Representação do trabalho feminino na revista Lady: a companheira da mulher.....	122
5. Considerações finais	141
6. Referências Bibliográficas	150
7. Anexo 1.....	156
8. Anexo 2.....	157



1. Introdução

Uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade.

Jean-François Sirinella

“Quem conta um conto aumenta um ponto”, diz o ditado popular que, de certa maneira, pode ser aplicado à pesquisa histórica que sempre busca acrescentar algo que contribua com o entendimento sobre o que fomos e sobre como chegamos até aqui. A história que será contada neste estudo pertence às pessoas comuns, às mulheres do cotidiano, de heroínas do dia a dia, que pertencem às cidades e que, ao atuarem silenciosamente nos seus discretos espaços, deixaram para a história representações de como era a vida em seu tempo. Esse trabalho busca, ainda, respostas através de um hábito muito comum para nós mulheres: a leitura de revistas femininas.

Veremos que muitas são as funcionalidades desse tipo de periódico que tanto chama a atenção das mulheres e que despertou a curiosidade desta e de tantas outras pesquisadoras. Sou uma leitora assídua e apaixonada confessa por esse tipo de periódico, e esse prazer de ler revistas femininas contribuiu para que eu me aventurasse na busca por tentar entender um pouco da importância e da historicidade desse tipo de publicação que conquista leitoras e influencia a vida de mulheres nas mais diversas épocas.

O meu contato com a revista “*Lady: a companheira da mulher*” aconteceu por intermédio de uma querida professora da graduação, Dra. Beatriz Teixeira Weber. Ela comentou comigo que sua mãe tinha muitas revistas guardadas no porão da casa e que queria

colocá-las fora, pois juntavam muita poeira. A professora, que conhecia as revistas, não concordou e arrumou um espaço – improvisado – no prédio do Centro de Ciências Sociais e Humanas de Santa Maria, onde o curso de história é ministrado. Então ela me convidou para organizar o acervo adiantando que possivelmente eu encontraria algum material de meu interesse para fazer o trabalho de conclusão de curso, e foi exatamente o que aconteceu.

Levei meses organizando um acervo que contava com os mais diversos títulos, dentre eles: *Veja*, *Isto é*, *Fatos e Fotos*, *Cláudia*, *Manequim*, *A Rainha*, entre tantas outras que já nem lembro mais. Contudo, três dos periódicos me chamaram a atenção na época: a revista argentina *Labores*¹, a revista de fotonovela *Capricho*² e a *Lady: a companheira da mulher*, que é objeto deste estudo. As três revistas tinham propostas editoriais bem diferentes. A primeira, argentina, contava com reportagens direcionadas às mulheres e ao “mundo feminino”, mas, como centro, trazia moldes das roupas da moda, ensinava o passo a passo para reconstituir os modelitos de renomados estilistas. A segunda revista que me chamou a atenção trazia às leitoras histórias de sonhos, de contos de fada, que mesclavam partículas de realidade com o sonho romântico do amor que supera tudo. As fotonovelas foram um grande sucesso no Brasil, anteciparam o fenômeno da rádio e da telenovela dos dias atuais; e a revista *Capricho* era uma das principais publicações desse gênero, que fez muitas moças sonharem acordadas.

E, por fim, a *Lady: a companheira da mulher*, a revista que terminou sendo a minha escolha por vários motivos. Inicialmente fiquei encantada com o formato, o tamanho da revista e as imagens do periódico; e, numa rápida passada pelas folhas, também me impressionaram as reportagens e argumentação da revista. Em especial, uma reportagem me chamou a atenção em definitivo: eram mulheres jovens vestidas de policial com um texto que descrevia o trabalho da polícia feminina de São Paulo no ano de 1956. Fiquei curiosa e ao mesmo tempo um pouco espantada com a forma como a revista abordava o assunto, como as fotografias e o que texto expunha o cotidiano de trabalho dessas mulheres num espaço público, e exercendo um ofício que, em princípio, é masculino. A reportagem me chamou a atenção justamente porque vinha folhando as revistas que organizava e observei que as mulheres apareciam de forma geral, pousadas como modelos ou trabalhando em tarefas domésticas que envolviam apenas o espaço privativo do lar.

¹ A revista *Labores* era de produção Argentina e tinha publicações de moldes de costura.

² Começou a ser publicada em 1952 pela editora Abril, tinha como destaque a fotonovela.

Foi por essa surpresa que fiz a opção de tentar perceber como a temática de trabalho feminino era representada na revista, se era mesmo um discurso diferenciado, se estava ligado à independência feminina ou se tratava de um discurso que promovia uma mensagem conservadora de forma diferente. Essa opção de abordagem foi bastante questionada, tanto pela professora Dra. Beatriz, como pela banca de seleção deste mestrado. Contudo, insisti na permanência da temática por considerar que o trabalho das mulheres para além do espaço doméstico foi um passo de extrema importância para a emancipação feminina, pois, depois de saírem de dentro da casa para exercerem funções remuneradas, as mulheres avançaram nas questões de igualdade de direitos civis e de maior liberdade com relação aos seus corpos.

No projeto inicial, eu pensava em trabalhar com entrevistas de mulheres que liam a revista para entender a relação da leitura com as histórias de vida, mas não foi possível, primeiro porque a dona do acervo não aceitou dar entrevista e também porque não encontrei nenhuma outra mulher que conhecesse a revista, e não havia exemplares da *Lady* nos arquivos da cidade de Santa Maria. Isso me fez concluir que – considerando que a dona do acervo estudou e residiu em Porto Alegre – a revista tinha circularidade maior na capital (ou até mesmo só na capital)³. Além disso, tentei falar com o filho do diretor da revista, que é diretor de cinema e cita a revista em algumas entrevistas cedidas, mas ele não respondeu positivamente, o que dificultou um maior conhecimento sobre algumas particularidades do periódico. Enfim, como não foi possível analisar a recepção da revista, acabei optando por analisar somente as representações do trabalho feminino na revista, sob a perspectiva da análise de conteúdo⁴ de artigos e fotorreportagens.

A Lady: a companheira da mulher começou a ser publicada em outubro de 1956, teve sua última publicação em março de 1959 e publicou reportagens em que mulheres, na maioria casadas e com filhos, apareciam trabalhando fora do espaço doméstico. Segundo a literatura que estudei as mulheres e a imprensa feminina durante os anos 1950, o trabalho feminino era condenado pelas regras sociais, sobretudo, para as mulheres casadas. Carla Bassanezi fez uma longa análise das revistas femininas entre 1945 e 1964 e constatou que, após casar-se, a função social da mulher era dentro de casa e qualquer atividade externa aos afazeres

³ Há acervo no museu da imprensa Hipólito da Costa em Porto Alegre.

⁴ A análise de conteúdo feita neste estudo é baseada nos estudos de CONSTANTINO, Núncia Santoro. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIII, n. 1, junho de 2002.

domésticos era condenada, pois comprometia a função “natural” da mulher, que era manter um lar harmônico e ser responsável pelos cuidados com as crianças⁵.

Assim que as reportagens da *Lady* se mostraram uma exceção, e diante da particularidade da abordagem, busquei compreender como o tema foi tratado na revista. Se havia alguma relação com a vida doméstica, se existia alguma manifestação sobre a importância do trabalho para as mulheres e se abordavam a conciliação do trabalho com as funções domésticas. Por isso, questões como condições de trabalho, salários e lutas sindicais não serão o foco de análise deste estudo que tem por interesse compreender como a revista tratou um tema tabu para a sociedade da época e como relacionou as mulheres das camadas médias⁶ destinadas ao exercício do trabalho doméstico – função tida como dever feminino – com o trabalho fora do lar e satisfação pessoal ligada à atuação no espaço tido como masculino.

Para compreender a particularidade da abordagem e buscar as respostas sobre aquelas representações, foi necessário compreender como o discurso midiático da época – que, como cultura de massa, era também formador de opinião e ao mesmo tempo disseminador de pensamentos vigentes de seu tempo - abordou esse tema polêmico que ainda era um tabu para a sociedade da época. Por isso foi necessário estudar como funcionava a imprensa dos anos 1950, que, segundo Maria Celeste Mirra, passava por modificações.

Para além das questões de imprensa geral, este estudo preocupa-se também com a caracterização da imprensa feminina que, mais do que entreter, assumiu, muitas vezes, uma função educativa para as mulheres. A imprensa feminina tem como característica tratar de assuntos variados, diz-se que “tudo cabe na imprensa feminina”, contudo alguns assuntos são atemporais, estarão sempre presentes nesse tipo de periódico. Porém o que marca a imprensa para as mulheres é a forma como ela publica sempre os mesmos assuntos, fabricando uma atualidade que é vinculada com o moderno⁷.

⁵ BASSANEZI, Carla. Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

⁶ Ao determinar camadas médias, tenho por base o público alvo da revista *Lady: a companheira da mulher*. Além do mais, falo de uma realidade que não pertencia as mulheres das camadas menos favorecidas da sociedade, pois as mulheres das camadas mais baixas (tanto no campo como na cidade) tinham uma realidade mais dura, em que sempre trabalharam para ter condições mínimas e precárias de sobrevivência.

⁷ Essa abordagem é baseada nos estudos de BUITONI, Dulcília. A imprensa feminina. São Paulo: Editora Ática, 1990.

Quanto ao campo dos estudos de gênero, cabe dizer que as revistas são fontes de significativa importância, pois estudar mulheres e identificar diferenças de gênero pode ser para a história uma questão bastante complicada. Michelle Perrot⁸ explica que a documentação deixada pelas mulheres é muito rara, quase inexistente, e a maioria pertence a arquivos pessoais e acaba sendo destruída; isso porque as próprias mulheres julgavam tratar-se de papéis sem importância, vergonhoso e incapaz de gerar interesse alheio. Porém, quando temos acesso a esses acervos particulares, é deles que contamos histórias que incluem mulheres, sobretudo, em tempos onde o silêncio era o maior companheiro delas e os limites da vida eram restringidos unicamente ao espaço do lar.

Diários, álbuns de fotografias, livros de receitas, cartas são documentos valiosíssimos para quem busca entender a forma como as mulheres viviam tempos atrás, eles nos revelam peculiaridades claras da vivência de gênero. As revistas femininas também pertencem a esse tipo de fonte, que permite entender vivências e estereótipos de gênero; pois esse tipo de publicação compõe a sua abordagem através de modelos ideais de comportamento, onde os papéis culturais de homens e mulheres são expostos ora de maneira clara, objetiva, ora de maneira indireta e subentendida.

Aliás, assim como a utilização da imprensa como fonte, o campo dos estudos de gênero também é algo bastante recente para a historiografia. Apesar do avanço nos debates e do aumento na produção nessa área nos últimos anos, “gênero”, como conceito, passou a ser utilizado também a partir dos anos 1970 pelas feministas norte-americanas para teorizar a diferença sexual como tentativa de superar a visão binária e simples em relação aos sexos. Como campo, “gênero” faz parte da caminhada e do amadurecimento da História das Mulheres, que também ganhou visibilidade na pesquisa histórica a partir da reviravolta nas questões historiográficas promovidas pela Escola dos Annales, que passou a utilizar não só outras fontes, como também contar a história de agentes que antes não tinham voz⁹.

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi um passo significativo para as conquistas feministas, por isso tem um valor político e social significativo para a história das mulheres. Mas, apesar da temática do trabalho feminino e da dupla jornada das mulheres ser

⁸ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

⁹ Sobre a trajetória do campo indico o texto de SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSOS, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

uma questão social, ligada aos movimentos organizados – neste caso o movimento feminista – a abordagem deste estudo também pertence ao campo da história cultural, pois pensa a questão social sob a perspectiva cultural, já que tem por foco as representações na imprensa feminina, a qual assumiu *status* de fonte muito recentemente. Mesmo com todo seu poder interventor, a imprensa só perdeu o papel de mera confirmadora de hipóteses e passou a ser objeto central de pesquisa, depois da fragmentação da história, quando passou a valorizar o cotidiano e as práticas culturais¹⁰. Tal fragmentação se deu com a Escola dos Annales na França¹¹, que, mais do que inserir novas fontes, renovou a forma de pensar a disciplina, abdicando das análises macroeconômicas e privilegiando os sistemas culturais¹².

O conflito da dupla jornada de trabalho entre os “deveres do lar” – exercício da maternidade, organização da casa e dedicação ao casamento – e o exercício de uma profissão remunerada ainda divide e gera culpa nas mulheres. É comum ouvirmos alguém falar: “Ora! Direitos iguais, essas feministas eram loucas, só aumentaram nosso trabalho!”, na imprensa atual, também pude perceber o depoimento de mulheres que abrem mão da vida pessoal e de ter filhos em nome do sucesso profissional¹³; assim como mulheres que escolheram ser exclusivamente mães e abandonaram ou adiaram suas carreiras¹⁴, como se ambas possibilidades fossem incompatíveis. Portanto, considero que a problemática deste debate é atual e necessária, já que, para a nossa sociedade, questões tradicionais relacionadas aos papéis de homem e mulher ainda delimitam espaços de atuação e de vivência de gênero, a

¹⁰ LUCA, Tânia. Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C. B. PINSKI, & (orgs), Fontes Históricas (pp. 111 - 153). São Paulo: Contexto, 2008. Pg. 117.

¹¹ A Escola Dos Annales inseriu o método sociológico na disciplina histórica e passou a se preocupar com os agentes anônimos da história, abandonando a tradicional narrativa dos grandes heróis e das explicações econômicas. Sobre isso: HUNT, Lynn. Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹² LUCA, Tânia. Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C. B. PINSKI, & (orgs), Fontes Históricas (pp. 111 - 153). São Paulo: Contexto, 2008. Pg. 113.

¹³ Em julho de 2009, a revista Claudia publicou uma reportagem com o resultado de uma pesquisa feita pela psicóloga e doutora em administração de empresas Betania Tanure, que é também professora associada à Fundação Dom Cabral, de Belo Horizonte, que aponta que as mulheres que exercem altos cargos acabam abrindo mão de uma vida sentimental e da maternidade. Segundo os dados da reportagem, o percentual das mulheres chefe de serviço sem filhos é de 40% enquanto os homens que são chefes sem filhos totalizam 19%. Nos cargos de presidente, vice-presidente, diretor executivo, diretor e gerente das 500 maiores S.A. há quase três vezes mais mulheres solitárias do que homens. São 36% de separadas, solteiras ou viúvas, enquanto 13% dos homens não têm parceiras estáveis. LEAL, Isabela. Sucesso profissional atrapalha a vida amorosa das mulheres. Revista Claudia. N° 7, ano 48. Julho 2009. Pg. 138 - 141

¹⁴ “Depois de conquistar espaço no mercado de trabalho, algumas mulheres reivindicam agora o direito de se dedicar ao lar e aos filhos.” Reportagem: De volta pra casa. Caderno Donna ZH. Porto Alegre, 26 de julho de 2009.

dupla jornada de trabalho, segundo Joana Pedro, foi a questão que marcou a segunda onda do movimento feminista, que explicaremos ao longo do estudo¹⁵.

Quanto à importância da maternidade para o debate, cabe lembrar que ela foi muitas vezes acusada de ser a responsável pela prisão das mulheres, sempre foi motivo de debates nas questões feministas e também fez parte da história das mulheres, não simplesmente como uma função natural, mas como parte de suas identidades. Como função natural do corpo feminino, a maternidade sempre acompanhou todas as questões que cercam as mulheres, pois, dentre as conquistas efetivadas e as que ainda estão por vir, não se excluem da mulher a capacidade de gerar e criar filhos.

O que se questiona é o equívoco social e cultural que determina que somente a mulher deva ser responsável cuidar e educar as crianças e de como essa determinação interfere na identidade e na atuação histórica das mulheres. Cuidar dos filhos é tarefa de pais e mães e, apesar do aumento dos cuidados paternos, ainda há um longo caminho a se percorrer para que a realidade da sociedade entenda que o desenvolvimento das crianças seja de igual responsabilidade para homens e mulheres.

Na primeira parte do trabalho, o leitor ou leitora encontrará uma breve revisão histórica dos “anos dourados”. A década de 1950 foi revisitada através consolidação da indústria cultural, que tinha como principal objetivo popularizar o acesso aos bens culturais, do período democrático brasileiro, que viveu seu auge com o governo de Juscelino Kubitschek e com a construção de Brasília, além do forte nacionalismo acompanhado do desenvolvimentismo, herdado do governo Vargas. Além disso, há uma breve reflexão sobre os espaços femininos e o modo de vida das mulheres do período. Também pertence à primeira etapa desse estudo uma reflexão sobre o conceito de trabalho e a discussão dos espaços público e privado sob a ótica da literatura feminista, especialmente de Michelle Perrot, cuja abordagem vai ao encontro das questões propostas nesse estudo.

Na segunda parte do texto, foram analisadas as questões referentes à imprensa da época. Nesse momento disserta-se sobre a modernização por que passava a imprensa da década de 1950. Dentre as questões, estão as modificações na forma de publicar, de conquistar o leitor e de especializar as temáticas de acordo com o público. Nesse espaço,

¹⁵ PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História: São Paulo, v. 24. N. 1, p. 77-98, 2005.

revisa-se também o fenômeno da imprensa ilustrada, que foi o grande modelo de imprensa de massa, já que, além de tratar de assuntos variados, chegava ao público das diversas camadas sociais e de todos os gêneros. Ainda, há uma diferenciação das publicações femininas das feministas onde com base em Dulcília Buitoni.

Finalmente, na terceira e última parte, aborda-se as particularidades da revista *Lady: a companheira da mulher*. Inicialmente, de forma geral, a revista é apresentada ao leitor; depois segue a análise das fotorreportagens e das entrevistas onde a representação do trabalho feminino é abordada. Nesse momento, são apresentados os dados do *corpus*, as reflexões com base na análise de conteúdo sobre a dupla jornada de trabalho que compõe as representações das reportagens e as conclusões deste estudo.

Ao longo do tempo, as mulheres foram a cada vez mais ocupando espaços nas suas sociedades e assumindo tarefas para além do âmbito doméstico. Trabalhar fora, assumir responsabilidades no espaço público, concorrer com os homens, receber remuneração, estudar para exercer um ofício foi um grande passo para as mulheres que queriam, acima de tudo, uma nova história para elas mesmas.

Nessa longa caminhada, que passou por protestos em praça pública, por quebras de tabus, pela promulgação de leis para proteger a integridade da mulher e pelo direito de controlar o corpo, muitas questões foram levantadas. No caso do trabalho feminino, muitos preconceitos tiveram de ser superados e a capacidade de educar e criar os filhos simultaneamente ao exercício de uma profissão foi, certamente, a grande questão que assombrou as mulheres que decidiram fazer ambas as tarefas.

2) O Brasil dos anos dourados



*Pogressio, pogressio.
Eu sempre iscuitei falar, que o pogressio vem do trabaio.
Então amanhã cedo, nós vai trabalhar¹⁶.*

2.1) Os “dourados” anos 1950

Estudar a década de 1950 é de fato uma viagem prazerosa no tempo, pois nela é possível entrar em contato com uma conjuntura histórica que é rica em peculiaridades que estão ligadas à esperança de uma nova forma de viver. Seja através das modernas construções, das ações políticas, das novas possibilidades econômicas ou das produções culturais que se diversificavam e se popularizavam de forma avassaladora; o que encontramos ao analisar este período são agentes históricos que trabalham e, acima de tudo, celebram a paz e buscam incansavelmente ser prósperos.

Afinal, não podemos esquecer que há pouco tempo uma guerra devastara a Europa e o mundo, deixando milhões de mortos. Por isso os anos 1950 são marcados por muita ação em todas as áreas de atividade humana: é momento de reconstrução, de grandes atividades econômicas e culturais, é momento de efervescência política de firmar democracias, e, enfim, um momento único, que torna rica as possibilidades de quem busca entender esse período histórico.

Falando brevemente das questões mundiais, é importante lembrar que os Estados Unidos, ao final da Segunda Guerra Mundial, saíram vitoriosos, já que seu território não fora atingido e sua economia crescia constantemente. Isso colocou os americanos do norte em

¹⁶ Conselho de mulher. Letra: João Belarmino dos Santos, Oswaldo Molles, Adoniran Barbosa, 1953. (gravado Odeon, 1975).

situação confortável em defesa do capitalismo, mesmo o mundo estando dividido em dois grandes blocos econômicos¹⁷, eram os Estados Unidos quem liderava os avanços tecnológicos, que iam desde plásticos e enlatados às incríveis versões portáteis para fotografar, filmar e ouvir música. Isso para não falar dos automóveis, da televisão, da indústria farmacêutica, com os antibióticos que curavam doenças e aumentavam a expectativa de vida da população que crescia consideravelmente, sobretudo nos países mais pobres.

“Reformado a ponto de ficar irreconhecível”¹⁸, o capitalismo pós-guerra foi marcado pela massificação dos bens de consumo e transformou em necessidade o que anteriormente era luxo. E, apesar no crescimento acelerado, essa fase foi marcada, nos países ricos, pelo planejamento político, pela segurança social e previdenciária. Acelerou-se o processo de globalização, pois todos os países buscavam imitar os Estados Unidos e aceleravam suas economias, promovendo trocas e democratizando os mercados. Mas, mesmo atingindo uma grande quantidade de países, a “Era do Ouro” foi verdadeiramente dos países capitalistas desenvolvidos, que eram os que tinham condições econômicas de investir em avanços e nas pesquisas tecnológicas¹⁹.

O Brasil também teve os seus anos dourados, mas por aqui as características foram consideravelmente diferentes. Inicialmente, o óbvio, o país “Tupiniquim” não tinha o poder econômico dos Estados Unidos, logo, nosso país viveu seus anos dourados, entrando e saindo de crises e sendo financiado pelos americanos do norte, que foram “generosos” com seus vizinhos latino-americanos. Há de se lembrar que tal generosidade se deu devido ao medo do comunismo que avançava na Europa, disputando ideologias e espaços econômicos, ameaçando os territórios da América.

¹⁷ A, hoje extinta, URSS era, durante os anos dourados, o braço forte do socialismo e disputava espaço mundial com os EUA. As diferenças ideológicas dos dois carros chefes mundiais resultaram na disputa financeira, tecnológica, esportiva e cultural. A produção de armas, inclusive nucleares, deixava o clima quente entre os rivais, que divergiam ideologicamente e disputavam mercado consumidor. Conhecido como Guerra Fria, esse período foi marcado pela paz, mas uma paz que, como diz a linguagem popular, “pisava sobre ovos”. Sobre Guerra Fria sugiro: HOBBSAWN, Eric. A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

¹⁸ HOBBSAWN, Eric. A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. Das Letras, 1995. P. 265.

¹⁹ Os anos dourados. In: HOBBSAWN, Eric. A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. Das Letras, 1995. P. 253 – 281.

Assim, pode-se afirmar que o contexto internacional favoreceu a chegada da modernidade ao “fim do mundo”, e, desse modo, o Brasil rumou à caótica e infinita busca pelo progresso. Indiscutivelmente, uma das faces do progresso é o acesso ao consumo e nos anos dourados se consumia muito comparado às décadas anteriores. As mercadorias mais variáveis possíveis vinham para facilitar a vida cotidiana, e a produção em série barateava consideravelmente os preços. A publicidade²⁰ cumpria sua função de vender e, para isso, investia na diferenciação entre o moderno e o tradicional, ou seja, o velho, ultrapassado, não servia mais, e a modernidade chegava à grande população como algo que previa os desejos e as necessidades da massa consumidora. Nesse sentido, é possível afirmar, conforme Meyer, que:

[...] o discurso em torno do desenvolvimento nacional foi posto na agenda, sobretudo, na segunda metade da década. Havia um consenso entre as elites políticas e econômicas, intelectuais e opinião pública de que o país vivenciava profundas transformações e, mesmo passando por crises econômicas e conjunturais, ele estava “em desenvolvimento”, fase intermediária que conduzia a uma estrutura capitalista plenamente desenvolvida²¹.

A indústria privada assumia uma missão quase que civilizatória para com os meios rurais e para os lugares que estavam começando a conhecer as vantagens propiciadas pelo progresso²². De fato, o desenvolvimento econômico andou colado à corrida pelo progresso;

²⁰ FIGUEIREDO, Ana Cristina Camargo e. “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil. (1954-1964). São Paulo: Editora HUCITEC, 1998. Analisa propagandas na imprensa das revistas ilustradas e, através da publicidade, reconhece valores de uma sociedade de consumo que está em formação. Segundo a autora, através da publicidade, é possível entender o consumidor como a personagem central da vida moderna que caracterizava o indivíduo por querer cada vez mais ser único, exclusivo, ter o “seu jeito”. E, mesmo entendendo que a publicidade não é o espelho de uma sociedade, a autora entende que a dinamicidade desse recurso da comunicação influencia a sociedade, já que orienta as tendências e se modifica conforme as exigências do público que consome.

²¹ MEYER, Marlise Regina. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* (1955-1957). 2007. 255 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Pg. 14.

²² Isso porque o campo era considerado um bom mercado consumidor, pois, na medida em que os produtos pudessem chegar e funcionar na zona rural, o conforto e o consumo dessa parcela significativa da população brasileira possibilitava à elite industrial expandir seus negócios e aumentar a produção. Nesse sentido, a elite industrial sempre reivindicou a participação do Estado para financiar, espaço físico para a produção, redução fiscal, a construção de estradas e o acesso à eletricidade. Para Saber mais: FIGUEIREDO, Ana Cristina Camargo e. “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil. (1954-1964). São Paulo: Editora HUCITEC, 1998. P. 33 à 36.

máquinas, bancos, financiamentos buscavam não só aumentar a circulação financeira do país, mas também atrair maiores investimentos do exterior. O desenvolvimentismo era o carro chefe desse período, e era consenso que o Brasil precisava crescer e buscar o progresso.

E o nosso desenvolvimento seguiu a regra da América Latina. O modelo norte-americano, conforme já foi dito, foi nosso ponto de partida rumo à modernidade. As cidades se verticalizavam e davam espaços para as indústrias produzirem; as multinacionais aumentavam suas filiais nos territórios latino-americanos, e o *american way* era propagandeado nas telas de cinema virando o sonho de vida de muitos brasileiros. Estudava-se inglês para estar próximo da civilidade, a população urbana crescia e as pessoas tornavam-se cada vez mais desconhecidas e anônimas²³.

Contudo, apesar dos percalços, o Brasil era considerado o país do futuro devido às suas potencialidades de crescimento e desenvolvimento. Potencialidades, essas, que estavam ligadas, entre outros fatores, à capacidade de financiar o progresso desejado. Daí, dentre os diversos financiadores e impulsionadores do desenvolvimento econômico do brasileiro durante a década de 1950, alguns merecem um maior destaque, na opinião dessa autora. E é deles que será falado brevemente agora.

Tais destaques não serão levantados em ordem de importância, justamente por se considerar que ambos foram fundamentais para a conjuntura do período, já que foram elementos de grande importância para as mudanças vividas na década de 50. São eles: a produção cafeeira, o potencial petrolífero e a construção de Brasília.

Nesse sentido, inicio falando de um conhecido elemento histórico da economia brasileira, que, apesar da referência ao mundo agrário, cuja imagem o país tentava deixar no passado, e da queda da exportação do produto devido à concorrência, a produção cafeeira fornecia aos cofres brasileiros um considerável rendimento e ainda era o principal responsável pela economia do país. Muitos defendiam que se deveria investir mais no setor agrário brasileiro, pois só ele tinha potencial para financiar o amadurecimento do capitalismo no país.

Tal argumento pode ser considerado válido se considerarmos que, no início da década, segundo o Censo, a população era de 51.944.397, desses 33.161.506 brasileiros ainda

²³ No filme São Paulo: sociedade anônima (1965) de Luiz Person, retrata-se bem as camadas médias urbanas desse período, que buscava com os idéias desenvolvimentistas, enriquecer e conquistar status social.

habitava a zona rural, e, ainda em 1955, o setor agrícola predominante era o cafeeiro²⁴. Apesar do crescimento considerável das cidades, a zona urbana ainda não contava com a maioria da população, e a economia estatal dependia da produção agrária.

Contudo, a urbanidade tinha um grande aliado para seu crescimento, que era também um forte vínculo do Brasil com o futuro: o petróleo. A exploração do petróleo nacional pertencia, como hoje, a Petrobrás, empresa estatal criada pelo então presidente Getúlio Vargas no ano de 1953. A Petrobrás era responsável pelo fornecimento de 40% da energia do país²⁵. E foi motivo de fervorosas discussões nacionais tanto entre populares quanto entre políticos influentes, e a pauta da discussão estava em quem deveria explorar os poços e transformar o “ouro negro” em dinheiro.

Nesse sentido, uns, nacionalistas²⁶, defendiam que somente o Brasil deveria fazer a extração da sua matéria prima e ser auto-suficiente; outros, mais liberais e sedentos pelos potenciais lucros, criticavam o monopólio, afirmavam que o Brasil não tinha tecnologia suficiente para a extração e consideravam necessário recorrer ao capital estrangeiro²⁷. De forma geral, os defensores da quebra do monopólio sobre a extração do petróleo defendiam que, além de refinar, o Brasil deveria produzir e exportar a matéria prima, lucrar em dólares e assim movimentar rapidamente a economia do país.

Para Getúlio, o idealizador da empresa, era necessária uma solução intermediária, por isso, no projeto da criação da Petrobrás, não estava previsto o monopólio, mas era dado ao

²⁴ GOMES, Angela de Castro. O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 2º edição. P. 69.

²⁵ GOMES, Angela de Castro. O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 2º edição. P. 73.

²⁶ Segundo MOREIRA, Vânia Maria. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. In: Revista brasileira de História. Vol. 18 n. 35 São Paulo, 1998. “São nacionalistas, no Brasil, correntes de extrema direita, ligadas no passado, aos movimentos de propensão fascistas, e correntes de extrema esquerda, como o Partido Comunista. São nacionalistas os defensores da socialização dos meios de produção e os partidários da iniciativa privada.” A mesma autora ainda ressalta que, devido à conjuntura da época, o nacionalismo assumiu uma grande amplitude sendo por vezes contraditório: nacionalismo liberal, nacionalismo desenvolvimentista e nacionalismo econômico.

²⁷ Assis Chateaubriand era um dos grandes defensores de que o Brasil deveria renunciar ao monopólio da extração do petróleo nacional e buscar investimentos de maquinário e tecnologia estrangeiros, leia-se, estadunidense, por isso os diários associados promoveram uma série de reportagens que buscava levar a população o discurso defendido por Chateaubriand. Sobre isso Marlise Meyer dedica uma parte de sua tese, analisando reportagens sobre o petróleo brasileiro na revista *O Cruzeiro* e debatendo os argumentos cujos nacionalistas julgavam risco para a soberania nacional. In: MEYER, Marlise Regina. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* (1955-1957). 2007. 255 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

Estado brasileiro o controle da empresa, possibilitando uma mistura de capitais investidos. Contudo, as pressões a favor do nacionalismo venceram, e a Petrobrás, quando efetivamente criada, em 1953, ficou definida como:

“[...] uma empresa de propriedade e controle totalmente nacionais, com participação majoritária da União, encarregada de explorar em caráter monopolista, todas as etapas da indústria petrolífera, menos a distribuição”²⁸.

Logo, não à toa, esse debate rendeu muitas discussões na imprensa da época, que propagandeava a corrida pelo progresso nacional²⁹. Afinal, a Petrobrás era a empresa estatal em que mais se postavam projetos para o futuro e que acabou por chamar a atenção das empresas estrangeiras. Mas, o que merece atenção nesse debate é a pressa de parte da elite da época em ver o Brasil desenvolvendo a indústria, investindo no crescimento das cidades e movimentando a economia para se tornar um país do “primeiro mundo”³⁰.

Foi o sonho do primeiro mundo e mais uma vez a busca pelo progresso que inspirou um dos presidentes da década a encarar uma empreitada de peso: construir uma nova capital para o Brasil. E esse projeto movimentou o país durante meia década, um tempo curto, considerando o tamanho da obra. Mas Juscelino Kubitschek e seus apoiadores conseguiram, e Brasília ficou pronta, para o espanto e tristeza de uns ou para o orgulho e felicidade de outros.

Mas há de se admitir: Brasília foi, sem nenhuma dúvida, a maior empreitada brasileira dos anos dourados, foi a meta-síntese do governo JK, uma meta cara. Estima-se que, pronta, a cidade deva ter custado entre 250 e 300 milhões de cruzeiros, algo próximo a 3% do PIB do

²⁸ FAUSTO, Boris. O poder e o sorriso. São Paulo: Cia das Letras. 2006. Pg. 172.

²⁹ MEYER, Marlise Regina. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* (1955-1957). Tese de doutoramento. PUCRS. 2007. Pg. 74 à 78.

³⁰ Utilizo o termo “primeiro mundo” considerando o período histórico estudado, quando ainda se dividia o globo conforme a Teoria dos Mundos, onde o ‘primeiro mundo’ eram designados os países da Europa e Estados Unidos, que possuíam economias fortes e altos indicadores sociais, o ‘segundo mundo’ eram os países onde o regime de governo era o comunismo’, sendo que o ‘terceiro mundo’ era designado para países com economia frágil e em desenvolvimento; nesses se enquadram todos da América Latina.

período³¹. Um grande e complexo projeto, que tinha objetivos bem claros e fundamentados. Interiorizar a capital para minimizar as diferenças regionais brasileiras, ter uma cidade em que as atividades fossem movimentadas em torno do governo federal, deslocar o eixo do debate político nacional, e, acima de tudo, afastar a capital do litoral para garantir a democracia. Sobre isso, Ronaldo Couto diz:

Era fundamental livrar o governo da vulnerabilidade presente no Rio de Janeiro, da instabilidade política, dos evidentes indicadores de ingovernabilidade, fugir dali, sair o mais depressa possível [...]. Sim, se conseguisse, alteraria a posição relativa do presidente até mesmo no poderoso e perigoso fogo cerrado político-militar local.³²

Brasília promoveu sonhos, movimentou pessoas - operários, políticos, intelectuais - de todas as camadas sociais do país, que trabalharam e se envolveram para a conclusão do grande projeto brasileiro³³. Porém, acima de tudo, Brasília serviu para desviar a atenção e acalmar os ânimos de uma democracia jovem e frágil, garantiu que, pelo menos, JK terminasse seu mandato e pudesse deixar eleito um novo presidente.

De fato, conforme já fora dito, o Brasil possuía grande riqueza e potencial para se desenvolver, porém, na política, os atores eram ambiciosos, os partidos eram fracos, fixados a uma elite de mentalidade agro-exportadora. A democracia - governo ideal do capitalismo - estava constantemente ameaçada, pois a política brasileira dos anos dourados viveu um verdadeiro caos. Em apenas uma década, seis presidentes passaram pelo Catete, um presidente se suicidou, e as ameaças de um golpe militar eram constantes³⁴.

³¹ MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileirs. 2003. Pg. 177.

³² COUTO, Ronaldo. Brasília Kubitscheck de Oliveira. Rio de Janeiro, Record, 2006. Pg. 195.

³³ Destaco o depoimento de Zettel, o qual ilustra o sentimento dos envolvidos no projeto de construção da nova capital: “Era um Brasil muito otimista, uma geração que acreditou no Brasil, um espírito assim que tinha o sentido de era possível você construir é, é, um país. Enfim, essa coisa de, de jovem mesmo. E a gente fez uma coisa sempre com muita seriedade, mesmo brincando.” O depoimento está disponível In: DUARTE, Luis Sérgio. A CONSTRUÇÃO DE Brasília como experiência moderna na periferia capitalista: a aventura. Revista UFG/Junho 2009/Ano XI nº 6. P. 06. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/construcao.pdf acesso 05/01/2010.

³⁴ São eles: Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), Getúlio Vargas (1951-1954), Café Filho (1954-1955), Carlos Luz (08 Novembro de 1955-11 de novembro de 1955), Nereu Ramos (1955-1956) e Juscelino Kubitscheck (1956-1961).

Optou-se, neste estudo, por falar brevemente somente de dois dos presidentes do período. São eles: Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Isso porque foram esses os presidentes eleitos no regime democrático, e foram, na opinião desta autora, os presidentes que influenciaram mais diretamente o período estudado, assim como, as questões abordadas neste estudo.

A década iniciou com a eleição vitoriosa de Vargas, que, após largar o governo ditatorial do Estado Novo em 1945, voltava à presidência da república eleito pelo povo com 48,7% dos votos. Entre as promessas de campanha, estavam fazer uma reforma social, seguir defendendo o nacionalismo - aumentando ainda mais a ação do Estado – e, também, estender os benefícios da legislação trabalhista para os trabalhadores do campo³⁵.

Contudo, apesar do apoio popular, Vargas sofria forte oposição política. Era pressionado pela imprensa³⁶, e seu governo estava constantemente envolvido em polêmicas. Começando em 1951, logo no início de seu governo, quando enviou o projeto da Petrobrás ao congresso, gerando discussão em torno do monopólio da exploração do petróleo. Essa foi uma das marcas do mandato de Vargas, que teve como consequência sucessivos problemas. Somase, ainda, a pressão dos latifundiários e outros setores devido à queda do preço do café e dos demais produtos de exportação que perdiam a concorrência para o mercado externo por preço.

A balança comercial em 1952 apontava um déficit de 286 milhões de dólares, a inflação e a corrupção do governo manchavam a imagem do presidente³⁷. Vargas enfrentou também greves dos sindicatos, que reivindicavam independência das regras do governo, e isso terminou por assustar os industriais, que também não gostaram quando, em 1954, Getúlio dobrou o salário mínimo na tentativa de acalmar o operariado³⁸. Dentre os golpes finais ao governo varguista, está o pedido de *impeachment* em abril de 1954³⁹ e o atentado ao jornalista Carlos Lacerda⁴⁰, que resultou na exigência de que o presidente eleito renunciasse ao cargo.

³⁵ FAUSTO, Boris. O poder e o sorriso. São Paulo: Cia das Letras. 2006. Pg. 164- 167.

³⁶ Na imprensa, destaque para a oposição de Carlos Lacerda, jornalista e fundador do jornal *Tribuna da Imprensa*, que dedicava seus textos para fazer críticas ao governo varguista.

³⁷ FAUSTO, Boris. O poder e o sorriso. São Paulo: Cia das Letras. 2006. Pg. 174.

³⁸ LEVINE, Robert. Pai dos pobres? O Brasil da era Vargas. São Paulo: Cia. Das Letras. 2001. Pg. 126.

³⁹ A justificativa para o pedido de *impeachment* era uma denúncia que alegava que Vargas estava em negociações com os governos da Argentina e do Chile para formar um bloco latino-americano contra os Estados Unidos. LEVINE, Robert. Pai dos pobres? O Brasil da era Vargas. São Paulo: Cia. Das Letras. 2001. Pg. 128.

Sem apoio político, Getúlio Vargas não teve como driblar a crise e acabou por suicidar-se em 24 de agosto de 1954. Sua morte levou multidões de populares às ruas, causou quebra-quebras, mobilizou o país de uma forma jamais vista. Os ânimos estavam tensos, mas os golpistas acabaram paralisados diante da multidão. “O presidente morto inspirava, no mínimo, prudência política.”⁴¹

Por fim, Café Filho assumiu a presidência temporariamente, sendo sucedido posteriormente por Carlos Luz e depois Nereu Ramos. Houve debates sobre convocar ou não novas eleições; decidiu-se que sim e, em 03 de outubro de 1955, Juscelino Kubitschek era eleito o novo presidente do Brasil, com 36% dos votos válidos e um plano de metas que prometia desenvolver 50 anos em 5 e balançar as estruturas do país.

JK foi, com certeza, o presidente “dourado” dos “anos dourados”. Ele foi o que mais se destacou no período da experiência democrática⁴². Homem de ação, Kubitschek comprometeu-se com os limites da constituição e da democracia. Movimento, ação e desenvolvimento foram os lemas de um governo que queria aquecer, desenvolver a economia brasileira através das indústrias e integrar o Brasil com a construção de uma nova capital no planalto central.

JK construiu um Plano de Metas para seu governo que foi uma forma inovadora de planejar um mandato. Conforme Moreira⁴³, o Plano de Metas era, sobretudo, um plano econômico composto por 30 metas e estavam distribuídas entre energia, transporte,

⁴⁰ O atentado a Carlos Lacerda ocorreu em 5 de agosto de 1954 e certamente foi o golpe final ao governo Vargas. Depois de o tiro acertar o pé do jornalista, descobriu-se que a ordem partiu do Palácio do Catete, sob ordens do chefe da guarda pessoal de Vargas, Gregório Fortunato e do irmão do presidente, Benjamim Vargas.

⁴¹ FERREIRA, Jorge. Crises da república: 1954,1955,1961. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileirs. 2003. Pg. 315.

⁴² Conforme Jorge Ferreira, são considerados como experiência democrática os governos do intervalo de tempo entre as ditaduras de Vargas (Estado Novo) 1937-1945 até o Golpe Civil-Militar de 1964. FERREIRA, Jorge. Crises da república: 1954,1955,1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileirs. 2003.

⁴³ MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileirs. 2003. Pg. 159.

alimentação, indústria de base e educação. Brasília foi incorporada no Plano de Metas posteriormente, mas acabou virando o principal objetivo de JK.

Apesar das condições da política nacional, JK conseguiu implementar sua proposta e trouxe desenvolvimento ao Brasil. Entre acordos e concessões, pode-se dizer que o presidente não só cumpriu o seu Plano de Metas como, ao final do seu governo, várias das metas haviam sido superadas⁴⁴, criando no Brasil um modelo de industrialização que viria ser copiado pelos militares nos anos 1960.

Um dos motivos do sucesso do Plano de Metas foi a aproximação de Juscelino com o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o qual era composto por diversos intelectuais de renome nacional, que elaboraram o plano nacional-desenvolvimentista. O ISEB era um centro ativo de intelectualidade, através de publicações de livros, organização de debates e seminários. O instituto era um espaço onde políticos, acadêmicos e intelectuais pensavam sobre as questões nacionais.

No entanto, os intelectuais isebianos viam grandes empecilhos na implantação do nacionalismo-desenvolvimentista, pois acreditavam que os setores agro-exportadores e anti-industriais não teriam interesse no novo modelo de desenvolvimento. Para resolver a questão, os intelectuais trabalhavam buscando uma forma de unir esses setores sem interferir na democracia.

Nesse sentido, há de se admitir que o grande golpe de JK para o não enfrentamento com a oligarquia rural foi Brasília. Já falamos da capital do planalto aqui, mas há de ressaltar, que com a sua inauguração, inaugurou-se também o chamado “cruzeiro rodoviário”⁴⁵, que possibilitou a Juscelino desenvolver a indústria sem interferir nos interesses dos latifundiários. Sobre isso:

No interior existia, em potencial, um importante mercado consumidor de produtos industrializados, subaproveitado ou até mesmo não aproveitado, devido à falta de meios e vias de comunicação.

[...]

⁴⁴ Dentre os números do Plano de Metas, destaque para a construção de estradas, indústria automobilística, pavimentação de rodovias e energia elétrica. Para saber mais ver: MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico. 2003. P. 160,161.

⁴⁵ O Cruzeiro rodoviário era composto pelas rodovias Belém / Brasília (2.000 km), Acre / Brasília (2.500 km), Fortaleza / Brasília (1.500km), Belo Horizonte / Brasília (700 km) e Goiânia / Brasília (200 km).

A operação foi, contudo, o meio encontrado por Juscelino de favorecer o desenvolvimento industrial, sem entrar em rota de colisão com os fortes interesses da oligarquia rural, e, mais do que isso, de costurar a aliança política com aquele setor político social, interessado em ampliar as fronteiras agrícolas em regiões até então apartadas do processo de desenvolvimento⁴⁶.

Além da aliança com a oligarquia rural, o cruzeiro rodoviário permitiu a industrialização do campo. Com as rodovias, foi possível transportar maquinário e, principalmente, devido ao aumento de consumo, a produção aumentou, modificando a escala e a forma de produção. Enfim, ganhou os interesses do campo e da cidade. Vale lembrar que todo o processo de industrialização do Brasil no período JK foi desenvolvido com forte presença do capital estrangeiro.

É bem verdade que a industrialização tão sonhada não atingiu toda a população, muitos ficaram alheios ao processo e passaram despercebidos. A opção do governo em não contrariar a oligarquia rural fez com que grande parte da população, que morava no campo e era composta de posseiros, pequenos agricultores e indígenas, fosse abandonada pela administração que não considerou a possibilidade de fazer uma reforma agrária tão necessária para o Brasil naquele período e nem mesmo de estender a legislação trabalhista para o campo. Terminou que a parte social do governo de Juscelino foi abandonada em prol do desenvolvimento do capitalismo.

Contudo, o maior mérito de Juscelino Kubitschek foi promover a aceleração industrial sem atingir a democracia. O jogo de cintura de JK, unido ao suicídio de Getúlio Vargas, adiou o golpe militar, mas infelizmente não foi capaz de evitá-lo. Sobre isso destaco uma fala de Tancredo sobre a morte de Getúlio Vargas:

“Dizem que a camisa ensangüentada de Lincon fez sete presidentes nos Estados Unidos. O suicídio de Getúlio fez fatalmente Juscelino. (...) Eu acho que o suicídio teve realmente como consequência a eleição de Juscelino. Mas o suicídio também adiou 64. Você verifica as lideranças de 54 são as mesmas de 64. Com os mesmos objetivos. Sessenta e quatro foi uma revolução de direita, uma revolução conservadora, uma revolução nitidamente pró-americana, feita inclusive com a participação deles, americanos, que já tinham participado em 54.”⁴⁷

⁴⁶ MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003. Pg. 176, 177.

⁴⁷ COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Rio de Janeiro: Record. 2006. Pg. 197.

Os presidentes dos quais falamos brevemente neste estudo são importantes porque suas ações políticas foram de suma relevância para a aceleração da modernidade no país, apesar dos problemas nacionais. Tal processo tem início nos anos 1920, contudo é durante a década de 1950 que o progresso e a modernidade se firmam, tornando-se irreversíveis. E, se na economia e na política foram feitos esforços para a firmamento de novos paradigmas como urbanidade e universalismo do sujeito, na cultura não poderia ser diferente.

Daí, o Brasil dos anos dourados teve também como legado a massificação cultural e deixou para a história uma imensidão de ricas produções e possibilidades nas mais diversas áreas - literárias, musicais e cinematográficas, entre outras -. Sobre isso falaremos rapidamente, buscando demonstrar a diversidade da época, assim como algumas mudanças comportamentais que serão tratadas ao longo deste trabalho.

Não dá pra falar de cultura brasileira sem falar de futebol. E a década de 1950 é “ouro” nesse sentido, pois iniciou com uma copa do mundo em solo brasileiro em pleno Rio de Janeiro, além da inauguração de um dos palcos mais importantes do nosso futebol: o Estádio Angelo Mendes de Moraes, batizado posteriormente pelo “povo” de Maracanã.

GUTERMAN explica que, construído para ser o espaço de glória da seleção brasileira de futebol, o Maracanã foi, na época, símbolo da auto-estima nacional, era a Santa Sé do futebol e era também uma obra moderna e faraônica; nada menos do que o maior estádio de futebol do mundo. E, para a festa ficar completa, restava à seleção brasileira conquistar o seu primeiro campeonato mundial; nada impossível considerando o time que Flavio Costa⁴⁸ tinha nas mãos, mas não foi o que aconteceu. Em 16 de julho de 1950, 200 mil torcedores - o maior público da história – ficou completamente calado diante do gol de Ghiggia⁴⁹, que virava o jogo e tornava o Uruguai campeão da Copa do Mundo de 1950⁵⁰.

“[...] os deuses do futebol haviam decido desequilibrar o jogo a favor do Brasil, fazendo nascer nos gramados, na mesma geração, Pelé e Garrincha⁵¹”, e, em 1958, brasileiros

⁴⁸ Técnico da seleção brasileira da Copa do Mundo de 1950.

⁴⁹ Atacante da seleção uruguaia que marcou o segundo gol para a seleção uruguaia no final da copa de 1950.

⁵⁰ GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular brasileira*. São Paulo: Editora Contexto. 2009. Pg. 96.

⁵¹ GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular brasileira*. São Paulo: Editora Contexto 2009. Pg. 118.

acompanharam pelo rádio e pela televisão a Copa do Mundo da Suécia que, deixou para traz o Maracanazo⁵² e o complexo de vira-latas⁵³ do brasileiro em relação ao resto do mundo. Numa goleada de 5 x 2 sobre dona da casa, o Brasil conquistou o seu primeiro campeonato mundial, e milhões de brasileiros comemoravam nas ruas.

Para embalar o cotidiano da cidade dos anos dourados, músicos e compositores cantavam o amor, mais especificadamente a perda dele. O samba-canção, o baião e o bolero eram os ritmos predominantes nas rádios e nos salões de festa. Nas letras das músicas, predominava a dor do amor mal resolvido, da vingança, da melancolia, especialmente contra as mulheres que eram consideradas nas letras as grandes vilãs da paixão.

Por isso, o samba-canção foi um verdadeiro fenômeno nacional, gravava-se e vendia-se muito⁵⁴. Dentre os interpretes e compositores que mais se destacaram, podemos citar Maysa, Dolores, Dalva de Oliveira⁵⁵, Lupicínio Rodrigues, Herivelto Martins e Ataulfo Alves, entre tantos outros; no baião destaque para Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

Para alguns, a década teria sido perdida em termos musicais devido à banalização do samba e do excesso de capas que eram lançadas pelas rádios, fazendo da música um bem de consumo sem preocupação com a qualidade artística. Mas para os defensores do estilo, foi um momento rico em romantismo, boemia, criatividade e produção. Sobre isso:

O samba-canção tem seu clímax na época em que as boates surgem para substituir os cabarés. O ambiente tem a ver com a música que você faz. Aquela boatezinha pequena, à meia luz, que se vai acompanhado do namorado ou do amante, não pode

⁵² Nome como ficou conhecido popularmente a vitória do Uruguai sobre o Brasil na copa de 1950.

⁵³ Essa expressão foi utilizada por Nelson Rodrigues em suas crônicas sobre a seleção brasileira. Segundo o autor: “[...] O problema não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia.” GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular brasileira*. São Paulo: Editora Contexto. 2009. Pg. 121.

⁵⁴ No período entre 1951 e 1957 foram gravadas 924 composições, uma média de 132 sambas-canção por ano! Para saber mais: FAOUR, Rodrigo. *A história sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na música popular brasileira*. São Paulo: Record. 2006. Pg. 60.

⁵⁵ Para Dalva de Oliveira, vale destacar que foi a primeira mulher a se expor a cantar uma música em primeira pessoa. A música *Errei Sim* de Ataulfo Alves foi gravada no final de 1950, uma letra forte que denunciava o peso do machismo sobre as mulheres que se separavam. Ela foi considerada a Edith Piaf brasileira. FAOUR, 2006. P. 58.

ter uma música de banda, com metais e percussão pesada. Eles pedem um canto intimista, com a voz mais pra dentro.⁵⁶

Contudo, a partir da segunda metade da década, novas propostas musicais ganharam um tímido espaço nas rádios e na voz do público. A Bossa Nova, no Brasil, e o Rock and Roll, importado dos Estados Unidos, se firmariam nos anos 1960, mas conquistaram os ouvintes, especialmente os jovens, durante os anos dourados. Para a moçada, a música que fazia sucesso nas paradas da época não passava de um “chororô”.

Os sambistas modernos ou a Bossa Nova produziam harmonias mais sofisticadas, com letras mais amenas e que falavam da mulher de forma mais poética, além disso, os temas variavam incluindo a paisagem, sobretudo, do Rio de Janeiro. Porém, também tinham seus momentos de melancolia e produziam músicas tristes e de sofrimento por amor. Dentre os artistas da Bossa Nova, destaque para Vinícius de Moraes, João Gilberto, Tom Jobim, Ronaldo Bôscoli.

A Bossa Nova entrou na cena musical brasileira para ficar; os tradicionais sambas-canção coexistiram durante um tempo, e acabaram perdendo a cena musical. Quanto ao samba da modernidade, este perdurou nas décadas seguinte, influenciando jovens universitários e movimentando os famosos festivais da MPB.

Mas o ritmo que veio para balançar as estruturas tradicionais do período foi mesmo o Rock and Roll. Sobre isso:

Tratando mais do amor entre jovens do que suas angústias, o rock clássico traduzia ponderações de uma legião de adolescentes que começava a colocar em questão alguns dogmas da cultura dominante. Durante um lento processo de desilusões, este novo grupo iniciou um ataque à decência sexual, à família estável, encorajando a separação da juventude do controle familiar e reformulando questões que, uma década depois, se tornariam gritos de protestos⁵⁷.

⁵⁶ Do cronista João Máximo. In: FAOUR, Rodrigo. A história sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na música popular brasileira. São Paulo: Record. 2006. Pg. P. 63.

⁵⁷ PONTAROLO, Fábio. Protesto, crítica social e a influência musical do Rock N'Roll na música popular brasileira do pós-guerra. *Revista Polidisciplinar eletrônica da faculdade de Guairacá. Vol 1.* , 135-137. Julho de 2009. P. 138. Disponível em: http://www.revistavoos.com.br/edicoes/volume1/Caderno_Humanas/PDFs/CADERNO_Vol1_VOOS2009_CH.pdf acesso 12/01/2010.

E o grande fenômeno mundial dessa nova proposta musical foi sem dúvida Elvis Presley. Polêmico, o jovem artista gerou repulsa nos mais conservadores; pois, a voz, as letras das músicas e o jeito ousado de dançar do cantor chocaram os mais puritanos, mas, ao mesmo tempo, conquistaram os jovens do mundo todo, que acabaram por se render a nova estética musical. A música, inclusive brasileira, nunca mais foi a mesma depois de Presley; o “rei da guitarra elétrica” seduziu a juventude de uma sociedade cujos valores morais eram claramente estabelecidos.

Para finalizar, quero falar de mais um dos ícones da modernidade: a sétima arte, a imagem em movimento: cinema. Arte que encantou gerações. Os anos 1950 marcaram o advento da televisão, assim, especialmente nos Estados Unidos, a televisão começou a roubar o público de Hollywood; o que motivou os estúdios a aperfeiçoar as técnicas de filmagens e efeitos especiais para reconquistar o público. Cores, som e imagens em 3D (com a utilização de óculos Polaroid) foram alguns dos recursos utilizados.

Mas, segundo Bergman, o que realmente chamou a atenção do público para a telona foi a mudança de temáticas abordadas, ou melhor, o amadurecimento dos temas tratados. Então as filmagens hollywoodianas levaram para as telas temas que eram tabus e não poderiam ser abordados em família – de acordo com as regras morais - logo, não estariam na televisão, dentro da sala de estar das pessoas. Que temas eram esses? Virgindade, prostituição e sedução feminina, além de heróis menos “certinhos” e mais humanos, o que fez de Marilyn Monroe e James Dean serem pupilos da época⁵⁸.

No Brasil, onde a televisão recém dava seus primeiros passos, o cinema de Hollywood era um verdadeiro fenômeno. Conforme Meneguello, 80% da população das grandes cidades freqüentava o cinema, por isso, se consumia muito em torno da produção cinematográficas norte-americanas. Revistas que vendiam o cotidiano de atores e atrizes, a moda lançada nos filmes, trilhas sonoras são alguns dos tantos produtos que sobreviviam de Hollywood. Assim, podemos dizer que o cinema produzido nos Estados Unidos “foi efetivo, funcionou, veiculou padrões estéticos, de vida e expectativas, embeveceu e irritou.”⁵⁹

⁵⁸ BERGAN, Ronald. *Guia ilustrado Zahar cinema*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007. Pg. 48.

⁵⁹ MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: UNICAMP.1996. Pg. 17.

Na verdade, o que as telas apresentavam se aproximava muito do modelo de vida que a classe média brasileira almejava. O romantismo, o ideal do progresso e a modernidade que aparecia nos filmes alimentavam sonhos e criavam expectativas sobre uma nova forma de vida, davam às pessoas a oportunidade de projetar, mesmo que simbolicamente, todo o *glamour* das telas para o cotidiano nem sempre tão glamoroso.

Na produção nacional, a Chanchada tirava gargalhadas do público popular, parodiando os filmes americanos e fazendo crítica ao governo. Carlos Manga foi o grande diretor desse tipo de produção, tendo como astros Oscarito e Grande Otelo⁶⁰. As chanchadas eram produzidas, na maioria, pelos estúdios Vera Cruz e acabaram ficando para a história como uma marca do subdesenvolvimento, já que o tipo de humor produzido foi considerado inferior e de extremo mau gosto.

Já o outro grupo que fazia cinema no Brasil reivindicava mais realidade nas telas. Inspirado no neorealismo italiano, o Cinema Novo buscava apresentar conteúdo mais elaborado com custos menores; daí o lema “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”. As temáticas abordadas eram voltadas para acritica ao subdesenvolvimento do país. Em 1955, Rio 40 graus de Nelson Pereira e Santos foi o precursor da proposta que teve grandes mestres, dentre eles Glauber Rocha e Cacá Diegues.

Por fim, conforme iniciei falando, a década de 50 foi, no Brasil e no mundo, um período de efervescência política, econômica, social e cultural. O que falamos neste breve “bate-papo” foi apenas um esboço de acontecimentos que modificaram conceitos, visões de mundo e comportamentos; um esboço para pincelar uma conjuntura rica em detalhes.

Evidente que a modernidade, o desenvolvimento e o *glamour* dos salões e dos cinemas não chegaram a toda a população. Talvez, toda essa expectativa, que acabou frustrada para boa parte das pessoas, não era nada mais do que, conforme falado no início, uma forma de celebrar a paz, de manter essa paz. Infelizmente a história nos mostrou que ela não durou muito tempo, sobretudo na América Latina, que foi assombrada pelas ditaduras militares dos anos 60. Apesar disso, não há como negar, que os anos 50, apesar dos percalços

⁶⁰ Nem Sansão nem Dalila (1954) é um dos sucessos desse gênero que conquistou os populares. Para saber mais sugiro: RAMOS, Alcides. Historiografia do cinema brasileiro diante das fronteiras entre o trágico e o cômico: redescobindo a chanchada. Fenix: Revista de história e estudos culturais. , v.2 ano II, n°4 . www.revistafenix.pro.br. 2005.

e do sucesso parcial em sua empreitada, foram, sim, anos dourados e talvez por isso, até hoje, “Os fantasmas dos anos 50 ainda nos assombram.”⁶¹”

⁶¹ BERGAN, Ronald. *Guia ilustrado Zahar cinema*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007. Pg.51.

2.2) Lugar de mulher é... : espaços femininos nos anos 1950

Conforme vimos anteriormente, a década de 1950 foi bastante movimentada no Mundo e no Brasil também. Dentre tantas novidades na forma de viver, no comportamento e no acesso aos bens culturais, uma parcela da população merece atenção privilegiada no decorrer do processo. As mulheres, que já reivindicavam, desde décadas anteriores, igualdade de direitos civis em relação aos homens, tiveram, durante a efervescência dos anos dourados, a oportunidade de explorar novas possibilidades de participação social.

Para Pinto⁶², a década de 1950 teria sido pouco significativa em termos de avanços para o movimento feminista, pois as ações teriam sido poucas e inexpressivas, além de estarem ligadas não ao feminismo e sim ao movimento de mulheres. - movimentos de luta contra a carestia, os clubes de mães e as pastorais ligadas a Igreja Católica⁶³. Contudo, a autora admite a aproximação do movimento de mulheres com o movimento feminista, isso porque, à medida que as manifestações chegavam às negociações políticas, acabavam por problematizar a condição de ser mulher e abordar as diferenças sociais e culturais de gênero⁶⁴.

Para além do movimento social⁶⁵, a geração das mulheres dos anos 1950 é significativa para a história de gênero, porque houve nesse período mudanças significativas de comportamento. Mudanças que, mais do que os direitos civis, influenciaram profundamente ações de mulheres nas décadas seguintes e foram influenciadas por diversos setores da sociedade da época. Isso porque, conforme foi já afirmado, o processo de modernidade

⁶²PINTO, Celi. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo. Pg. 44.

⁶³ Para esta autora, os anos 50 não contaram com ações feministas, mas apenas com ações de movimentos de mulheres. A diferença entre os dois, segundo a autora, é que o movimento de mulheres busca uma solução provisória partindo da condição de opressão de mãe, esposa e dona-de-casa. Já o movimento feminista se preocupa com modificações sociais e políticas que tem como principal objetivo modificar condições de opressão. PINTO, Celi. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo. Pg. 43-45.

⁶⁴Faço uso da explicação de SCOTT para conceituar gênero: “Gênero como substituto de “mulheres” é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. [...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para varias formas de subordinação no fato de que as mulheres tem filhos e os homens tem uma força muscular superior. SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil para a análise histórica. Revista Educação e Realidade. 1995.V. 2, n. 20 , 71-79. P. 73.

⁶⁵ Entendo feminismo como um movimento social porque tem como princípio questionar as diferenças de oportunidades e desigualdades de gênero, assim como reivindicar ações que contribuam para a igualdade de gênero na sociedade.

não podia mais ser adiado, nem as suas conseqüências. Tornaram-se inevitáveis as modificações promovidas pela vida urbana e seus espaços; a fábrica, os automóveis, o anonimato do ser humano, assim como a modificação dos espaços e das relações entre homens e mulheres.

Assim, o comportamento do habitante do espaço urbano e moderno ia se tornando cada vez contraditório ao papel tradicional de diversas esferas sociais; e as funções sociais das mulheres também fizeram parte dessa mudança de paradigmas. Isto é, apesar de vigente, ficava cada vez mais difícil manter o discurso de que as mulheres deveriam dedicar-se exclusivamente à ocupação de esposa, dona-de-casa e mãe; tornava-se cada vez embaraçoso, sobretudo para as camadas médias, que são o foco deste estudo, limitar o espaço feminino ao mundo privativo do lar⁶⁶.

Embora seja evidente que o comportamento tradicional predominava e continuava a se propagar, até porque mudanças acontecem de forma lenta e gradual, especialmente quando envolvem a modificação de pilares do pensamento que marcaram épocas; o marcante durante esse período é justamente um grande esforço e uma grande propaganda do discurso conservador para tentar vincular pilares tradicionais à modernidade. Dessa forma, tentar controlar hábitos, comportamentos e estilos de vida que os mais conservadores julgavam ser uma grande “baderna” e, também, uma grande ameaça à ordem social, sobretudo em relação à juventude e às mulheres da época⁶⁷.

Uma forma de exemplificar isso é pensar no grande investimento que se fez em publicidade direcionada às mulheres, buscando valorizar o papel tradicional dado a elas. Nos Estados Unidos, e também em alguns lugares da Europa, essas propagandas tiveram como efeito imediato o chamado *baby boom*, que foi, nada mais, que a propaganda promovida pelo estado para que as mulheres devolvessem aos homens que voltaram da guerra seus espaços no

⁶⁶ Utilizo o termo “camadas médias” por considerar a melhor definição para os espaços sociais intermediários. Não utilizo o conceito de classe por entender que limita os agentes sociais, não dando conta da variedade de espaços ocupados por esse setor social. Para saber mais: JR. SILVA, Ademar Lourenço. Em busca da classe média. In: GERTZ, René (Dir.); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). História do Rio Grande do Sul. V. 4. República: da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007.

⁶⁷ É importante lembrar que, para o discurso conservador, a mulher tem papel essencial na disseminação das normas sócias, pois é ela a responsável pela educação dos filhos e pela transmissão dos valores sociais. Tamanha é a importância da mulher no âmbito familiar que filósofos, como Heguel, por exemplo, chegaram a afirmar que a mulher seria a mediação entre a família e o Estado, pois seriam as mulheres as reprodutoras da ordem e das condições sociais estabelecidas para cada camada da sociedade. Sobre isso ver PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da historia. Bauru: Edusc, 2005.

mercado de trabalho e se voltassem para os cuidados da casa. Daí, casamentos foram incentivados pelo governo, assim como, o crescimento das famílias. Isto é, as mulheres eram incentivadas a engravidar e assim se dedicarem aos filhos, deixando o emprego fora do lar para os maridos⁶⁸.

De fato os espaços femininos estavam sendo questionados e revisados. As mulheres dos anos dourados são mulheres presas a valores tradicionais, mas que, em nome das modificações da vida moderna, passaram a rever conceitos e comportamentos. Para Michelle Perrot, “as mulheres parecem, sob o ângulo da igualdade, as principais beneficiárias da guerra que, no final das contas, acelerou uma evolução começada anteriormente, na *Belle Époque*⁶⁹”. Por isso, ao analisar essas mulheres, é importante levar em conta características que marcaram época, sejam elas tradicionais ou inovadoras. Por isso vamos falar brevemente de alguns espaços e algumas referências que foram consideradas como femininas durante o cotidiano dos anos dourados.

Se houvesse alguma palavra para definir as “ladies” dos dourados anos, essa palavra seria *glamour*. Explico: os anos 50 foram o auge dos concursos de beleza. Misses, rainhas estudantis, rainhas do rádio eram alguns dos concursos que marcaram época e vidas. Tais concursos, dentre vários objetivos, buscavam divulgar e valorizar a beleza da mulher, encontrar talentos, modelos e promover fama e ascensão social de mulheres anônimas. Mas também propagavam regras de comportamento feminino, já que, para concorrer, as moças deviam ser conhecidas por boa conduta.

Segundo Francischett, que estuda as representações femininas na revista *O Cruzeiro*, os concursos de beleza movimentavam a sociedade brasileira. A escolha da Miss Brasil iniciou no ano de 1954 e era uma das maiores festas do Brasil, perdendo somente para a copa do mundo. Conforme a autora, embora os concursos pudessem aparentar vínculo com o modelo liberal de vida, a regra era justamente o contrário, pois eram extremamente conservadores, preservando como modelo de beleza um padrão de ingenuidade, submissão e sensualidade subentendida.

⁶⁸ Para saber mais sobre o *baby boom* sugiro: PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2003, vol.23, n.45, pp. 239-260. ISSN 0102-0188. doi: 10.1590/S0102-01882003000100010.

⁶⁹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. Pg. 144.

Para a autora, esses eram ideais masculinos, já que os modelos de conduta dos concursos eram elaborados por homens, que posteriormente julgavam que ser miss era também sinônimo de ignorância. As negras eram raras na concorrência, que tinha, entre as regras, idade mínima, reputação “ilibada” e a exigência de ser solteira⁷⁰.

As rainhas ganhavam destaque nacional na imprensa, na publicidade e em festas da alta sociedade e por isso contribuía para a venda de imagem de determinado modelo feminino. É bem verdade que, durante esse período, há uma grande ambigüidade nas representações das mulheres, que ora aparecem como independentes, modernas e musas, e ora são caracterizadas como objeto de consumo, donas de casa e submissas. No entanto, era visível o aumento da presença feminina na vida pública, o que resultou no aparecimento de outras formas de feminização, que iam além da inocência tradicional e modificavam as relações nos mais diversos espaços. Sobre isso:

A entrada das mulheres na vida pública, exercendo papéis entre o público e o privado, demonstra uma mediação entre a família e as instituições da sociedade civil. Alguns exemplos são a presença das mulheres em profissões e lugares tidos como lugar masculino. A revista pública - refere-se ao *O Cruzeiro* - a alternância entre papéis femininos e masculinos. Ainda que em alguns momentos as mulheres sejam julgadas por isso⁷¹.

A forma de vestir era fundamental para as mulheres dos anos 1950 e, para entender o glamour dessa mulher, é pertinente falar brevemente de um dos períodos mais inspiradores para a moda contemporânea e para a história da moda. De um lado, as fibras sintéticas, o conforto da moda esportiva tão apreciada pelos americanos do norte e o biquíni, que, em 1946, ganhava uma versão “mini” do francês Louis Réard⁷²; e, de outro lado, a valorização das linhas suaves e longas, ombros a mostra, cinturas marcadas e acessórios luxuosos da alta

⁷⁰FRANCISCHETT, Leandra. Representações das mulheres na revista *O Cruzeiro* através das fotografias no período de 1956 a 1960. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense / Universidade Estadual Centro-Oeste do Paraná. Niterói, 2007. Pg. 95.

⁷¹FRANCISCHETT, Leandra. Representações das mulheres na revista *O Cruzeiro* através das fotografias no período de 1956 a 1960. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense / Universidade Estadual Centro-Oeste do Paraná. Niterói, 2007. Pg. 174.

⁷² MENDES, Valerie. *A moda no século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Pg. 124.

costura francesa, que davam às mulheres um ar romântico e inocente; uma sensualidade quase tímida.

“A Paris do pós-guerra foi uma Meca da moda⁷³”, e lá estavam instaladas cinquenta e quatro casas de alta-costura que criavam e vendiam para uma clientela exclusiva e rica. Dior, Chanel, Balenciaga, Pierre Balmain, entre outros, movimentavam um mercado que era o grande sonho de mulheres de todo o mundo. Os modelos da alta costura parisiense eram propagandeados principalmente nas telas de cinema e chegavam às mulheres comuns através de moldes – muitas vezes cópias baratas – publicados em revistas femininas que sempre tinham um espaço dedicado às tendências e às novidades do mundo da moda.

Além de Paris, Milão também ganhou grande destaque na alta costura durante os anos 1950, e os Estados Unidos ganharam espaço no cenário internacional não pela alta costura, mas pela praticidade das peças esportivas, pelo preço baixo e pela comercialização em série de roupas prontas. Nylon, couro e algodão estavam entre as matérias primas das roupas norte-americanas que conquistaram, sobretudo, o público jovem devido à informalidade das peças e a alta rotatividade promovida pelas butiques, que investiam numa moda colorida e peças leves que podiam ser renovadas a cada estação.

Da moda americana para as mulheres, destaco as lingerie, que tiveram um grande aumento da produção depois do final da segunda grande guerra devido à inserção do nylon no mercado aberto. Assim, as peças íntimas passaram a participar da composição da roupa ganhando rendas, desenhos e sensualidade. Além disso, as peças eram mais práticas e confortáveis, não apertavam como os corpetes e os sutiãs com seus bojos pontudos deixam os seios desenhados e sensuais. Também eram fáceis de lavar e de secagem muito mais rápidas, o que conquistou as moças da época.

Além das roupas, um arsenal de cosméticos e maquiagens ganhou o mercado e o coração das mulheres. Esses produtos prometiam juventude e valorização dos pontos fortes do rosto feminino. O batom vermelho junto com o delineador que destacava os olhos era parte do visual de uma mulher que cultivava uma imagem chic e, acima de tudo, sedutora. Aliás, a maquiagem era parte de um visual que buscava a elegância e, para compor ainda mais a

⁷³ MENDES, Valerie. A moda no século XX. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Pg. 134.

imagem, as mulheres investiam muito em acessórios como bolsas, luvas, cintos que valorizavam as cinturas e chapéus⁷⁴.

Na *Lady: a companheira da mulher*, o que encontramos nos espaços destinados a moda são croquis, cores e modelos de roupas que buscavam imitar as mais diversas tendências, que iam desde os trajes esportivos dos norte americanos e ingleses, aos vestidos que marcavam a cintura e decotes que recortavam e valorizavam o colo feminino à moda francesa. Outra parte que compõe o vestuário que aparece com bastante destaque na revista são os acessórios, que, conforme o texto, eram peças fundamentais para a elegância de uma mulher. Numa das reportagens, as leitoras são aconselhadas a dar atenção especial às luvas, bolsas chapéus e sapatos, pois sem essas peças não seria possível compor um visual digno de elogios.

“Consulte os árbitros da moda. Qualquer uma das dez mulheres mais bem vestidas do mundo lhe revelará o segredo do sucesso: são os pequenos acessórios que fazem a grande diferença. *Gaste nos seus acessórios tanto dinheiro quanto gasta nos seus vestidos.*”⁷⁵

O que o importava mesmo para as “*Ladies*” era estar bem vestida, seguindo as tendências e aparecer em público de forma elegante, assim elas conseguiriam gerar suspiros da mesma forma que as damas da alta sociedade, das telas de cinema e dos concursos de beleza.

Outro hábito que podemos chamar como parte de um perfil da mulher dos anos 50 era a prática de exercícios físicos. Muitos eram os motivos que incentivavam as mulheres à prática esportiva, dentre eles podemos citar a necessidade de manter o corpo esbelto para se enquadrar no modelo de beleza da época, a valorização do lazer em que funcionários tinham direito a férias anuais e o final de semana era tido como tempo de descanso e de fazer

⁷⁴ Importante pensar a moda além da aparência. Se para muitos a preocupação em vestir-se bem é mera futilidade, para as mulheres, sobretudo das camadas mais abastadas, que eram e são frequentemente aprisionadas por valores morais e práticas cotidianas de discriminação de gênero, a moda, mais do que uma forma de mostrar uma aparência impecável, foi, e ainda o é, uma forma de romper com hierarquias e barreiras sociais ajudadas pela legitimidade da beleza. Para saber mais: SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e tiros do Rio. In: NOVAES, Fernando (orgs). História da vida privada no Brasil. Vol. 3. São Paulo: Cia das Letras.

⁷⁵ *Lady: a companheira da mulher*. Dezembro de 1956. P. 36.

atividades que não pertencessem à rotina do trabalho de dos dias corridos da vida urbana e também a maior credibilidade do discurso médico que pregava qualidade de vida através da higiene, de bons hábitos alimentares e da prática de exercícios. Praticar algum tipo de esporte também fazia parte da forma moderna de viver.

Segundo Serpa, *O Cruzeiro* reforçava a importância dos concursos de beleza como forma de cultivar o corpo e levar as moças a praticarem exercícios. A autora afirma que, para as moças, a prática de esportes tinha ligação apenas com o discurso médico de higiene e como forma de viver bem. E, embora se pregasse a valorização de um corpo bonito e saudável, buscava-se não se fazer a relação do culto ao corpo, valorização da beleza feminina e atitudes de sedução, que eram condenadas para as moças de boa família⁷⁶.

Na *Lady*, há um espaço destinado à prática esportiva. As reportagens descrevem a importância dos exercícios físicos e demonstram com fotografias algumas atividades. Esportes como equitação, tênis, esgrima são apresentados como forma de movimentar o corpo e relaxar o espírito. Das reportagens que incentivam a rotina de exercícios, destaco uma seqüência chamada “Todo mundo tem um ponto fraco”, na qual as leitoras são ensinadas a alongar regiões do corpo que sofrem com as tensões do dia a dia, como pescoço, pernas e braços. As orientações são dadas por professores de educação física⁷⁷.

A vida urbana também propiciou às mulheres mais oportunidades em vários segmentos. O nível de escolaridade aumentou muito, especialmente, durante a década de 1950. Mais do que o ensino básico, as mulheres passaram a investir no ensino superior e, embora se saiba que nem todas exerciam as profissões nas quais foram graduadas, a melhoria nas condições da educação feminina serviu para minimizar um pouco o abismo que diferenciava homens e mulheres⁷⁸.

⁷⁶SERPA, Leoní. A máscara da modernidade: a mulher na revista *O Cruzeiro* (1928-1945). Passo Fundo, RS, Dissertação de mestrado Universidade de Passo Fundo. 2003. Pg. 54 e 58.

⁷⁷*Lady: a companhia da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. 1958. N° 08.

⁷⁸ É importante lembrar que nesse período o índice de analfabetismo era ainda muito alto. Mas ao que se refere ao ensino superior no período, segundo Carla Bassanezi, a proporção era de para cada 8,6 homens que completavam um curso superior havia 1 mulher em 1950, enquanto que em 1960 a diferença caiu para 5,6. BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: M. D. PRIORE, História das mulheres no Brasil (pp. 607-639). São Paulo: Contexto, 2004. Pg. 625.

Além disso, há de se considerar que, no mercado de trabalho, durante esse período, crescia consideravelmente a participação das mulheres e que as profissões que elas ocupavam exigia, na maioria, um certo grau de instrução, o que tinha como consequência um maior *status* social para essas mulheres. As profissões variavam desde as tradicionais, ligadas às habilidades domésticas e administrativas como magistério, enfermagem e telefonistas, até as profissões tidas como masculinas, como engenharia e advocacia por exemplo. De fato as profissões eram ainda muito relacionadas com o que era considerado como habilidades determinadas pelo sexo.

Há ainda outro espaço que as mulheres conquistaram durante o primeiro governo de Vargas: o direito de votar e serem votadas. Inicialmente, em 1932, o voto foi facultativo, mas depois, em 1946, tornou-se obrigatório e modificou o rumo das eleições a partir de então. Os discursos dos candidatos e as campanhas políticas passaram a considerar e se preocupar em orientar a opinião política das mulheres. Afinal, tratava-se da metade dos eleitores - em 1945 havia 7,5 milhões de votantes sendo a metade mulheres⁷⁹ - e, se inicialmente o debate foi ridicularizado, após se tornar um direito adquirido, o voto feminino poderia ser uma ameaça para a manutenção dos valores tradicionais⁸⁰. Por isso o discurso para as mulheres buscava atingir desejos individuais ou familiares; promessas como segurança dos lares, maior acesso ao consumo (baixa dos preços) e melhoramentos urbanos relacionados ao cotidiano doméstico, como creches, lavanderias e transporte passaram a ser ainda mais reforçados nas campanhas políticas.

Segundo Carla Bassanezi, apesar do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, ainda eram vítimas de preconceito as mulheres que se dedicavam a atividades externas ao espaço doméstico. A sociedade ainda não entendia como possível a conciliação das atividades do lar com um emprego remunerado. Para o pensamento vigente na época, não havia como cuidar bem de uma casa, ser boa esposa e educar dignamente os filhos se não

⁷⁹ LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil da era Vargas*. São Paulo: Cia. Das Letras. 2001. Pg. 113.

⁸⁰ A luta e a conquista do voto feminino foram marcadas pela ridicularização da mulher através do discurso de que a atuação no espaço civil degradava a família e tornava a mulher masculinizada. Depois da conquista efetivada, o que se percebeu nas primeiras eleições foi um esforço dos meios de comunicação em separar a luta sufragista e feminista das representações das mulheres exercendo o direito democrático. Nesse sentido, o destaque era dado não para o direito adquirido, mas sim para o despreparo das mulheres para atuar no espaço que era considerado exclusivamente masculino. Para saber mais: KARAWAJCZYK, Mônica. "O voto de saias": breve análise ds imagens na Revista O Globo (1930-1934). *História, imagem e narrativas* N.3 (26-56). Setembro, 2006.

houvesse dedicação integral para esses fins. Para a autora, que analisou o discurso de periódicos femininos do período, mesmo as mulheres solteiras sofriam certo preconceito ao exercerem uma profissão e eram bombardeadas de conselhos de como deveriam se comportar para manterem a boa reputação e não perderem a feminilidade⁸¹.

Mesmo tendo consciência da opressão que as mulheres sofriam socialmente devido às regras morais e às obrigações sociais de uma mulher durante o período - falaremos nisso em seguida -; o material analisado neste estudo - conforme veremos nos próximos capítulos de análise - representa a mulher de uma forma diferenciada do material analisado pela autora citada anteriormente⁸². Pelo menos no que diz respeito a exercer uma profissão, além de ser a “rainha do lar”; entende-se pelas representações da *Lady: companheira da mulher* que uma parcela significativa de mulheres durante os anos 1950 no Brasil atuou em seus espaços, fazendo arranjos no cotidiano e modificando o posicionamento em favor de uma maior igualdade de gênero. Mulheres que buscaram espaços na esfera pública e se firmaram como profissionais nas mais diversas áreas, dando as primeiras demonstrações de que é possível sim ser trabalhadora, esposa e mãe de forma digna.

Contudo, entre pequenas liberdades conquistadas com o cotidiano da modernidade, havia uma grande vigilância em torno das mulheres. As regras de comportamento feminino eram rígidas. E, por trás do romantismo que ocupava a imaginação de jovens sonhadoras embaladas por músicas que cantavam sonhos e tragédias de amor e filmes com finais felizes, havia um discurso severo e repressor em relação ao modo de viver das mulheres.

O machismo presente nos anos dourados não é peculiaridade do período, pois é sabido que as mulheres foram, durante séculos, vítimas de regras repressoras que as deixavam em desvantagem social diante dos homens. Tanto tempo de repressão deixou marcas muito fortes nas sociedades e persistem até hoje; mesmo com todos os avanços do movimento feminista, as mulheres ainda sofrem com regras culturais, morais, sexuais e físicas.

Talvez a peculiaridade dos anos dourados seja que, pela primeira vez, essas regras foram divulgadas massivamente devido ao acesso facilitado que se passou a ter das informações, aliás, informações que eram específicas para cada tipo de público, isto é, a

⁸¹ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: M. D. PRIORE, História das mulheres no Brasil (pp. 607-639). São Paulo: Contexto.2004. Pg. 624 a 626.

⁸² Carla Bassanezi analisa o *Jornal das Moças* e *O Cruzeiro* para traçar o perfil da mulher dos anos dourados.

mensagem era a mesma apenas dita de formas diferentes. Assim, podemos pensar que os meios de comunicação que ganhavam cada vez mais espaço social e influenciavam cada vez mais a opinião das pessoas tiveram um papel importante na difusão e na permanência de regras morais que até os dias atuais geram debates e diferenciam homens e mulheres.

“O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar o seu funcionamento e reprodução, na vida das mulheres. É um peso nos seus ombros, pois é responsabilidade delas. É um peso também na sua identidade: a dona-de-casa perfeita é modelo sonhado de boa educação e torna-se um objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O trabalho doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa.⁸³”

Falar de uma mulher nos anos 50 significa falar da “*rainha do lar*”, o lar é sem dúvida o espaço mais adequado para a mulher nesse período. Segundo Moraes, o protótipo universal da família urbana foi fixado durante os anos dourados, e o trabalho doméstico “passa a ser visto como uma atividade privada, não sendo considerado ocupação econômica⁸⁴”. Dessa forma, as atividades domésticas eram privadas, de domínio feminino e eram consideradas como um complemento do trabalho masculino que era exercido nos espaços públicos.

O termo “*rainha do lar*” foi utilizado para denominar uma série de características que uma mulher deveria ter, caso quisesse ser bem sucedida na vida, isto é, manter um bom casamento. Assim, para conquistar e manter um “bom partido”, as moças recebiam ensinamentos práticos dos seus deveres para com a casa e o marido. Elas recebiam educação das mães, irmãs, avós e das escolas que, para as meninas, ensinavam economia doméstica e prendas manuais, além de conhecimentos gerais básicos.

Primeiramente, para casar, uma moça deveria saber se comportar, “se dar ao respeito”, como se costumava falar na época. Dessa forma, as roupas deveriam estar de acordo com a idade, assim como a maquiagem, para não apresentar uma beleza que pudesse soar como artificial, leia-se, sedutora. Porém, para não parecerem desleixadas, jamais deveriam deixar de estarem bem arrumadas e, ao namorarem, deveriam escolher alguém que fosse compatível

⁸³ PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007. Pg. 114.

⁸⁴ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no Feminino. In: PINKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi. História e cidadania. São Paulo: Contexto, 2003. Pg. 486.

socialmente e pelo qual elas tivessem afeto, pois a paixão não era considerada boa para relacionamentos duradouros⁸⁵.

As moças que namoravam não deveriam sair sozinhas com seus parceiros, e sim sempre na companhia do tradicional “segurador de vela” – irmãos, amigas e até os pais. Era ainda estritamente proibido permitir que o moço avançasse nos carinhos, pois isso era considerado sinônimo de “mulher da vida” – que já teve experiência com outros homens – e assim o namorado não mais respeitaria a moça, podendo romper o relacionamento⁸⁶.

Dessa forma, a vida de uma mulher nos anos dourados, conforme o discurso mais conservador, deveria ser única e exclusivamente destinada, primeiro, ao casamento e, depois, aos cuidados da vida a dois. E, mesmo que essa não fosse a única realidade de muitas mulheres, o ideal era que o casamento e o lar fossem as suas únicas ocupações e, embora se optasse por trabalhar fora, como várias mulheres das camadas médias optaram nesse período, era obrigação social específica da mulher manter as contas domésticas, a organização, a limpeza e a harmonia do lar.

Contudo, essa mulher moderna que está buscando se firmar no mercado trabalho lentamente, e que é alvo de consumo, recebe uma “ajuda” da modernidade, que a presenteia com uma variedade imensa de produtos para facilitar a vida e a rotina dos cuidados com a casa, para assim ter mais tempo para o marido e os filhos. Por isso, as mulheres dos anos 50 eram verdadeiramente bombardeadas de novidades tecnológicas e propagandas de eletrodomésticos. Geladeira, aspirador de pó, liquidificador, fogão, batedeira, máquina de lavar... Tudo para facilitar a difícil tarefa de manter uma casa na mais perfeita ordem.

Além da casa, a outra obrigação da mulher era com a maternidade. Ter e educar os filhos eram consideradas as missões naturais femininas, para que as famílias pudessem prosperar. Ao se tornar mãe, a mulher deveria abdicar de suas vontades e desejos em prol da educação dos filhos, para que os mesmos se tornassem cidadãos respeitáveis, pois “ser é mãe é padecer no paraíso”. Deixar os filhos a mercê do cuidado de estranhos era um ato terrivelmente condenável e qualquer desvio de conduta ou mau comportamento de crianças e

⁸⁵ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: M. D. PRIORE, História das mulheres no Brasil (pp. 607-639). São Paulo: Contexto.2004. Pg. 618.

⁸⁶ Conforme Bassanezi, o namoro não encarado como uma diversão e sim como o primeiro passo para a preparação do casamento. Sendo assim, para firmar compromisso com um rapaz a moça e sua família deveriam ter claros os interesses do mesmo em constituir família.

adolescentes era de responsabilidade interina da mãe. Veja o texto de uma coluna feminina do Correio da Manhã, escrito por Clarice Lispector⁸⁷:

Ser mãe não é apenas dar a luz à uma criança. Não é sofrer as dores do parto e depois esquecer o fruto de suas entranhas, deixando-a entregue a si mesma. Uma verdadeira mulher e mãe sabe que seus deveres vão além de alimentar, enfeitar e agasalhar o seu filho. Antes de tudo, deve dar-lhe amor. Amor que é devoção, cuidado, orientação e, sobretudo, participação nos seus problemas e dificuldades. Toda mãe deve conhecer o filho que trouxe ao mundo, e isso consegue-se a ele, ouvindo-lhe as primeiras queixas e os primeiros desejos. Deixá-lo inteiramente entregue aos cuidados de uma estranha, de uma babá, vendo-o por minutos, apenas beijando-o apressadamente no momento de exibi-lo às vistas é mais do que um erro, é um crime. [...] Depois queixam-se dos desgostos que, adolescentes, essas crianças trazem⁸⁸.

A maternidade era também o único motivo para o sexo e não se cogitava a possibilidade de praticá-lo fora da união conjugal. Apesar de ter melhorado a aproximação entre pais e filhos, a sexualidade era um grande tabu, e as mulheres eram privadas de informações e sufocadas com regras de moralidade.

Havia, inclusive, uma preocupação médica sobre isso, pois aumentava o risco de gravidez para as moças, já que muitas não sabiam como se prevenir. A virgindade era sinal de pureza e santidade, e a igreja, que exercia papel fundamental na educação, sobretudo das moças, condenava a relação sexual que não fosse para conceber filhos e ensinava que as relações sexuais eram sujas, vergonhosas e pecadoras.

A literatura sobre as mulheres dessa época afirma que não havia informações sobre sexo e menos ainda sobre o prazer do ato sexual. Muito pelo contrário, raramente se referia ao assunto e, quando isso acontecia - em livros, revistas (que são as fontes mais estudadas) – o termo sexo jamais aparecia, sendo substituído por apelidos como: “vias de fato”, “obrigações do casamento”, “intimidades do casal”, entre outros. O que deixava as mães aflitas em como orientar as filhas. Sobre isso:

⁸⁷ Clarice Lispector começou a escrever para a imprensa brasileira em 1940 e o fez até 1977, meses antes de seu falecimento. Dentre colunas em jornais e revistas, a autora escrevia sobre assuntos do cotidiano, dava dicas de beleza, regras de etiqueta e conselhos para as mulheres. Em algumas colunas, a autora, como era de praxe na época, assinava sob pseudônimos.

⁸⁸ In: LISPECTOR, Clarice. Só para mulheres. [orgs. Aparecida Maria Nunes]. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. Pg. 32.

Nos anos 60, a seção de cartas de *Cláudia* recebe vários pedidos de orientações e indicações de livros sobre sexo, o que demonstra a preocupação de leitoras como o assunto e a abertura de um espaço na imprensa feminina para esse tipo de informação, ainda que não ultrapasse os conselhos as obras mais adequadas ou a necessidade de se tratar o assunto com os filhos⁸⁹.

Sendo a virgindade, o casamento e a maternidade o destino certo das mulheres dos anos 50, é claro que o término de um casamento era praticamente uma heresia. Para a sociedade desse período, um matrimônio só era desfeito com o falecimento de um dos cônjuges. Por isso as mulheres eram aconselhadas a fazerem o possível para tolerarem as dificuldades do casamento e as infidelidades masculinas.

Nesse período, o divórcio⁹⁰ era ilegal e o desquite – única forma e separação – não dissolvia os laços conjugais, logo, nenhum dos cônjuges poderia casar-se novamente. O código civil vigente durante os anos 50 era o de 1916, no qual a mulher era dependente e subordinada ao marido, não tinha direito na administração dos bens e nem de agir sem o consentimento do esposo; por isso, ao desquitar-se, a mulher continuava a depender do ex-marido.

Para as mulheres, o desquite era rodeado de preconceitos e completamente desfavorável, pois, além da dificuldade de conseguir o desquite, elas eram ameaçadas de perder a guarda dos filhos e a pensão alimentícia, caso se relacionassem com outra pessoa. Eram mal vistas tanto a mulher desquitada, quanto a mulher que escolhia se relacionar com um homem desquitado, assim como as crianças envolvidas por esses relacionamentos, que também eram estigmatizadas socialmente. Quanto aos homens, a eles era dado o direito de manter uma concubina.

⁸⁹ BASSANEZI, Carla. Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. Pg. 151.

⁹⁰ O divórcio só se tornou lei no Brasil em 1977, e somente a partir desta data que mulheres e homens puderam dar fim ao contrato conjugal, ficando livre para casarem-se novamente. Essa lei também dava possibilidades das mães ficarem com a guarda dos filhos. Mas os direitos civis tanto do espaço público como do espaço privado entre homens e mulheres só se igualaram na constituição de 1988, quando o conceito de família foi modificado, entendendo como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. Com a legislação de 1988, o Brasil se tornou um dos países mais tolerantes em relação à família. Para saber mais: MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no Feminino. In: PINKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi. História e cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

Nem o Estado, nem a justiça, nem a sociedade e, muitas vezes, nem mesmo a família apoiava uma mulher que ousasse terminar o casamento e reconstruir sua vida com outra pessoa. Mesmo assim muitas o fizeram e, no final da década, o desquite começava a ser debatido com ares de reivindicação de direito ao divórcio, pois, além de poupar os filhos de serem estigmatizados socialmente, os casais estariam livres para novas relações amorosas, o que diminuiria os números de casamentos no exterior⁹¹. Apesar disso, os setores conservadores da sociedade resistiram ainda por duas décadas, e a igreja nunca cedeu a um segundo matrimônio.

Dentre tudo o que foi dito aqui, é relevante considerar que todo o *glamour* feminino, todo o cuidado com a beleza, todas as regras sociais – por mais conservadoras que pudessem ser – eram requisitos para formar um modelo ideal de mulher nos anos dourados. Esse estereótipo foi propagado na imprensa e pelos meios de comunicação da época e tornou-se objeto de historicidade porque marcou o comportamento e os valores desse tempo.

Era diante do modelo ideal que toda a sociedade, inclusive as camadas menos abastadas, incorporavam valores de um tempo conturbado pelas mudanças modernas. E, mesmo que esses valores fossem ditados pelas elites conservadoras, como ainda hoje ocorre, os agentes históricos que, de um lado, incorporam esse modo de vida, de outro burlam esse mesmo modo de vida com pequenas modificações na prática cotidiana.

Então, tabus eram quebrados, normativas questionadas e novos valores impostos. Nesse sentido os anos dourados são realmente “dourados”, pois os espaços, ao mesmo tempo em que são determinados rigorosamente, são também burlados pelos atores históricos, que, de forma tímida, chegam ao maio de 68 e explodem numa revolução de busca por liberdade, novas formas de viver e novos comportamentos.

As “prendadas” senhoras dos anos dourados, que, em nome da família, eram fiscalizadas por todos, viviam conforme o espírito da época, que reivindicava por modernidade, mais facilidades de vida e mais liberdade e, ao mesmo tempo, não conseguia se desfazer das práticas tradicionais. Encontrar o equilíbrio no choque de idéias não era tarefa fácil para nenhum setor da sociedade, não foi fácil para o Estado, que, conforme vimos, desejava uma democracia plena; não foi fácil para os mais pobres, que ficaram excluídos do

⁹¹ Para não ficarem ilegais e não serem acusados de bigamia, muitos casais iam até os países vizinhos – Uruguai e Argentina - para casarem-se e tornar legítima sua união.

progresso; nem para as mulheres, que, durante séculos, sofreram com o controle de seus corpos, de sua educação e da suas identidades. A caminhada foi longa e repleta de historicidade que nos leva hoje a tentar decifrar esse tempo que foi conturbado, glamoroso, dourado, entre tantas outras características.

2.3) Mulheres e trabalho: espaços de gênero

“Mas não nos vêem como cidadãs plenas. Tratam-nos como se o lugar alcançado não fosse nosso”, diz a antropóloga do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ela cita uma reportagem do jornal *Washington Post*, de janeiro, sobre a maior presença de embaixadoras em Washington. “A notícia fala de 25 embaixadoras no total de 182. Saiu na seção ‘Mulher e vida doméstica’ e não na página da política⁹².”

Ao optar por estudar as reportagens que abordam o trabalho feminino na revista *Lady: a companheira da mulher*, já sabia que estaria me arriscando a tocar num assunto um tanto “*démodé*” para o debate histórico da atualidade, já que essa temática foi muito bem estudada pelos historiadores da história do trabalho e também pelos marxistas⁹³. Contudo, gostaria de afirmar que o trabalho enquanto ofício humano é uma prática rica em peculiaridades e em possibilidades de novos diálogos entre o passado e o presente, entre rupturas e permanências, porque ele assume historicidade nas mais variadas formas de compreensão e análise. Para perceber isso, basta pensarmos, por exemplo, em variações culturais, de gênero ou de diferentes períodos históricos e até mesmo nos diferentes discursos que buscam analisar tanto o conceito como a vivência, e teremos uma gama rica de possibilidades de apreciação.

Nesse sentido, cabe ressaltar, inicialmente, que a proposta deste estudo é pensar o trabalho feminino nas camadas médias dos anos 1950 sob a ótica da representação e do discurso da revista *Lady: a companheira da mulher* (1956-1959), não considerando, portanto, questões salariais, organizações sindicais, condições de trabalho ou legislação trabalhista. Destarte, o que o leitor ou leitora encontrará na análise das reportagens da revista *Lady* são questões que pertencem às reflexões de representação sobre o discurso midiático ligado à ocupação do mercado de trabalho pelas mulheres e a historicidade dessa ocupação como um

⁹² Trecho retirado da reportagem *Agenda das mulheres no século 21*. De Iracy Paulina e Silvia Avazi da In: *Revista Cláudia*. Nº 3. Ano 49. Editora Abril. Março 2010.

⁹³ Como referências gerais cito: Cláudia Mazzei. *A feminização no mundo do trabalho*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. SULLEROT, Evelyne. *A mulher no trabalho: história e sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1970.

comportamento de independência feminina, interação entre os espaços público e privado juntamente com a construção dos novos valores da sociedade moderna do pós guerra. Também esclareço que tais conceitos serão mais bem definidos e ficarão mais claros no decorrer do texto e nos próximos capítulos deste estudo.

Quando as mulheres foram inseridas nas ciências sociais como objeto de estudo, a maneira de abordá-las foi buscar compreender a atuação nos espaços que eram a elas tradicionalmente destinados. Nesse sentido, os estudos identificaram, a partir do séc. XVIII, uma divisão sexual dos papéis sociais, e o papel da mulher estava ligado às responsabilidades com o espaço recluso do lar, isto é, do mundo privado e secreto da casa e dos cuidados maternos. A partir disso, as representações das mulheres ficaram conectadas com o mundo privado, com atividades de solidão e reclusão. Como exemplos dessas práticas podemos citar, por exemplo, o exercício da leitura, a amamentação, o cuidado com os doentes e idosos, além de exercício de tarefas domésticas de forma primitiva (quero dizer sem o auxílio tecnológico como por exemplo a eletricidade).

Georges Duby e Michelle Perrot, ao analisar as imagens da mulher nos quadros do séc. XIX, afirmam que a pintura “faz da expressão com duas palavras ‘mulheres de interior’ uma só imagem. E essa imagem é a mais corrente na época, em toda a Europa, quer seja assinada por homem ou por mulher⁹⁴”. Dessa forma, quadros como o “Elas não o esperavam” de Ilya Repin (1884) afirmam em sua composição que a “vida calma e doméstica de todos os dias é, pois, feminina; aquilo que chega do exterior surge como perturbador e talvez político, masculino. Os pintores levaram essa concepção do interior feminino ao extremo⁹⁵”, e, assim como no séc. XIX, a imagem dos espaços do interior da casa ainda é, em nossos dias, relacionada à identidade feminina, às atividades relacionadas às mulheres e a uma determinação cultural de gênero.

Dessa forma, em sentido oposto ao interior da casa, o espaço público está ligado ao espaço das ruas, dos salões e cabarés de grande circulação e, principalmente, aos cargos de governo, que tem poder político de decidir sobre o futuro da população. O espaço público se desenvolveu como um espaço de atuação masculino, onde os homens detêm o poder de

⁹⁴ DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *Imagens da mulher*. Portugal: Edições Afrontamento, 1992. Pg. 142.

⁹⁵ DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *Imagens da mulher*. Portugal: Edições Afrontamento, 1992. Pg. 143.

elaborar as normativas sociais e de fazê-las serem cumpridas através de instituições de regulação de poder, como, por exemplo, a polícia, a igreja e a educação erudita.

É importante lembrar que, apesar de bem delimitados, esses espaços, público e privado ou da rua e da casa, possuem uma fronteira variável de acordo com o contexto histórico em que estão inseridos. Porém, a manutenção dessa delimitação se dá através de um elemento importantíssimo, que tem por função unir esses espaços; elemento ao qual é de domínio basicamente feminino e que, de certa forma, determina à mulher a responsabilidade da manutenção da ordem social: falo da família, pois ela une o mundo secreto da casa ao mundo de publicidade da rua. A família, portanto, atua tanto no espaço público como no espaço privado. Sobre isso, Michelle Perrot, baseada na leitura hegeliana afirma:

Cédula de reprodução, ela engendra os filhos aos quais dá uma primeira socialização. Fiadora da consciência nacional ela transmite os valores simbólicos e a memória fundadora. A “boa família” é o fundamento do Estado: daí a atenção crescente que ele lhe dá e sua intervenção em caso de incapacidade das famílias pobres, as mais controladas. A família enfim garante a mediação entre indivíduo, sociedade civil e Estado⁹⁶.

Nesse sentido torna-se mais claro e compreensível o grande empenho do Estado, da própria publicidade, da igreja e de todas as outras instituições detentoras de poder e reguladoras da ordem social em dedicar um esforço significativo na tentativa de estabelecer um modelo ideal de família, pois ela representa o núcleo da sociedade, de forma que, independente das modificações conjunturais de cada tempo, é possível perceber a predominância do modelo tradicional de família, isto é, a família nuclear.

Seguindo a mesma conexão da família nuclear, os valores que podem ser considerados como pilares sociais que determinam papéis nos espaços públicos e privados e que caracterizam esse modelo familiar seguem sendo repassados de geração para geração, tendo como conseqüência a ligação íntima com a hierarquização de papéis sociais ligados a

⁹⁶ PERROT, Michelle. As mulheres e os silêncios da história. Bauru. SP: Edusc, 2005. Pg. 459.

diferenças de gênero construídas historicamente como diferenças biológicas. Por isso, mesmo com todos os avanços do movimento feminista, que batalhou pela politização do espaço privado, ainda é questão dos dias atuais a discriminação com relação às mulheres no espaço público, assim como a desvalorização do trabalho doméstico e a determinação, mesmo que por vezes de maneira indireta, que maternidade, casa e cozinha são obrigações femininas⁹⁷. Obrigações essas que pertencem ao mundo privado e que enclausuram, ou, pelo menos, restringem a atuação feminina no espaço público, levando a mulher à sobrecarga da jornada dupla de trabalho para poder conquistar igualdade de sucesso tanto na vida particular e doméstica como na vida profissional.

Historicamente, a ocupação do espaço público pelas mulheres se deu por meio do desenvolvimento e do crescimento do espaço urbano, porque se tornaram mais evidentes a divisão entre o espaço público e privado, o que acabou por fomentar calorosos debates sobre os direitos civis e jurídicos, promovidos, sobretudo, a partir da Revolução Francesa e da propagação dos conceitos liberais, tendo como uma das conseqüências a lenta e gradual ocupação das mulheres no espaço público e masculino.

Assim, nessa longa jornada de luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres, o trabalho feminino assumiu singularidades históricas que estão associadas às conquistas de direitos individuais. Portanto, para as mulheres, o exercício da atividade remunerada fora do espaço doméstico possui uma importância peculiar na ascensão de melhoras nas questões de igualdade civis, sexuais e políticas; porque é depois de saírem da reclusão e da dominação do espaço doméstico para o exercício de uma atividade específica e remunerada que as mulheres conseguiram dar importantes passos para a modificação de pilares importantes na estrutura social e cultural da sociedade ocidental, a ponto delas modificarem a sua própria imagem e chegarem aos dias atuais com a certeza de que avançaram muito. E é nesse sentido que a leitura e análise das reportagens da *Lady: a companheira da mulher (1956-1959)* assinalam para uma boa oportunidade de melhor entendimento sobre as representações das atividades femininas durante a década de 1950 no Brasil.

⁹⁷ Refiro-me como “por vezes indireta” em referência ao discurso do senso comum, e da própria imprensa feminina atual, no qual fica claro que há uma falsa idéia de igualdade entre homens e mulheres, já que é valor instituído o exercício de um ofício remunerado pela mulher que divide as despesas da casa. Contudo, o mesmo não acontece no que se refere ao trabalho doméstico.

Mas, afinal, o que é trabalho? Vários autores buscaram dar definições para esse conceito complexo e de importante historicidade; assim, podemos afirmar que trabalho é a transformação da matéria, é esforço físico e espiritual, é “uma atividade regulamentada que visa produzir valores úteis ao grupo⁹⁸”, é um esforço coletivo e socialmente organizado, é alienação. Enfim, variadas são as definições, contudo, elas estão ligadas ao objeto de estudo, às questões metodológicas e, principalmente, à temporalidade e cultura da sociedade em questão; por isso, para esta análise, a definição utilizada será a do IBGE, pois ela identifica na atualidade uma questão que contribuiu com a necessidade das mulheres em buscar um ofício para além do espaço doméstico já na década de 1950⁹⁹. Podemos afirmar, consideradas as devidas peculiaridades de cada tempo, que temos um traço de permanência histórica na definição de trabalho:

[...] trabalho são todas as ocupações remuneradas em dinheiro, mercadoria ou benefício, desenvolvida na produção de bens e serviços, assim como qualquer ocupação remunerada no serviço doméstico e qualquer ocupação não remunerada na produção de bens e serviços desenvolvidas pelo menos uma vez por semana. *Essa definição, apesar de bastante ampla e de incluir as empregadas domésticas, exclui as donas-de-casa, que continuam a ser consideradas, no Brasil, economicamente inativas*¹⁰⁰.(Grifo da meu).

Essa definição foi a escolhida por sintetizar a condição atual da mulher brasileira e, também, porque, assim como hoje, durante a década de 1950, o trabalho doméstico, ligado ao

⁹⁸ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Editora Contexto. Pg. 401.

⁹⁹ Apesar de utilizar a definição do IBGE, informo ao leitor que não é objetivo desse trabalho a abordagem estatística. Também destaco que nos anos 1950 os censos eram precários e a amostragem imprecisa, já que a maioria da população era rural o que dificultava a pesquisa, também nesta década questões de gênero não eram consideradas, os conceitos de trabalho, sustento familiar, organização da família eram universalizantes. As questões relativas a participação da mulher no mercado de trabalho, assim como, chefes de família e população economicamente ativa, passaram a fazer parte das questões do Censo só a partir dos nos 1970, pós ações civis do Movimento Feminista. Para consultar dados dos anos 1950 consultar: Estatísticas do século XX IBGE, RJ, 2003, ISBN: 852403080-1 CDROOM.

¹⁰⁰ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Editora Contexto. Pg. 404.

espaço privado, não era considerado uma atividade profissional, e sim uma função natural da mulher¹⁰¹. De forma que, para este estudo, optou-se, mesmo sabendo da importância das funções domésticas, por analisar somente as atividades representadas na revista como exercidas fora do espaço doméstico, isto é, exercidas no espaço público e que eram remuneradas e também exigiam algum tipo de formação. Lembrando que o público da revista *Lady*, conforme falaremos mais detalhadamente adiante, não se tratava de camponesas e operárias industriais, mas, sim, de mulheres das camadas médias com formação técnica ou de ensino superior que exerciam atividades especializadas.

Das mulheres das camadas médias, pode-se dizer que iniciaram sua participação no espaço público, assumindo as frentes de trabalho no período de combate das grandes guerras mundiais, quando os homens iam para os campos de batalha, e elas assumiram a responsabilidade de manter suas sociedades funcionando; porém, quando as guerras acabavam, para evitar altos Índices de desemprego –especialmente masculino - elas eram recolocadas em seus lares para voltarem a assumir a sua “função natural” de cuidar da casa, dos filhos e do marido¹⁰². Sobre isso:

Por isso as situações de crise econômica tornam mais difíceis que as mulheres possam manter as conquistas sociais conseguidas. Quando os governos tratam de reduzir o gasto público, estimula-se que as mulheres cuidem dos demais sem remuneração dentro das relações morais e efetivas da vida familiar, e isso soluciona ao mesmo tempo diversos problemas: reduzem-se os serviços sociais e pessoais o trabalho pago se vincula aos trabalhadores masculinos e decresce o desemprego.

¹⁰¹ Não encontrei a definição do IBGE para trabalho no período estudado, por isso, vou considerar as donas de casa da década de 1950 como população economicamente inativa, conforme os dias atuais, baseada na bibliografia de apoio deste estudo, que descreve a mulher dos anos 1950 como dependente do pai ou do marido. Sobre isso: BASSANEZI, Carla. Virando as paginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

¹⁰² Embora O Brasil não tenha ocorrido guerras e o envolvimento com as guerras mundiais não tenha sido tão efetivo no sentido de envolvimento militar, é preciso pensar que, especialmente nesse período dos anos 1950, o país recebeu uma grande influencia externa, especialmente das ações do pós guerra, assim, podemos considerar a guerra como um importante marco nas mudanças comportamentais e neste caso, nas ações das mulheres, especialmente, as mulheres da elite que foram influenciadas pelo cinema e pela publicidade a assumirem determinados comportamentos.

Fixa-se então a posição da mulher no lar e se constroem papéis segregados entre homens e mulheres¹⁰³.

Contudo, ao voltarem para o interior de suas casas, as mulheres começaram gradativamente a perceber as diferenças delas em relação aos homens e a dominação que sofriam na organização social. Dessa forma, a volta para casa não acabou não sendo exatamente prazerosa para essas mulheres, que, depois de terminar a primeira grande guerra, não demoraram muito a se organizarem para questionar a organização social da época. A partir daí, em plena década de 1920, iniciou-se uma longa jornada pela luta de direitos civis cuja principal bandeira foi o direito de poderem eleger e serem eleitas para participarem das decisões políticas de seus Estados¹⁰⁴.

Já no período pós Segunda Guerra Mundial, convencer as mulheres a voltarem para suas casas e a se contentarem com o exercício de sua “função natural” foi muito mais trabalhoso, e eu diria que fracassou em curto espaço de tempo. Todo o empenho do cinema hollywoodiano, das propagandas de eletrodomésticos, da massificação cultural em vender um modelo de mulher teve que, com o passar do tempo, encontrar um meio termo entre as reivindicações feministas e as mudanças que as mulheres começavam a protagonizar e o modelo tradicional que exigia dessa mulher um papel social rígido.

A década de 1950 foi marcada por forte romantismo e uma mulher moderna de impecável beleza e responsabilidade com as funções domésticas, conforme vimos anteriormente. Contudo, essa mulher, que encontremos representada nas páginas da *Lady*, já apontava para uma mudança que proporcionava a ela mais individualidade, acesso à educação, independência e liberdade, e que, nos anos 1960, viveria seu auge em repercussão

¹⁰³ D'Arguemir, Comas. Apud: STREY, Marlene Neves. A mulher, seu trabalho, sua família e conflitos. In: STREY, Marlene Neves (Orgs.). Mulher: estudos de gênero. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1997. Pg. 72.

¹⁰⁴ Esse momento do movimento feminista é conhecido como o feminismo de primeira onda, por caracterizar as reivindicações das mulheres como a busca pela igualdade de direito civis. Dessa forma almeja-se o poder político e direito ao trabalho. No Brasil, destaque para sufragista Berta Lurtz, que organizou frentes pelo direito da mulher brasileira fazer ter participação política podendo eleger e ser eleita. Para Saber mais: PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História: São Paulo, v. 24. N. 1, p. 77-98, 2005.

com o movimento feminista, exigindo em praça pública comprometimento do Estado com as questões de ordem privada¹⁰⁵.

A ocupação do espaço público, que é o espaço tradicionalmente masculino, começou a interessar às mulheres, certamente não só pela busca de independência financeira, como nos dias atuais¹⁰⁶, mas também pela busca da satisfação pessoal pela capacidade de se especializar em algo e ser reconhecida por esse ofício, ser reconhecida como indivíduo agente, como ser histórico em sua sociedade; satisfação essas que não encontravam enclausuradas dentro de suas casas, exercendo as tão desvalorizadas tarefas domésticas. Trabalhar permite à mulher conquistar uma nova identidade, um novo conceito, que é diferente do tradicional, que acrescenta habilidades a sua individualidade e novos traços a sua identidade, o que faz dela, de certa forma, um ser mais completo:

Se alguém “é” uma mulher, isto certamente não é tudo que esse alguém é, o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com as modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Conhecida como segunda onda do movimento feminista, que foi caracterizada pelas manifestações públicas que tinham como lema “*O privado é político*” e reivindicavam o fim da discriminação, igualdade entre homens e mulheres e direitos a liberdade de corpo para as mulheres, especialmente anticoncepção. Nessa fase é que ocorre a academização do movimento, quando as feministas acadêmicas passaram a teorizar sobre o segundo sexo e questionar o sujeito universal. Para saber mais: PEDRO, Joana e WOLFF, Cristina. *Nossotras e o Círculo das mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris*. In: *Revista de História, Cultura e Artes*, V. 9 N. 14 JAN. JUN. 2007. Dossiês Relações de Gênero e Arte. Instituto de História. PPG em História. Universidade Federal de Uberlândia. P. 55- 69.

¹⁰⁶ A autonomia financeira é uma das grandes preocupações das mulheres na atualidade, apesar do grande número de mulheres no mercado de trabalho – 42,43%. PAULINA, Iracy e AVAZI, Silvia. *Agenda das mulheres no século 21*. In: *Revista Cláudia*. N° 3. Ano 49. Editora Abril. Março 2010.

¹⁰⁷ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. P. 20.

Os conceitos de homem e mulher, conforme já foi afirmado neste texto, são construções históricas, assim, para compreender as significações que os indivíduos assumem em seus papéis sócio-culturais, nós, estudiosos, independente da área, fizemos uso de metodologias para buscar compreender os papéis, as relações e os paradigmas ligados a gênero. Desta forma, cabe lembrar que neste estudo serão consideradas as questões que se referem à representação do trabalho feminino de acordo com as reportagens da revista *Lady*.

A noção de gênero como uma construção social e cultural é extremamente recente para os estudos feministas¹⁰⁸, de forma que os papéis e identidades de homens e mulheres que tem por objetivo “introduzir na história global a dimensão da relação entre sexos, com a certeza de que esta não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada¹⁰⁹”. Por isso as práticas relacionadas a gênero que se modificam com tempo e brindam o historiador com uma variedade de particularidades que tornam enriquecedoras as possibilidades de estudo, contudo a representação e o discurso vigente em cada época é fundamental para a compreensão de paradigmas que identificam a construção do feminino e do masculino em cada tempo histórico. Ana Colling ao chamar a atenção para as questões teóricas de estudo de gênero afirma:

[...] objeto maior da história das mulheres deve ser o estudo dos discursos e das práticas que garantem que as mulheres consistam nas representações dominantes da diferenças entre sexos. As representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas em vários discursos, inscrevem-se nos pensamentos de homens e mulheres¹¹⁰.

Nesse sentido, torno a reforçar a importância de uma revista que apresenta em suas páginas mulheres atuando em espaços em que os estudos de história da imprensa são unânimes em afirmar que se tratava de ações isoladas e de má receptividade, sob o ponto de

¹⁰⁸ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Revista Educação e Realidade. V. 2, n. 20, 71-79, 1995.

¹⁰⁹ COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M., CABEDA, S.T.L., e PRENH, D. R. Gênero e Cultura: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Pg. 28.

¹¹⁰ COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M., CABEDA, S.T.L., e PRENH, D. R. Gênero e Cultura: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Pg. 19.

vista social. Conforme veremos no próximo capítulo, a imprensa feminina dos anos 1950 praticamente criminalizava o trabalho das mulheres fora do espaço doméstico, a *Lady* é uma exceção e como tal merece uma atenção particularizada.

Há quem diga que a busca pelo mercado de trabalho foi um “tiro no pé” das mulheres, já que chegamos à atualidade com uma mulher que não conseguiu assumir uma nova identidade, pois ainda é majoritariamente dela a tarefa de cuidar, amparar e educar os filhos e também de limpar a casa e fazer as compras e, embora a paternidade venha ganhando uma maior importância nas últimas décadas, ainda não podemos falar em igualdade de funções no que se refere à educação de nossas crianças. Prova disso é a nossa legislação trabalhista, que diferencia as licenças maternidade e paternidade, esta última inclusive sendo de grande desconhecimento dos trabalhadores¹¹¹. Contudo, as mulheres acrescentaram novos traços a sua identidade e hoje correm para dar conta de uma dupla jornada de trabalho, além de cumprir com os requisitos físicos cada vez mais exigentes, assim, elas são executivas, professoras, advogadas, empregadas domésticas, etc., mães, dona de casa e atletas, pois só com muita malhação para manter os “corpinhos” das revistas.

Porém, penso que a dupla jornada das mulheres não significa um equívoco e sim que a sociedade – incluindo homens, mulheres e instituições reguladoras - ainda tem muitos conceitos para transformar e amadurecer em prol da igualdade de direitos civis e superar o discurso que as mulheres já conquistaram tudo, pois ele esconde o preconceito praticado cotidianamente nos mais diversos espaços. É necessário identificar, diferenciar e reconhecer os espaços e capacidades de atuação de homens e mulheres, sem associar isso a características mitológicas, conservadoras relacionadas ao gênero, de forma que os jornais publiquem reportagens de embaixadoras nas páginas correspondentes a autoridade que elas se dedicaram para ter.

¹¹¹ Atualmente os pais têm direito a 15 dias de licença paternidade e as mães a 180 dias para a licença maternidade. Contudo, muitas mães abrem mão do tempo total de licença para não serem prejudicadas no emprego. O ideal, sob a opinião desta autora, seria que a legislação prevísse uma divisão de cuidados para que os pais e as empresas também assumissem responsabilidade sob o nascimento e cuidado das crianças, pois, da forma como está, a mulher acaba representando prejuízo para as empresas, o que reforça a dificuldade para a conquista de uma vaga no mercado de trabalho e segue mantendo a gravidez como um “empecilho” para o desenvolvimento da vida profissional.

3. A expressão da modernidade: o papel da imprensa



O sol nas bancas de revista

Me enche de alegria e preguiça

*Quem lê tanta notícia*¹¹²

3.1) A modernidade chega à imprensa

A modernidade e seus ideais, como não poderia deixar de ser, também atingiu a mídia dos anos 50. Tanto a imprensa falada quanto a imprensa escrita, além, é claro, da imagem em movimento, sofreram modificações tecnológicas que buscavam melhorar a qualidade e a forma de transmitir a mensagem desejada para conquistar ainda mais o público consumidor.

O cinema, grande motivador dos sonhos de consumo, desenvolvia tecnologias para impressionar os espectadores, deixando a imagem colorida, investindo em efeitos visuais – como a tridimensionalidade - e melhorando a qualidade e a importância do som nas cenas. O Brasil era um grande consumidor do cinema hollywoodiano; o ato de ir ao cinema estava ligado à forma de ser moderno, o que levou os administradores das salas a investirem em espaços grandes, que eram também espaços de sociabilidade, liberdade e, por vezes, de erotismo¹¹³.

A televisão, outra mídia que nesse período estava em ascensão, já era, nos Estados Unidos, presença comum nas moradias das camadas médias. No Brasil, ela estava ainda em

¹¹² VELOSO, Caetano. Alegria, alegria.1967.

¹¹³ MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: UNICAMP.1996. Pg. 11.

fase inicial, sendo privilégio dos mais abastados, tendo a programação, assim como a transmissão, a cargo da TV Tupi, que pertencia aos diários associados de Assis Chateaubriand. Inicialmente, tudo era rudimentar, a programação era toda feita ao vivo e faltavam equipamentos; mas, depois que iniciaram as concessões com o governo, além da TV Tupi (São Paulo), o Brasil passou a contar com mais dois canais de transmissão: a TV Record (São Paulo) e a TV Jornal do Comércio (Recife)¹¹⁴.

O rádio era ainda o meio de comunicação mais popular durante a década de 50. Era pelo rádio que a maior parte da população se interessava sobre notícias do dia, ouvia sobre a vida dos famosos, cantava os sambas-canção sucessos da época e acompanhavam histórias românticas de amores impossíveis por meio das rádios-novela, que faziam um grande sucesso na época. Na transmissão das notícias, o rádio tornou-se mais objetivo e consagrou o programa radiofônico “Repórter Esso”¹¹⁵.

Apesar das novidades do rádio, do cinema e da televisão, que são ricas em elementos que caracterizaram a época estudada, eles não serão objetos da nossa breve análise, que tem como o foco a imprensa escrita. É nas modificações e modernizações que ocorreram nela que vamos falar rapidamente neste espaço¹¹⁶.

O jornalismo dos anos dourados se modificou para se adaptar à lógica da vida moderna que, com a diminuição do tempo para as atividades de fora do horário de trabalho, passou a se considerar que era necessária maior agilidade na produção e no modo de publicar as notícias e as propagandas, para que as mesmas chegassem ao público de forma mais rápida e eficiente. Por isso, foram modificadas a maneira de escrever e de chamar a atenção do consumidor, e um novo padrão foi adotado. Sobre isso:

¹¹⁴ Em 22 de novembro de 1950, passam a existir as concessões com o governo federal, isso facilitou o investimento no novo meio de comunicação.

¹¹⁵ O “Repórter Esso” foi o primeiro noticiário de rádio jornalismo do Brasil que não se limitava a ler as notícias recortadas dos jornais, pois as matérias eram enviadas por uma agência internacional de notícias, sob o controle dos Estados Unidos da América. O programa radiofônico trouxe, para o rádio jornalismo brasileiro, a informação por ele divulgada além da notícia, também, informação dirigida, em propaganda político-ideológica, produzindo e construindo sentido e com alvo certo: o governo e determinados segmentos da sociedade brasileira. O programa também se estendeu à televisão.

¹¹⁶ As modificações ocorridas na imprensa também atingiram o rádio e a televisão, cada qual com suas peculiaridades, porém vamos nos deter na imprensa escrita, que é o foco deste estudo.

O arranjo do jornal moderno deve ser funcional. Primeiramente porque existe muita concordância para atrair a atenção do leitor (...). Além disso, com os custos de produção aumentando mais e mais a cada dia, não é conveniente para os editores empregarem tempo e dinheiro produzindo elementos tipográficos desnecessários¹¹⁷.

No caso do Brasil, optou-se pelo modelo americano de publicação, que foi considerado como o modelo que sistematizava e dava mais autonomia ao texto jornalístico, e que promovia uma narrativa própria ao impresso. A imprensa que conhecemos hoje, assim como a maneira como as informações, sejam elas notícias ou dicas de moda, são publicadas em jornais e revistas, é fruto das modificações no modo de fazer jornalístico, que se consolidaram durante o período estudado¹¹⁸.

Antes das modificações, a forma como a imprensa escrita abordava os assuntos tratados seguia o modelo francês, que era mais literário, sensacionalista e pouco objetivo, estruturado sobre um modelo conhecido como “nariz de cera”, em que a matéria contava com uma longa introdução, e o assunto principal era apresentado ao leitor no final. O jornalismo era um espaço de comentário das questões sociais, das práticas mundanas e de produção literária, assim o ponto de vista de quem escrevia se sobressaía em relação à notícia que deveria ser publicada¹¹⁹.

A mudança na produção jornalística brasileira foi importada dos Estados Unidos, e, conforme Barbosa, ela faz parte de um projeto de sedução feito pelos americanos do norte para a América Latina. Já no final da década de 1930 e início da década de 40, com o argumento de afastar o avanço do nazismo dentro dos governos nacionalista presentes nos países latinos, os Estados Unidos contaram com Nelson Rockefeller, que, com sua “fábrica de ideologias” e o apoio do presidente Roosevelt, conseguiu implantar a política de boa

¹¹⁷ Texto do Anuário de Imprensa, Rádio e Televisão, 1959. P. 48. Citado por (RIBEIRO, 2003). P. 151.

¹¹⁸ Os anos 50 foram, sem dúvida, o momento em que a profissionalização do “fazer” jornalismo se firmou como modelo. Mas, é importante lembrar que essas mudanças iniciaram anteriormente, especialmente na década de 40 e que ocorreram gradual e lentamente, até atingirem o seu auge nos anos dourados. Assim podemos dizer que “os anos 50, longe de representarem uma ruptura, são, a rigor, a consolidação das transformações por que vem passando a imprensa desde o início do século XX.” (BARBOSA M., 2007). P. 157.

¹¹⁹ MUNTEAL, Osvaldo; GRANDI, Larissa. A imprensa na história do Brasil - Fotografia no século XX. Rio de Janeiro: Desiderata, 2005. Pg. 92.

vizinhança, que vendia não só os produtos, mas também o modo de viver norte-americano que tinha como *slogan American way of life*.

“O sucesso econômico dependia do sucesso ideológico¹²⁰”, por isso o rádio, o cinema e as revistas eram parte da propaganda que mostrava a importância dos esforços americanos na guerra e como as inovações chegavam à população, no caso das donas de casa, através dos eletrodomésticos e alimentos enlatados. No caso dos impressos, havia uma quantidade significativa de revistas que eram traduzidas para o português e espanhol para serem vendidas na América Latina. Um exemplo de periódico influente foi a revista *Seleções*, que contava com textos de fácil compreensão, de temáticas que estavam relacionadas com a propaganda norte-americana e, também, dos gibis do Mickey Mouse e outros personagens Disney, que eram uma verdadeira febre no Brasil.

Esse grande volume de impressos importados dos Estados Unidos acabou tornando a imprensa brasileira dependente do material que era enviado. Contudo, o mais importante da influência dos americanos do norte na imprensa brasileira foi a modificação na forma de publicar as matérias impressas. Conhecida como “pirâmide invertida”, o modelo de publicar textos era completamente o oposto do modelo praticado anteriormente¹²¹.

Foi o jornalismo carioca que iniciou com as mudanças que formalizava a estrutura e a linguagem do texto; o uso da terceira pessoa como referencial passou a ser obrigatório ao publicar uma notícia¹²². Mas a maior inovação foi sem dúvida a prática do *lead*, que, do inglês, quer dizer orientação, indício, pista; era um pequeno texto que apresenta a notícia resumindo o assunto que seria tratado¹²³. O *lead* deveria resumir seis perguntas básicas:

¹²⁰ BARBOSA, Alexandre. A comunicação sedutora: aspectos da influencia norte-americana na comunicação brasileira. *Cenários da Comunicação*, V.4 , 13-24, 2005. Pg. 15.

¹²¹ BARBOSA, Alexandre. A comunicação sedutora: aspectos da influencia norte-americana na comunicação brasileira. *Cenários da Comunicação*, V.4 , 13-24, 2005.Pg. 17.

¹²² “Na década de 1950, circulavam no Rio de Janeiro 18 jornais diários, sendo 13 matutinos e 5 vespertinos, com uma tiragem global de 1.245.335 exemplares. Em todo o Brasil, existiam 230 jornais diários, com uma tiragem global de 5.750.000 exemplares.” BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000* (pp. 149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007. Pg. 154.

¹²³ A prática do *lead* é facilmente reconhecida pelo leitor e continua fazendo parte das publicações de jornais e revistas até os dias atuais.

quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como? e por quê? e era o contrário do “nariz de cera”, privilegiando os dados da notícia e não a opinião de quem informa o acontecimento¹²⁴.

Na técnica da pirâmide invertida, a lógica do texto noticiado deveria ser decrescente, isto é, primeiro deveriam ser ditas as informações consideradas mais importantes, deixando as informações consideradas menos relevantes para o final do texto. Isso tornava a leitura mais dinâmica, pois os fatos não eram narrados de forma cronológica e sim por sua importância imediata, atingindo e privilegiando mais significativamente o leitor médio e o senso comum; pois dessa forma o alvo de consumo era expandido para além do público letrado. Devido ao privilégio dos fatos, esse tipo de produção jornalística ficou conhecido como empresarial¹²⁵.

Ainda como parte do novo processo de produção da notícia, havia uma prática chamada *copy-desk*, que significa fazer uma nova leitura do texto para garantir a padronização das informações que viriam a ser publicadas. Então, assim que a notícia terminava de ser escrita, uma equipe de revisão entrava em ação para ver se todos os textos eram coerentes com a visão editorial do periódico, se essas publicações tinham harmonia entre si e se as redações estavam enquadradas no novo modelo de publicação.

Somando-se ao *lead* e ao *copy-desk*, outro elemento adicionava modernidade aos impressos brasileiros; falo do foto-jornalismo, que nesse período passa a valorizar o instantâneo, com a intenção de “prova da realidade”. Assim, as fotos produzidas para a divulgação da notícia deixaram de ser pousadas, dando preferência para o flagrante da situação, do exato momento em que estava sendo noticiado.

Essa mudança pode parecer pouco significativa, mas não é. Devido ao novo conceito fotográfico, as imagens deixaram de ser meramente ilustrativas e passaram a transmitir informações como parte do texto publicado. Essa prática foi adotada tanto pelos jornais como pelas revistas da época. Aliás, o estilo mais ordenado nos jornais diários teve como inspiração o modelo editorial das revistas, e a capa passou a ser a atração principal do jornal, pois apresentava as notícias de forma mais atraente para o leitor.

¹²⁴ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: modernização da imprensa cariocanos anos 1950. Estudos Históricos, n. 31, 147-160, 2003. Pg. 149.

¹²⁵ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: modernização da imprensa cariocanos anos 1950. Estudos Históricos, n. 31, 147-160, 2003. Pg. 147.

O *Diário Carioca* foi o primeiro jornal a adotar a prática do *lead* em 1950, publicando inclusive um caderno com as regras de redação do jornal, para informar ao público leitor e aos possíveis colaboradores do jornal as mudanças na forma de transmitir a mensagem. Aliás, os manuais de redação passaram a fazer parte da vida dos jornalistas e, mais que orientar, esses manuais descreviam uma nova prática da vida desses profissionais, que, a partir da implantação das novas regras, tornavam a profissão mais racionalizada. Sobre os manuais:

Essas regras não se referiam apenas a uma obediência à gramática, à norma culta da língua, mas também à conveniência da produção industrial. A padronização facilitava não só a imediata assimilação das mensagens (pela restrição do código lingüístico), mas também a sua rápida produção¹²⁶.

É curioso que os jornais que iniciaram com as modificações na imprensa foram justamente os de menor expressão no Rio de Janeiro durante os anos 50. Além do *Diário Carioca*, a *Tribuna da Imprensa* e o *Jornal do Brasil* também colocaram em prática a forma moderna de escrever.

O *Jornal do Brasil* lançou na metade da década o suplemento dominical, espaço destinado a diversos assuntos ligados especialmente ao meio cultural das artes e literatura, que, inicialmente, tinha como público alvo as mulheres. Posteriormente, novidades como fotografias na primeira página e caderno de classificados separado iam dando uma nova estética para os jornais e se aproximando do modelo que conhecemos atualmente¹²⁷.

Além das inovações com relação ao texto, diagramação e a apresentação dos impressos, também é preciso falar do aumento da produção gráfica, que foi consequência direta do crescimento do consumo desses impressos, promovido pela maior variedade de

¹²⁶ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: modernização da imprensa cariocanos anos 1950. *Estudos Históricos*, n. 31, 147-160, 2003. Pg. 155.

¹²⁷ BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000* (pp. 149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007. Pg. 156.

editoriais e pelo aumento no número de leitores. Nesse sentido, é facilmente perceptível que na segunda metade da década de 1950, especialmente durante o governo JK, houve um avanço significativo na qualidade de impressão das revistas e jornais. Isso porque, devido às medidas nacionalistas dos governos anteriores, as importações eram praticamente proibidas e, quando permitidas, tinham um custo muito elevado, levando a indústria gráfica a produzir materiais de qualidade ruim.

Quando Juscelino Kubitschek assumiu o governo, passou a apoiar a importação, baixando tarifas protecionistas, com o intuito facilitar o crescimento do país. Daí o maquinário necessário para modernizar a produção gráfica também pôde ser comprado de forma mais acessível. Então, a partir disso, a indústria gráfica deu um salto na qualidade de produção dos impressos e na agilidade da entrega, aquecendo ainda mais o mercado editorial¹²⁸.

Infelizmente, ao contrário das gráficas, a indústria de produção de papel custou a se desenvolver, apesar do aumento significativo do consumo¹²⁹. Como consequência, o Brasil iniciou a década de 50 com graves problemas no fornecimento de papel, havia racionamento de uso, e o preço era extremamente alto. Embora, desde os anos 40, o Brasil tivesse acesso à matéria-prima para a fabricação, a quantidade não dava conta da demanda e do volume impresso. Havia apenas uma empresa que produzia papel no estado do Paraná, mas a quantidade correspondia a somente um terço da necessidade nacional, por isso o Brasil era obrigado a importar¹³⁰.

Somente a partir de 1957, após longo período de pesquisas, é que a Companhia Suzano de Papel e Celulose se tornou o primeiro fabricante de celulose de eucalipto em escala industrial. Depois disso, sucessivos programas de investimento foram implantados pelo

¹²⁸ Entre 1950 e 1960, a indústria gráfica cresceu 143%. Além da renovação de maquinários, houve também um aumento na ação do mercado, com a multiplicação de empresas novas e através de filiais. Além do aumento na qualidade gráfica, é nesse período também que materiais autocolantes para rótulos chegam ao Brasil e a empresa paulista responsável pela fabricação tornou-se líder da América Latina. CAMARGO, Mário de. *Gráfica: arte e indústria no Brasil; 180 anos de história*. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003. Pg. 65, 66.

¹²⁹ Segundo Ribeiro, antes da guerra o consumo de papel era algo em torno de 40 mil toneladas anuais; nos anos 50 passou para 100 mil toneladas.

¹³⁰ CAMARGO, Mário de. *Gráfica: arte e indústria no Brasil; 180 anos de história*. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003. Pg. 92 à 95.

governo para melhorar esse setor, até que na década de 60 o Brasil se torna completamente independente na produção de papel e, na década seguinte, passa a ser exportador.

O crescente número dos impressos, assim como a valorização do consumo da informação, teve como conseqüência direta a valorização do jornalista. Com a padronização na escrita, passou-se a exigir dos profissionais mais do que os conhecimentos práticos da profissão. Passou-se a considerar necessário também o saber acadêmico e, assim, implantou-se no Brasil cursos superior de jornalismo¹³¹.

Os jornalistas – como grupo – passam a compartilhar um conjunto de crenças e posições, nas quais se destacam as representações sobre a profissão e sobre a própria história dessa profissão: nesse sentido, os anos, 1950 são marcos do seu próprio discurso de um momento singular, onde começa, de fato, o verdadeiro, jornalismo, já que resultado da ação de verdadeiros jornalistas¹³².

Antes da profissionalização da profissão, os espaços nos jornais eram preenchidos por dois perfis opostos de jornalistas. O primeiro era formado por estudantes e graduados no curso de direito, estes representavam a elite na profissão e, o segundo perfil, que correspondia à grande maioria, era composta por pessoas que não haviam concluído o ensino básico e eram, em geral, muito mal preparadas.

Quanto à valorização salarial, os profissionais eram, em geral, mal pagos. Essa situação começou a se modificar através do jornal a *Última Hora*, que teve papel importante na reversão dessa realidade. O periódico de Samuel Wainer valorizava seus profissionais e contava com uma folha de pagamento alta, o que fez com que a elite do jornalismo fosse

¹³¹ As duas primeiras universidades do Rio de Janeiro a ofertar o curso de jornalismo foram a UFRJ (1948) e a PUC-RJ (1951).

¹³² BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000 (pp. 149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007. Pg. 159.

trabalhar para ele. Assim, para contar com os melhores jornalistas, os jornais passaram a pagar melhor e oferecer melhores condições de trabalho¹³³.

As mudanças no jornalismo também contribuíram para a mitificação da imparcialidade. Com o discurso direto e objetivo, sem textos em que o jornalista emitisse sua opinião de forma clara e, por vezes apaixonada, a imprensa ganhou o *status* de ser a voz da versão oficial dos fatos, assumindo o papel de promover certo apaziguamento entre a população e o poder público. Com isso, o profissional dessa área ampliava cada vez mais o seu poder de fala e de influência nas mais diversas esferas da sociedade. Sobre isso:

A rigor, o que possibilita o desenvolvimento profissional do jornalismo no país é a idealização do papel como único intermediário possível entre o público e o poder público, construindo-se simbolicamente como elo de ligação indispensável entre a fala de um público, sem voz, e a sociedade política. Com isso, transforma-se numa instância privilegiada do poder simbólico¹³⁴.

É de peculiaridade brasileira que a firmação do jornalismo empresarial se deu em condições legislativas precárias, pois, durante a década de 50, a liberdade de imprensa ainda não era uma realidade. A imprensa livre é um dos ideais da democracia, contudo, conforme vimos anteriormente, a conjuntura brasileira era de uma democracia frágil, que tentava se firmar e estava repleta de falhas.

No ano de 1956 um projeto sobre a liberdade de imprensa foi levado ao congresso nacional, e um grande debate se estabeleceu, pois a lei, que não chegou a ser votada, previa regulamentação para tratar de alguns assuntos que foram considerados como ameaças às

¹³³ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: modernização da imprensa cariocanos anos 1950. Estudos Históricos, n. 31, 147-160, 2003. Pg.152.

¹³⁴ BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000 (pp. 149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007. Pg. 163.

práticas cotidianas e as normativas sociais do período. Então, o que “poderia ser dito” estava ligado à cultura e às práticas morais¹³⁵.

Apesar dos inegáveis avanços durante o governo de JK, sobretudo no campo do desenvolvimento da imprensa, a lei proposta foi defendida pelo presidente e acabou sendo acusada pelos jornais de ser um “projeto rolha”, ou seja, um verdadeiro ataque aos ideais da democracia. Na verdade, o que o projeto fazia era deixar clara a posição do Estado em relação à ordem pública, que era para o governo princípio fundamental, estando acima de qualquer outro. Claro que não podemos esquecer que o presidente Juscelino foi uma das “vítimas” da imprensa, pois, durante sua campanha, foi acusado, por parte da imprensa ligada à oposição de sua candidatura, de ser um seguidor de Getúlio e incapaz de governar o país em condições favoráveis à democracia¹³⁶.

Contudo não se pode negar que a preocupação do Estado em controlar a imprensa é uma forma de assumir a importância desse setor na sociedade. Ao tornar públicas informações e fatos, sob a aparente neutralidade, o jornalismo, como já foi dito, oficializa essas informações e, como não tem ligação direta com o Estado, acaba executando, de forma discreta e quase imperceptível, as normas e forma de pensar o mundo das elites dominantes.

Conforme conquista o leitor, o impresso assume o poder de mobilização do público, tendo em mãos um poder único e difícil de questionar. Por isso, ter a imprensa contra algum governo ou contra alguma ação é, de fato, uma ameaça. Sobre esse ponto, há autores que

¹³⁵ Sobre a censura: “A censura governamental à imprensa é, nesse mesmo terreno das formulações presentes na tradição liberal, vista como a negação da capacidade de discernimento dos indivíduos, de seu estatuto como *sujeito de opinião*, como leitores ou como votantes, implicando uma ameaça à própria concepção de soberania popular que ancora a de democracia.” BIROLI, Flávia. Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960). Revista Brasileira de História v. 24; n° 47, 213-240.2004. Pg. 228.

¹³⁶ Sobre a posição do governo, cito um trecho da argumentação do presidente JK em defesa dos direitos e deveres da imprensa. O texto foi publicado, na época, por diversos periódicos e justifica o que o presidente considerava atrasado na lei de 1953. Segue: “incapacidade de atingir os objetivos superiores de valorizar a verdadeira imprensa, como expressão da opinião pública e também como sua elevada categoria de serviço público. Na mesma proporção, esse texto se mostra insuficiente como instrumento de defesa da segurança do Estado e do sistema constitucional em face da imprensa subversiva e fomentadora de desordens. Outra de suas deficiências, menos prejudicial talvez à integridade do regime, mas não menos nociva, é a que possibilita a facilidade ou a irresponsabilidade na prática de injuriar, difamar e caluniar, produzindo evidente degradação dos nobres processos de expressão do pensamento, pela palavra escrita ou falada.” BIROLI, Flávia. Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960). Revista Brasileira de História v. 24; n° 47, 213-240, 2004. Pg.221.

consideram a imprensa como o quarto poder, tendo a mesma importância que os outros três - executivo, legislativo e judiciário - porém sendo considerado com o único poder livre e efetivamente crítico, tendo participação ativa na manutenção do regime democrático.¹³⁷

A importância política dos meios de comunicação é um fato consumado na sociedade ocidental e nos anos dourados, quando o jornalismo empresarial se firmou. Desse período, três atores merecem destaque no cenário de uma imprensa inovadora, influente e promotora de debates. Falo de Assis Chateaubriand, Samuel Wainer e Carlos Lacerda.

Assis Chateaubriand foi um homem polêmico e de grande influência no país. Construiu um império em termos de imprensa. Os *Diários Associados*, fundado em 1924, chegaram a contar com 90 periódicos que circulavam nos mais diversos pontos do território brasileiro. Dentre os jornais e revistas do grupo, cabe destaque para a revista *O Cruzeiro*, *Diário da Noite* e *Diário de S. Paulo*. A revista *O Cruzeiro* era um verdadeiro fenômeno nacional em tiragem, foi também produto de exportação e atingiu seu auge durante a década de 50, mas dela falaremos mais detalhadamente nos próximos capítulos.

Chatô, como era conhecido pelo público, era um homem ousado e utilizou o poder de influência de seus periódicos para atuar no espaço político brasileiro. Fundador da TV Tupi, que foi a primeira empresa de televisão da América Latina e também do Museu de Arte de São Paulo (MASP), Chateaubriand era um homem ousado e estrategista, e isso fez com que seu império sobrevivesse à ditadura varguista e apoiasse o ex-presidente na volta ao poder.

O apoio à Vargas rendeu ao “imperador de papel” um cargo no senado da república e a não cobrança de uma dívida milionária com o Estado nacional. Em relação à JK, Chatô era um crítico fervoroso do plano de metas. Chateaubriand apoiou, como todos os grandes jornais da época, o golpe militar de 64, mas seu império não resistiu à nova forma de governo instalada no Brasil¹³⁸.

Ao falar da imprensa no anos 50, não se pode deixar de falar do *Tribuna da Imprensa* e do *Última hora*, ambos jornais influentes e de importância para a história da imprensa e da política do país. Um chefiado por Carlos Lacerda e o outro por Samuel Wainer – ambos ex-

¹³⁷ BIROLI, Flávia. Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960). *Revista Brasileira de História* v. 24; n° 47, 213-240, 2004. Pg. 228.

¹³⁸ LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batakhas em letra de fôrma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. Pg. 180.

repórteres dos Diários Associados – defendiam, em suas edições, posições de discordância e de debate sobre os mais variados assuntos, que contribuem até hoje para a melhor compreensão do dilema da imprensa da época, tanto em termos políticos como em termos de definição da modernização que o setor vivia¹³⁹.

O *Tribuna de Imprensa*, lançado em dezembro de 1949, foi formado a base de 4 mil acionistas, cujo presidente era Carlos Lacerda. O *Tribuna*, assim como o *Diário Carioca*, tratava-se de um jornal pequeno, com tiragem em que variava entre 25 a 45 mil exemplares, porém, como já foi dito, era um periódico de grande influência nacional, pela forma como questionava e valorizava as tensões políticas nacionais do período.

Lacerda preocupava-se muito com a cobertura jornalística e com o texto, com o enxugamento da linguagem que tornava a mensagem clara para o leitor. Seu jornal ficou conhecido como um bom laboratório prático para jornalistas, pois Lacerda, juntamente com a equipe do jornal, avaliava diariamente a edição publicada¹⁴⁰.

Dentre as contribuições para o jornalismo, o *Tribuna* criou no jornal um departamento de pesquisa que contava com uma biblioteca e era de responsabilidade de um redator. Além disso, também montou um arquivo de recortes de outros periódicos, todos classificados por assuntos e serviam para auxiliar na composição das reportagens¹⁴¹.

O *Última Hora* foi lançado em junho de 1951, com o apoio do ex-presidente Getúlio Vargas. O jornal apoiava o retorno democrático do ex-presidente e apoiou também as suas ações de governo. Chefiado por Samuel Wainer, ex-repórter dos *Diários Associados* e homem de origem humilde, jornal conquistou a população com o editorial mais voltado para o público popular.

Uma das contribuições do *Última Hora* para as mudanças que ocorriam no jornalismo foi justamente a forma de administrar. Wainer implantou novos métodos de gestão

¹³⁹ Sobre isso: BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000 (pp. 149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007.

¹⁴⁰ ABREU, Alzira Alves de. Revisitando os anos 1950 através da imprensa. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; BÔAS, Gláucia Villas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008. Pg. 215.

¹⁴¹ BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000 (pp. 149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007. Pg. 167.

empresarial e distribuiu filiais do jornal em diversas capitais do país, totalizando 11 publicações diárias. O *Última Hora* também ficou conhecido historicamente pela vivência e participação na política do periódico, além de contar com uma coleção de mitos fundadores. Sobre isso:

Falar do jornal fundado por Samuel Wainer é se referir a vários discursos míticos: o jornal, que, por ser dirigido por um “verdadeiro jornalista”, passa a valorizar o profissional e é capaz de revolucionar a forma de fazer jornalismo até então; o jornal que renova a imprensa brasileira, introduzindo inovações nunca antes percebidas; o jornal que materializa mais do que qualquer outro meio de comunicação às suas relações com as cercanias do poder, entre diversos outros.

Esses discursos construídos, a maioria das vezes pelos próprios jornalistas que participaram ou não do processo de criação e construção da mítica *Última Hora* como o jornal mais popular de seu tempo, revelam os simbolismos da própria profissão, ao mesmo tempo em que constroem uma história de singularidade do jornalismo brasileiro¹⁴².

O jornal *Última Hora* tinha, de fato, grande receptividade do público leitor, perdendo apenas para *O Globo* em tiragem, mas as inovações que lhe são creditadas como exclusivas fazem parte de todo o processo de reformulação da imprensa, do qual já foi falado aqui. Contudo, a mitificação em torno desse periódico não compromete a sua importância e nem mesmo a sua contribuição histórica, pois, conforme se sabe, o *Última Hora* e o *Tribuna da Imprensa*, mais do que leitores, debateram fervorosamente idéias e posições políticas que se contrapunham e que mobilizaram a população e marcaram a história e, especialmente, os debates políticos dos anos 50. O *Última Hora* fechou em 1979, o jornal que contou, em sua história, com jornalistas consagrados como Adalgisa Nery, Nelson Rodrigues, Fernando Barros, nos anos 50, e Jô Soares e Antônio Maria nos anos 60.

Sobre a participação dos *Diários Associados*, do *Tribuna de Imprensa* e do *Última Hora* na história dos anos dourados, destaco uma fala que, na opinião desta autora, resume

¹⁴² BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000 (pp. 149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007. Pg. 168.

bem a importância desses periódicos na formação da nova imprensa e na participação dos debates políticos que buscavam firmar uma democracia ainda frágil:

Os *Diários Associados*, *Tribuna de Imprensa* e *Última Hora* produziram jornais a quente. Jargão tipográfico da época, antes da introdução da impressão a frio, *offset*, técnica introduzida nos anos 1960. [...] Nos anos 50 a expressão “a quente” ganhou sentido figurado, saiu das oficinas e subiu à redação, estabelecendo-se nas relações que Chateaubriand, Carlos Lacerda e Samuel Wainer mantiveram com os governos aos quais serviram ou criticaram. [...]

Esse tipo de jornalismo saiu de moda quando o Brasil se transformou num país complexo para se cobrir¹⁴³.

Caminhando para o final desta análise, gostaria de destacar um último elemento nas modificações da imprensa da década. Com o aumento no consumo, produtos e bens culturais passaram a estar cada vez mais ligados à imprensa. Isso porque, assim como a imprensa, a publicidade também entrou no embalo das mudanças de que tratamos brevemente neste texto.

Assim, as propagandas, que eram cada vez mais elaboradas, ficaram mais convincentes e chamavam mais a atenção. As imagens foram sendo mais utilizadas e aproveitadas e passaram a ser elemento de grande importância para a publicidade, para os jornais e as revistas da época. Daí a publicidade assumiu o papel de novo financiador da imprensa brasileira, ocupando um espaço cada vez mais participativo no orçamento dos periódicos.

O aumento da importância da publicidade para as finanças dos jornais ocorreu ainda nos anos 50, chegando a ter 80% da participação na receita dos periódicos¹⁴⁴. Jornais de que falamos aqui, como *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Brasil*, tiveram suas novidades bancadas pelas propagandas dos setores privados. Antes, o grande financiador da

¹⁴³LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batachas em letra de fôrma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008. Pg. 204.

¹⁴⁴ ABREU, Alzira Alves de. Revisitando os anos 1950 através da imprensa. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; BÔAS, Gláucia Villas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008. Pg. 213.

imprensa era o próprio Estado, que emprestava dinheiro através dos bancos estatais, fornecia benefícios fiscais e fazia propaganda do Estado, além controlar as cotas de papéis que poderiam ser consumidas.

Mais do que financiar a produção e circulação dos jornais, a publicidade foi fator determinante para o aumento das tiragens e do espaço de atuação dos periódicos, pois se pagava mais e colocava-se mais propagandas em espaços que tivessem maior circulação e que atingissem vários espaços do território nacional. Assim, modernidade, progresso, consumo, cultura, imprensa e publicidade formaram um conjunto de fatores que contribuíram para a inserção do Brasil em um novo momento histórico.

Tantas novidades e modificações envolviam cada vez mais profissionais e mais formações específicas para cada função; colocar um periódico nas ruas tornava-se, cada vez mais, um grande empreendimento. A diversidade de assuntos de que os jornais buscavam dar conta, a particularização cada vez maior do público alvo deixavam a imprensa cada vez mais específica e potencialmente mais influente no seu discurso, fixando-se como detentora de um poder específico e difícil de questionar, conforme falamos anteriormente.

Por trás da pretensão de neutralidade, havia peculiaridades que comprometiam o ideal jornalístico. Ao mesmo tempo em que a imprensa se tornava cada vez empresa, mais ela se afastava da mera função de relatar o que aconteceu e mais se aproximava de um meio de veicular e propagar interesses de determinados grupos.

Contudo, isso não desvaloriza a importância das modificações promovidas e nem mesmo a própria imprensa, não as torna melhores e tampouco piores. Apenas demonstra as limitações no exercício do poder, assim como alerta para as particularidades da caminhada histórica e das suas mudanças; o que, de certa maneira, insere-se nas instituições que atuam e influenciam nos espaços sociais um grau de humanidade que possui sucessos e falhas.

As modificações da imprensa nos anos 50 fazem parte de toda a conjuntura da época. Conforme já foi dito, a corrida pelo progresso, as dificuldades políticas, a massificação do consumo e a efervescência cultural que marcaram essa década tão preciosa historicamente foram uma verdadeira avalanche para o modo de vida dos brasileiros. O aumento no acesso à informação propagou as novidades e os novos conceitos da tão sonhada modernidade, e, depois da experiência urbano-industrial, a vida cotidiana nunca mais foi a mesma.

3.2) Revistas ilustradas: meio de comunicação de massa

A palavra revista com o status de publicação aparece nos dicionários de Língua Portuguesa no final do séc. XIX com o significado de revisão de assuntos que acontecerem e com a possibilidade de leitura fragmentada e seletiva. Aliás, a fragmentação é a marca desse tipo de periódico que “variou ao longo do tempo, condicionados às circunstâncias históricas de gestação e circulação, cabendo apreendê-los, reafirmando-o nos contextos próprios de sua existência, ao seu tempo cultural, [...] ¹⁴⁵”. Contudo, com o passar do tempo, o significado para a palavra tronou-se mais direcionado.

Há quem afirme que o primeiro periódico voltado para o Brasil era mensal e teria sido uma revista e não um jornal. Na verdade, somente depois da independência do Brasil que a diferença entre os tipos de periódicos ficaram claras. Assim, os jornais ficaram encarregados dos textos de caráter político e econômico e as revistas mais encarregados dos textos de cultura, arte e interesses gerais; por isso a característica de variedades na qual falaremos mais adiante, além do uso intenso das ilustrações na medida em que a tecnologia de impressão avançava. A revista, enfim, acabou por ganhar a fama de ser um material mais bem preparado, com maiores cuidados de edição, como, por exemplo, uma capa que protegesse o periódico, texto mais especializado e maior cuidado estético, o que atraía mais o leitor. Sobre isso:

Na *Revista* dão-se a ler, sem risco de cansaço, artigos sobre todos os conhecidos assuntos por onde anda o pensamento, a imaginação, a análise, o ensino do homem. Não se trata ali de uma só matéria, como de ordinário no livro singular, ou de muitas matérias de rápido percurso como no jornal, mas de todas com a conveniente demora, em forma de extensão, proporcionadas aos espíritos [...], qualquer que seja o grau de instrução de cada um, a intensidade de sua convicção, as tendências de seu gosto, a ordem de seu interesse ¹⁴⁶.

A presença de ilustrações nas reportagens das revistas promoveu uma reviravolta na forma de ler, a nova estética dinamizou as mensagens publicadas e tornou a leitura mais prática e prazerosa. Tal mudança nos periódicos aproximou as publicações do cotidiano da

¹⁴⁵ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e praticas culturais em tempos de República – São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2008. Pg. 46.

¹⁴⁶ *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, N. Midosi, 1879, n. 1 pg.19. Apud. MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e praticas culturais em tempos de República – São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2008. Pg. 63.

vida moderna; a pressa, o aumento de tarefas, das horas trabalhadas e, até mesmo, das opções de lazer tornavam o dia a dia mais agitado, exigindo de seus atores maior rapidez para a execução de tarefas básicas, e isso se refletiu também na leitura, que, com os novos formatos, além de promover uma informação ou entretenimento mais “ágil”, também agradava aos olhos de quem consumia e promovia o efêmero. Mesmo que em proporções muito menores de como acontece nos dias atuais, ao mesmo tempo em que informavam de forma rápida, esses periódicos também vendiam produtos, formas de comportamento, regras de civilidades que eram fugazes e perdiam a importância em um curto espaço de tempo.

De fato, as revistas ilustradas literalmente conquistaram seus leitores, sobretudo, porque passaram a fazer parte da vida deles como uma forma de distração e de prazer. Logo, podemos dizer que esse tipo de leitura era também uma forma de entretenimento, pois os textos e assuntos eram geralmente leves, que diziam respeito ao cotidiano e às novidades da vida moderna e da urbanidade. Os conflitos praticamente não faziam parte das páginas dessas publicações, que iniciaram aqui, no Brasil, no final do séc. XIX.

Aliás, o grande filão da imprensa ilustrada é sem dúvida a proximidade com o cotidiano de quem lia. Diferentemente do jornal, que noticiava nem sempre boas novas, as revistas ilustradas falavam da vida diária, do comum a todas as pessoas, dos entraves, da parte prática, dos hábitos do dia a dia e promoviam, junto com os contos e romances, um tipo de leitura agradável e ao mesmo tempo educativa, de forma que o leitor ou leitora pudessem ler como forma de distração e como aprendizado ao mesmo tempo. Sobre isso:

Recomposto na crônica, o cotidiano tornava-se um retrato ameno da vivência social. Ainda que seja difícil aferir a recepção dessa imprensa, é possível afirmar que ela constrói e dá sentido a complexidade do real, atribuindo valores positivos ou negativos ao momento vivido. Assim, a produção do espaço urbano assume nas publicações um papel expressivo na medida em que materializa o almejado “progresso”, modificando hábitos costumes e estilos de vida¹⁴⁷.

Tânia de Luca conta que a ilustração passou a fazer parte dos periódicos brasileiros após 1844, no Rio de Janeiro, quando Manoel Araújo Porto-Alegre, depois de uma visita a capital da França, se impressionou com a forma que os parisienses informavam a população

¹⁴⁷ Sobre a importância dos impressos e a modernização das publicações de periódicos sugiro: COHEN. Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. Pg. 112. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

em seus anúncios e resolveu aplicar a forma no Brasil. Depois disso, as ilustrações ganharam a simpatia do público e passaram a aparecer nos mais diversos estilos de publicações; eram feitas basicamente de xilogravuras ou de litografia. Um grande sucesso inicial das imagens se deu através das sátiras e charges, sobretudo dos governantes.¹⁴⁸

Na virada do século XIX para o XX, a fotografia promoveu uma verdadeira reviravolta na imprensa ilustrada. Sinônimo de modernidade e agilidade, as fotos passaram lenta e gradualmente a compor notícias de jornais e, principalmente, as reportagens das revistas, promovendo uma verdadeira conflagração na forma de informar, ditando um novo ritmo para as publicações e para as forma de imprimir, atingindo de maneira variada o público que ia do intelectual ao analfabeto¹⁴⁹.

Para Ana Mauad, as publicações das revistas ilustradas na primeira metade do século XX podem ser divididas em dois momentos, o primeiro que vai de 1900 a 1928, no qual as fotografias e imagens estavam sendo colocadas em meio aos textos e tinham na maioria das vezes a função de contribuir com um jornalismo que unia a crítica com a ironia e comicidade e tinha também preocupação artística. Como exemplos desse primeiro momento, vale citar as revistas: *Careta* e *Fon-Fon*.

O segundo momento das revistas ilustradas tem como marco o lançamento do *O Cruzeiro*, em 1928, quando várias modificações e modernizações alteram o padrão que era conhecido até então. A revista do “arranha céus”, como ficou conhecida *O Cruzeiro*, lançou moda, fez escola e modificou a estética no formato dos periódicos ilustrados. Os editoriais ficaram mais organizados, e, nos anos 1940, a revista seguia completamente os padrões internacionais de publicação, inclusive com o detalhamento do expediente, até então irrelevante ou inexistente nas publicações¹⁵⁰.

Uma característica marcante da imprensa ilustrada é a caracterização como imprensa de variedades. Ora! “Variedades” não é a melhor forma de identificar algo, mas nesse caso o termo se aplica muito bem, pois os periódicos ilustrados, tanto no início das publicações como nos anos 1950, tinham um grande número de assuntos publicados; os editoriais não eram

¹⁴⁸ LUCA, T. R. (2008). História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C. B. PINSKI, & (orgs), *Fontes Históricas* (pp. 111 - 153). São Paulo: Contexto. Pg. 135.

¹⁴⁹ Sobre isso indico: MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república. São Paulo: Edusp, 2001. Pg. 185-197.

¹⁵⁰ MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do séc. XX. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. Vol. 13. N. 1 Pg. 133 – 174. Jan. – Jun. 2005. Pg. 152 a 154.

rigorosos e buscavam acima de tudo agradar a maior diversidade possível de leitores. Por isso, os assuntos das reportagens eram compostos das mais diversas temáticas. Para Tânia de Luca, no caso das revistas ilustradas, o rótulo de variedades já apontava para uma leve segmentação do mercado, pois, segundo a autora, por detrás da caracterização de “variedades” havia um certo direcionamento de público, que poderia ser feminino, masculino, infantil, mais ou menos abastados, entre outros¹⁵¹.

Segundo Leoní Serpa, no caso da revista *O Cruzeiro*, que virou modelo da imprensa ilustrada – falaremos sobre isso mais adiante –, mais da metade das páginas era dedicada ao público feminino, isso vale tanto para publicidade como para as colunas especializadas. Dessa, a realidade das festas, concursos de beleza e salões da elite era retratada nas páginas da revista que também se preocupava com a diversão do público feminino, cedendo espaço significativo para a publicação de contos romanceados e novelas, além da especulação de atrizes de *Hollywood* e das estrelas do rádio. Há também de se considerar que as capas do *O Cruzeiro* eram fotografias de mulheres, mostrando a intenção de conquistar o público que era o principal alvo de consumo da publicidade¹⁵².

Aliás, o público feminino é a primeira forma de segmentação da imprensa de massa justamente pela importância da decisão feminina na hora de consumir bens que envolvem a família e a própria cultura de massa¹⁵³, pois são elas os grandes alvos da indústria da moda, da alimentação e também, de forma geral, são elas que consomem para os filhos e maridos. Contudo, o consumo não é o único motivo dessa segmentação, pois “a mulher emerge como segmento de mercado ao mesmo tempo em que aparece como sujeito de sua própria história¹⁵⁴”, porque, na medida em que as mulheres, aos poucos, se tornam mais letradas e exercem funções remuneradas para além do espaço doméstico, aos poucos elas vão

¹⁵¹ Ainda sobre a segmentação das revistas, a autora considera instigante a relação da construção de identidades a partir do consumo dessas revistas. Para saber mais: LUCA, T. R. (2008). História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C. B. PINSKI, & (orgs), *Fontes Históricas* (pp. 111 - 153). São Paulo: Contexto. Pg. 122.

¹⁵² SERPA, Leoní Terezinha Vieira. A máscara da modernidade: a mulher na revista *O Cruzeiro* (1928-1945). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2003. Pg. 39, 40.

¹⁵³ Entendo como cultura de massa no Brasil a cultura popular que ganha destaque e visibilidade nos meios de comunicação, especialmente no rádio e na imprensa ilustrada, e se consolida como entretenimento. NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação* (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2006. Pg. 11 – 36.

¹⁵⁴ MIRRA, Maria Celeste. O Masculino e o Feminino nas narrativas da cultura de massa ou o deslocamento do olhar. In: *Olhares alternativos*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero. Pagu. Unicamp, 2003. Pg. 15.

questionando valores e impondo novos comportamentos e conquistando pequenas liberdades, e isso também se reflete no comportamento do consumo.

Além da versatilidade, o sucesso da imprensa ilustrada, especialmente na década de 1950, também está ligado ao aumento no número de tiragens¹⁵⁵. Conforme já foi dito aqui, a valorização da importância da imprensa na vida cotidiana das pessoas, o aumento da circulação de pessoas no espaço urbano, mais acesso à educação e a necessidade de maior rapidez no trânsito da informação deveria atingir maior público leitor e de maneira mais direta e rápida. Nesse sentido, há de se considerar ainda que o recurso da utilização da imagem muito contribuiu para facilitar a circularidade e a transmissão da mensagem, pois, além de tornar o impresso mais atrativo, sobretudo quando envolve cores, como é o caso da maior parte da imprensa dos anos dourados, permitia uma transmissão em que a mensagem se tornasse mais dinâmica, pois as imagens antecipavam a mensagem do texto escrito e tinham a vantagem de também chamar a atenção e “falar” ao público semi-analfabeto.

Além do mais, a ilustração teve reflexo importantíssimo na publicidade, modificando radicalmente a forma de anunciar em impressos. Como resultado direto, houve um aumento significativo no número de anúncios e, principalmente, na renda e nas possibilidades de aumento de tiragens para as revistas e jornais, afinal, com as ilustrações, as propagandas ganhavam uma maior visibilidade, chegavam ao público de forma mais efetiva e, conseqüentemente, geravam maior retorno em vendas do produto anunciado.

“O anúncio trilhou, então, novos caminhos em relação à estrutura e linguagem e, ainda, no que concerne à profissionalização da atividade como agenciador individual, cedendo lugar, no decorrer da década de 1910, às empresas especializadas¹⁵⁶”. Dessa forma, a possibilidade de anunciar através de imagens tornou a publicidade mais criativa e mais próxima do consumidor e, desde o charmoso *art-nouveau*, do início do séc. XX, até as fotografias digitais da contemporaneidade, destacar-se visualmente passou a ser crucial para o sucesso da venda de qualquer produto. Com o tempo, foi possível atribuir personalidades aos produtos de forma que chegamos até os nossos dias com esse modelo de propaganda: a

¹⁵⁵ Embora as tiragens tenham aumentado em número, há de ressaltar que não há como ter certeza dos números, pois não existiam nessa época institutos sérios para o controle da quantidade de impressos publicada. Sobre isso: LAURENSA, Ana Maria Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. Pg. 180. In: In:MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁵⁶ LUCA, T. R. (2008). História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C. B. PINSKI, & (orgs), *Fontes Históricas* (pp. 111 - 153). São Paulo: Contexto. Pg. 123.

sandália da Gisele Bündchen, a chuteira do Kaká, enfim, uma infinidade de artigos que nos remetem a personalidades famosas e, conseqüentemente, ao seu sucesso.

Tal modelo ganhou força nos anos 1950, quando estrelas de *Hollywood*, Rainhas do Rádio, entre outros artistas, garantiam parte de sua renda através da venda da sua imagem para propagandas. Maria Luisa Hupfer estudou as rainhas do rádio e conta que, ao ser escolhida a rainha, a cantora tornaria sua imagem conhecida em todo o Brasil rapidamente, pois era certa a assinatura de contratos de publicidade; alguns eram contratos de exclusividade, e a grande maioria das propagandas eram divulgadas em revistas. Para a autora, o rádio criava a rainha, e as revistas divulgavam sua imagem¹⁵⁷.

Dessa forma, a publicidade também contribuiu, especialmente pelo retorno financeiro, para que as revistas ilustradas literalmente estourassem nas bancas durante os anos dourados. Inicialmente, as bancas de revista ganharam popularidade neste período, promovendo o aumento de tiragens e maior acesso do público leitor, sem terem que depender das assinaturas e, também, porque, com o incentivo governamental, houve a maior disponibilidade às novas tecnologias de impressão, melhorando a aparência das revistas, além, é claro, das modernizações na publicação do texto, que passou a informar de maneira mais objetiva, conforme vimos anteriormente. No burburinho carioca e na apressada “Paulicéia”, muitos títulos foram lançados, publicou-se muito nesse período para os mais diversos públicos e as temáticas e formatos eram os mais variados.

A aparência das revistas fazia parte de uma estratégia de marketing, capas coloridas, títulos enfáticos, foto-reportagens e rostos famosos eram elementos importantíssimos para se destacar nas prateleiras e chamar a atenção do leitor. Foi assim que, durante os anos 1950 a disputa pelo mercado editorial tornou-se mais acirrada e com características que sobrevivem até os nossos dias.

Dentre os diversos títulos publicados como revista ilustrada, é imprescindível falar, mesmo que brevemente, daquela que reinou e fez escola neste formato: falo de *O Cruzeiro*, a

¹⁵⁷ A imagem é um forte artifício da indústria cultural, por isso é possível afirmar que as revistas certamente não resistiriam muito tempo sem elas, assim como a toda a indústria cultural, sobre isso: “Todos os elos da indústria cultural, a seu modo, contribuíram para criar e manipular imagens, cabendo especialmente a publicidade o papel de espelho, pelo qual se refletia a imagem poderosa, perfeita e convincente da rainha, soberana, sempre a recomendar um produto cujas qualidades só eram comparáveis ao seu próprio sucesso.” HUPFER, Maria Luisa Rinakdi. *As rainhas do rádio: símbolos da nascente da indústria cultural brasileira*. São Paulo: Senac Editoras, 2009. Pg. 131.

revista que foi durante os anos “1950 o meio de comunicação mais importante do Brasil¹⁵⁸”. Criada em 1928, *O Cruzeiro* teve um papel importantíssimo no desenvolvimento da imprensa e, sobretudo, da imprensa ilustrada do Brasil e do mundo, já que a revista era também vendida em países da América Latina e chegou a circular até mesmo em alguns países da Europa. O *Cruzeiro* chegou a atingir uma tiragem de 720.000 exemplares no ano de 1954, mesmo sendo uma edição especial – cobria o suicídio de Vargas – trata-se de um número exorbitante para a época.

As inovações foram tão significativas que muitos dos elementos que encontramos nos periódicos de nosso tempo foram implantados pelo carro chefe dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Dentre as inovações do *O Cruzeiro*, podemos citar a forma de distribuição organizada e que chegava a todos os pontos do país, a preocupação com o padrão visual que teve como marca as grandes fotos-reportagem e o investimento técnico para a elaboração da revista, assim como na qualidade dos jornalistas¹⁵⁹, além de colaboradores internacionais. Muitas revistas se lançaram no mercado, tendo como padrão o formato, as estratégias de *marketing* e o profissionalismo do *O Cruzeiro*.

Outro ponto importante de se falar das revistas ilustradas é a importância delas no período de recorte deste estudo. De maneira que, durante os anos dourados, elas foram as estrelas das bancas e viveram o seu auge em termos de publicação, qualidade de reportagens e importância midiática.

As revistas ilustradas acompanharam as modificações conjunturais do período pós-guerra e, em termos de mídia, sabemos que houve uma espécie de “mundialização” da informação e da produção de cultura para vender, o que teve como resultado final referências culturais parecidas, senão iguais, em todo o mundo. E, conforme sabemos, essas referências estavam relacionadas com o modelo de vida norte-americano, propagandeado principalmente pelo cinema hollywoodiano.

Segundo Maria Celeste Mirra, tais referências se tornaram tão presentes e tão vinculadas a esse período que os personagens das histórias do cinema, dos quadrinhos, da

¹⁵⁸ MIRRA, Maria Celeste. MIRRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d'Água / Fapesp., 2001. Pg. 23

¹⁵⁹ Da inegável qualidade dos jornalistas, é pertinente lembrar da grande dupla de foto-reportagem da revista. Falo do repórter David Nasser e do fotógrafo francês Jean Mazon. Os dois fizeram fama no *O Cruzeiro*, justamente por produzirem matérias que rendiam grandes tiragens.

televisão e as imagens vinculadas à publicidade constituem-se em substratos de uma memória que pode ser chamada de “internacional popular”¹⁶⁰.

Os meios de comunicação de massa fazem parte de uma cultura moderna como um todo, existem numa sociedade de base tecnológica, com enormes aglomerados populacionais, geridas por instituições impessoais como o Estado e o mercado e, conseqüentemente fortemente burocratizada. Mas uma sociedade também marcada por uma diferença de classe, gênero, geração, atravessada por diversidades geográficas, étnicas e tantas outras. A comunicação deve ser entendida na sua relação com a cultura na sua acepção mais ampla, no sentido antropológico do termo, como modo de vida¹⁶¹.

Reconhecer a importância, a capacidade de promover cultura, seja ela erudita ou de massa e de imprimir a prática cotidiana em páginas que, mais do que informar, levam o leitor a idealizar uma vida moderna, com mais acesso às “coisas da urbanidade”, como educação, consumo e até mesmo liberdades individuais que inovam e caracterizam o seu tempo. Significa buscar compreender a historicidade de uma ferramenta utilizada pelo homem para poder falar e se fazer entender para um número maior de outros homens e, assim, trocar experiências e identificar-se como parte do mesmo modo de vida.

As revistas ilustradas assumiram, no seu auge, o papel de informante, educadora, conselheira; conquistaram seus leitores pela mistura das práticas cotidianas com o *glamour* da elite e deixaram para a história fragmentos de um passado repleto de elementos e questões ainda não resolvidas, assumindo o papel relevante na reconstrução da sua época, e, ao caírem em decadência, elas, as revistas ilustradas, “cederão seus lugares a publicações mais especializadas, dentre as quais a primeira a se destacar será a imprensa feminina¹⁶²”.

¹⁶⁰ MIRRA, Maria Celeste. MIRRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d'Água / Fapesp., 2001. Pg. 26.

¹⁶¹ MIRRA, Maria Celeste. O Masculino e o Feminino nas narrativas da cultura de massa ou o deslocamento do olhar. In: Olhares alternativos. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero. Pagu. Unicamp, 2003. Pg. 17.

¹⁶² MIRRA, Maria Celeste. MIRRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d'Água / Fapesp., 2001. Pg. 39

3.3) Imprensa para as mulheres: feminina ou feminista?

Segundo sexo. Segunda imprensa. Secundário, secundária. Sempre um segundo lugar: subalterno, dependente, complementar. Ou supérfluo. Admitamos que assim seja. No entanto, das folhas artesanais ao produto industrial, imprensa feminina tem potencialidade para atingir a metade do gênero humano. E para influir em toda a vida social. No Brasil, milhões de mulheres – e milhares de homens – lêem as páginas, suplementos e revistas dessa imprensa, que transmite idéias, modas, costumes. Visões de mundo que modificarão até mesmo os não leitores¹⁶³.

Michelle Perrot, historiadora francesa e referência em estudos de gênero, ensina que não é fácil perceber a atuação das mulheres na história, porque o mundo das mulheres esteve, durante um longo período de tempo, recluso a espaços limitados social e moralmente; assim que, pesquisar e buscar compreender uma história que envolva mulheres é envolver-se com silêncios, sensibilidades, imagens muitas vezes distorcidas; características, essas, de uma história marcada por opressão e muitas vezes condenada ao esquecimento. Por isso, também, não é fácil encontrar dados sobre as mulheres em tempos passados, pois as fontes que falam sobre elas não são as mesmas que costumamos utilizar para contar a história de grandes líderes políticos e de grandes acontecimentos. As fontes que falam sobre as mulheres são as mesmas que falam dos outros excluídos da história oficial, são as mesmas que falam de trabalhadores, camponeses, gays, marginais, enfim, pessoas que escrevem a história do cotidiano, da realidade diária, que fazem ações o dia a dia tornar-se marco de um determinado tempo¹⁶⁴.

Nesse sentido, a imprensa feminina é uma fonte rica para os estudos de gênero, por diversos motivos. Primeiro, porque ela envolve a escrita, que é um grande marco para a humanidade e também para as mulheres, que, depois que passaram a ter acesso à educação, podendo ler e escrever, passaram, também, a produzir documentos para contar suas histórias.

¹⁶³ BUITTONI, Dulcília Schroeder. Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo. Summus, 2009. Pg. 21.

¹⁶⁴ Para saber mais: PERROT, Michele. As mulheres os silêncios da história. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

Dentre esses documentos, destaco os diários pessoais, que nos fornecem riqueza de detalhes da vivência e dos conflitos diários na reclusão da vida doméstica e também cartas que confidenciavam a amigos e parentes notícias do dia a dia, pedidos de ajuda, conselhos, novidades, troca de idéias e pensamentos vigentes no período de suas vidas.

Em segundo lugar, a escrita proporcionou às mulheres o acesso a uma atividade nova: o jornalismo. E foi através da escrita nos jornais que as mulheres iniciaram uma longa jornada em busca de direitos civis iguais. Elas usaram os jornais já no séc. XVII, na França, para se posicionar politicamente sobre os mais diversos assuntos, inclusive sobre a discriminação que as mulheres sofriam ao desejar participar dos debates políticos¹⁶⁵. Evidentemente que, inicialmente, escondiam-se atrás de pseudônimos masculinos como forma de proteção de suas identidades e de possíveis represálias ligadas ao gênero. Mas, conforme iam percebendo a boa recepção de algumas pessoas, os textos publicados começaram a produzir o princípio do que se tornou depois uma *imprensa feminista*¹⁶⁶.

Foi a imprensa feminista que iniciou as publicações específicas para o público feminino, e ela possui uma forma característica de discurso, pois está vinculada ao movimento feminista, por isso, em suas publicações, o destaque é para reivindicações políticas, melhorias sociais e políticas públicas de gênero¹⁶⁷. A imprensa feminina veio depois e foi fomentada pelas publicações feministas que nem sempre tiveram a receptividade desejada das leitoras.

Sabe-se que, historicamente, as feministas foram rotuladas socialmente de diversas formas e isso se refletiu no tipo de imprensa que as militantes produziram. Mayra Correa e Castro se dedicou a entender o significado da aparência para a imprensa feminista e, para a autora, o discurso do feminismo em nossa sociedade ainda está muito ligado à questão da aparência física das feministas que, segundo a autora, é de mulher descuidada - leia-se feia - com problemas emocionais - leia-se mal-amadas - e independentes demais - leia-se

¹⁶⁵ “A imprensa feminista germinou principalmente na França, em parte por consequência da Revolução Francesa, e na Alemanha e na Itália. Um dos primeiros periódicos feministas franceses foi o *L’Athénée des Dames*, surgido após a revolução, escrito por uma dezena de “damas francesas”. Apesar do correios sentimentais, suas redatoras buscavam a luta e não eram acompanhadas pelas leitoras, que lhes escreviam dizendo ser a resignação a solução para os problemas femininos. Foi fechado em 1809, por ordem do imperador.” In; BUITONI, Dulcília. *A imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990. Pg. 30.

¹⁶⁶ PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. Pg. 34 e 35.

¹⁶⁷ Entendo como gênero a construção social e cultural que está presente nas relações entre sujeitos históricos de forma coletiva e não individual, assim, gênero existe nas relações entre sujeitos e não nas suas individualidades.

masculinizadas -. Por isso, esse rótulo chamou a atenção para a importância da aparência feminina no processo de identificação das mulheres com o discurso de emancipação feminina; e a própria imprensa feminina, pós anos 1960, preocupou-se em argumentar que o rótulo tratava-se de um equívoco que só prejudicava as próprias mulheres em conquistar avanços nas relações de gênero. Para as feministas o rótulo era também uma forma de protesto, pois elas consideravam que os cosméticos, dietas e costureiros escravizavam as mulheres, querendo impor-lhes um padrão idealizado de moda e corpo¹⁶⁸.

Contudo, a imprensa feminina assume outra proposta, que não a de reivindicar direitos para as mulheres. Nos periódicos femininos, nós não encontraremos, salvo raras exceções, textos políticos que tenham como objetivo reivindicar melhores condições de vida, direitos civis ou direitos do corpo para as mulheres. Na imprensa feminina, os textos, apesar de ideológicos – falaremos desse termo mais adiante -, são publicações que falam do dia a dia, dos deveres das mulheres, da vida prática, como receitas culinárias, formas de tirar manchas de tecidos etc.; até novelas e crônicas literárias e fofocas da vida de artistas. É, assim como as revistas ilustradas que falamos anteriormente, uma imprensa de “variedades”, mas variedades voltadas exclusivamente para as necessidades femininas.

Podemos afirmar que os periódicos femininos contam com uma gama de assuntos que são tradicionais, isto é, sempre que uma revista for considerada feminina, tais assuntos estarão lá, como, por exemplo, moda, decoração, culinária, etc. Essas temáticas vão sendo contemporaneizadas de acordo com cada época e, por vezes, elas se repetem, mas sempre fazem parte do corpo das revistas femininas, porque um dos motivos que leva uma consumidora a comprar um periódico é a capacidade de ele contribuir com a vida prática, uma sugestão de roupa para uma ocasião especial, um cosmético que é novidade do mercado, como agir diante de determinado comportamento dos filhos, e assim por diante. São os assuntos tradicionais, de certa forma, o que mantém a regularidade do consumo dos periódicos femininos, pois devido a proximidade com a vida prática e com o ideal de comportamento, os “conselhos” e as recomendações publicadas são sempre bem vindas na correria do cotidiano.

¹⁶⁸ CASTRO, Mayra Corrêa e. Feminismo prêt-à-porter – significação da aparência na imprensa feminina e feminista do Brasil. Cadernos AEL, n. ¾, 1995/1996. (111 – 130). Disponível em : http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-4-p111.pdf. Acesso jan. 2010. Pg. 113, 114.

Além disso, na imprensa feminina, há uma incansável busca pela novidade. Há uma constante promoção da originalidade, para que a leitora sinta-se sempre atualizada e única. “O atual pressupõe uma relação de presença efetiva no mundo histórico. O atual pode ser descoberto ou estimulado, mas não pode ser criado. O atual precisa ter uma relação concreta com os acontecimentos, mesmo que apenas latente¹⁶⁹”, e, por isso, o atual é um ótimo recurso para vender. Dessa forma, as novidades que envolvem os assuntos tradicionais vigoram nos periódicos femininos e recebem sempre destaque nas reportagens publicadas, alimentando o incessante desejo de viver a modernidade.

Portanto, a imprensa que é direcionada ao público feminino é um verdadeiro fenômeno cultural, pois faz parte da identidade das mulheres¹⁷⁰. É elemento da vida cotidiana e assume diversos papéis, inclusive o de educar¹⁷¹. Porém, esse fenômeno cultural pertence à tão questionada cultura de massa, assim cabe neste estudo uma reflexão sobre motivos da longa existência, permanência e sucesso da imprensa feminina. Para isso vamos falar brevemente de dois fomentadores desse tipo de periódico, os quais considero mais relevantes e que pertencem à análise proposta por esta pesquisa.

O primeiro aspecto é a questão do consumo, especialmente o consumo de massa. Já falamos aqui da importância do público feminino para o consumo, primeiro porque se trata de mais de 50% da população; segundo porque, mesmo quando não são economicamente ativas, as mulheres são responsáveis pela maior parte, se não a totalidade, do que é comprado no ambiente familiar, possuem poder de decisão na escolha de bens adquiridos para a família. Isto é, são elas que comandam o orçamento doméstico, logo, não por acaso, a primeira forma de segmentação de produtos se deu pelo gênero, depois foi ficando cada vez mais especializada, considerando camadas sociais, estilo de consumo etc.¹⁷².

¹⁶⁹ BUITONI, Dulcília. *A imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990. Pg. 13.

¹⁷⁰ Entendo por identidade características, desejos, comportamentos sociais e culturais que unem determinado grupo de sujeitos. Tais características estão em constante mudança, podendo por vezes entrar em contradição, sendo definida historicamente de acordo com a experiência vivida em sociedade. Sobre isso: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹⁷¹ Refiro-me a educar como sentido pedagógico de quem ensina, dá instrução, doutrina sobre algo, pois os periódicos femininos também assumiram e assumem o papel de instruir sobre os mais diversos assuntos, desde cuidados práticos com a casa, com os filhos, regras de etiqueta, até questões de cunho mais íntimo, que dizem respeito ao corpo feminino, como contracepção, gravidez, virgindade, etc.

¹⁷² MIRRA, Maria Celeste. *O Masculino e o Feminino nas narrativas da cultura de massa ou o deslocamento do olhar*. In: *Olhares alternativos*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero. Pagu. Unicamp, 2003.

Considerando a imprensa feminina como um produto da cultura de massa, é inegável o interesse em lucros. Por isso, dentro é muito fácil perceber, ao folhear uma revista feminina, a grande quantidade de propaganda que compõe as suas páginas, seja de forma direta ou indireta. Isso resulta, de certa forma, na formação de um agente de uniformização; isto é, vende-se um padrão que envolve comportamento, vivências sociais e hábitos de consumo. Daí torna-se importante a roupa da moda que todos querem usar, o batom da Marilyn, o carro da Volkswagem, etc.

As propagandas direcionadas para as mulheres estavam ligadas às temáticas tradicionais presentes nas revistas, especialmente com a ligação do que podemos chamar de o “chavão” de ser mulher. “Uma chavão que tenta imobilizar, no tempo, virtudes “clássicas” da mulher. Um chavão que corresponde bem ao senso comum de procurar qualidades quase abstratas: maternidade, beleza, suavidade, doçura e outras [...]”¹⁷³, e, assim, a publicidade valorizava o poder de compra feminino, fazia esse poder de decisão pertencer ao “mundo da mulher”. Aliás, recurso publicitário que podemos perceber até os dias atuais.

Além do mais, as temáticas tradicionais são reportagens que parecem atemporais, diferente do fato ocorrido, da notícia do jornal, os textos que fazem parte das revistas femininas não possuem data de validade; eles podem ser lidos dias, semanas e até meses depois, que cumprirão a sua finalidade. Essa característica, de uma atualidade quase permanente, afasta, de certa forma, a imprensa feminina do mundo real, dando a ela um rótulo de futilidade e leitura desnecessária. Portanto, apesar da constante busca pela atualidade na forma de abordar seus assuntos, as temáticas tradicionais presentes na imprensa feminina fazem dela um tipo de publicação que mantém uma proximidade com o presente de praticamente qualquer tempo.

Outro aspecto da cultura de massa e do apelo ao consumo é o romantismo, que, durante os anos 1950, foi muito influenciado pelo cinema hollywoodiano. Assim, o estereótipo feminino ganhava mais um elemento: o *glamour* das artistas e o desejo de ser como elas, destarte que produtos assumiam o poder de representar traços de personalidade. Então, a cultura de massa também funcionava como amplificador desse estereótipo feminino, independente dele ser tradicional ou romântico, mas que eram muitas vezes inversos ou paradoxais como a imagem da *vamp* e da “virgem”, por exemplo. O que circulava na

¹⁷³ BUITTONI, Dulcília Schroeder. Mulher de papel: a representação das mulheres pela imprensa feminina brasileira. São Paulo. Summus, 2009. Pg. 24.

imprensa de massa direcionada às mulheres, que visava, acima de tudo, ao mercado, era uma imagem feminina ambivalente, que ora exigia das mulheres as responsabilidades tradicionais e conservadoras, e ora destacava a importância de certa emancipação. Sobre isso:

“A cultura de massa revela a ambivalência da imagem feminina da cultura ocidental, acrescida pelas exigências de emancipação: a hegemonia da figura feminina na publicidade, nas capas de revistas e nos cartazes, remete para a coincidência entre a mulher como potencial sujeito e a mulher como possível objeto.¹⁷⁴

Por outro lado, temos que considerar o segundo aspecto fomentador da imprensa feminina, que é a questão da ideologia¹⁷⁵, a qual tem preocupação com a mulher como agente histórico que merece atenção especializada. A ideologia presente na imprensa feminina está presente de forma subliminar, quer dizer, por causa do jargão do modelo de mulher, e da aparente neutralidade do discurso que corre através das temáticas as quais compõem a imprensa feminina, há um discurso que transmite mensagens de forte carga ideológica, e é nesse sentido que as revistas femininas se tornam uma fonte rica para estudos acadêmicos.

Dulcília Buitoni foi, durante a década de 1980, uma das primeiras a chamar a atenção para a importância de se estudar a imprensa feminina para além das aparentes futilidades, pois, para a autora, esse tipo de imprensa possui um forte poder de articulação social e cultural, e merece a atenção dos pesquisadores e pesquisadoras justamente por ter uma relação tão íntima com a leitora e com a promoção do consumo. Também foi Buitoni que provocou o debate para a questão da presença de ideologia nos textos desses periódicos, e ela foca sua reflexão na análise do discurso. Segundo a autora, a peculiaridade da imprensa feminina, está

¹⁷⁴ FRANCISCHETT, Leandra. Representações das mulheres na revista *O Cruzeiro* através das fotografias no período de 1956 a 1960. Mestrado em história social pela Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal Centro Oeste do Paraná. Niterói, 2007. Pg. 136.

¹⁷⁵ No sentido de sistema ordenado de idéias, ou representações, normas e regras que aparecem como algo separado e independente das condições materiais. Para saber mais: SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2008.

na forma como ela trata a sua leitora, isto é, direciona-se a ela como uma amiga íntima. Sobre isso:

A imprensa feminina não é toda de sentenças vocativas ou imperativas. Mas é um texto fundamentalmente orientado para um destinatário e, ainda que não seja: deixe, faça, vista, use, corra, descanse, etc. encontramos essa direção subjacente a qualquer matéria destinada à mulher. O tom amistoso escamoteia a contestação e até a simples dúvida, que é o que acontece com as frases imperativas. [...] Pois bem, a imprensa feminina elegeu a função conotativa como sua preferida – o que também foi feito pela publicidade - e resistir, quem a de? Como dissemos, se a função conotativa não está explícita, percorre implicitamente os textos da imprensa feminina ¹⁷⁶.

Penso que a vontade de desvendar essa linguagem conotativa faz crescer cada vez mais os estudos sobre a imprensa feminina. Esses estudos buscam, sob os mais variados pontos de vista, interpretar esses discursos para compreender não só o ponto de vista de quem vende, mas as características que identificam o público alvo dessas publicações. Nesse sentido, falaremos agora, brevemente, sobre algumas das possibilidades de estudo que esse periódico proporciona para a contribuição na construção da história de gênero.

De maneira geral, há duas formas de utilizar as revistas femininas como objeto de estudo: a primeira é tentar traçar uma visão geral do periódico, analisar a totalidade da proposta editorial como um todo, buscando encontrar certa coerência ou ligação entre os assuntos abordados e a forma como são propostos; a segunda maneira de estudar as revistas femininas é, também, a mais utilizada, especialmente por historiadores, optar-se por selecionar uma única seção ou temática presente na revista para ser analisada e concluir dados sobre o periódico estudado ou sobre um tema abordado. Assim, analisar uma temática específica que parece se destacar em prol das outras no corpo do periódico ou cuja problemática pretende se abordar sob a ótica impressa para o público feminino é a opção deste

¹⁷⁶ BUITTONI, Dulcília Schroeder. Mulher de papel: a representação das mulheres pela imprensa feminina brasileira. São Paulo. Summus, 2009. Pg. 191.

estudo, no qual a autora identificou uma temática que considerou destaque e peculiar à revista em questão, isto é, a *Lady: a companheira das mulheres*.

Evidentemente que as maneiras de trabalhar com o periódico dependem muito das necessidades da pesquisa, assim que, o pesquisador acaba por adaptar ou até mesmo inventar a melhor forma de trabalho de acordo com as condições oferecidas para o desenvolvimento da pesquisa. Muitas vezes é necessário, em prol de uma temática, ir além de uma seção da revista; ou, também, para entender alguma coluna, é preciso entender toda a linha editorial. Por isso, não há fórmula para desenvolver um trabalho; contudo, as duas maneiras gerais citadas como escolhas para os estudos nas revistas femininas perpassam pela literatura geral que orienta este e outros estudos de imprensa feminina.

Das autoras que pesquisaram e ainda pesquisam as revistas femininas, optei por destacar as principais que contribuíram para este estudo, que apresentam em suas análises considerações sobre como deveria ser o comportamento das mulheres segundo os conselhos e reportagens dos periódicos femininos pesquisados. Portanto, trata-se de autoras que discorrem sobre a imprensa feminina, buscando identificar práticas de um tempo histórico e marcas no modo de vida das mulheres que viviam nos respectivos períodos, e, nesse sentido, através das conclusões desses trabalhos, é possível enriquecer a reflexão deste estudo, não de modo comparativo, mas sim como uma forma de facilitar a identificação de algumas peculiaridades e semelhanças presentes na revista *Lady*, durante os anos 1950, lembrando que a revista deste estudo nunca foi analisada em estudos acadêmicos.

De início, destaco a autora que foi pioneira e chamou a atenção para os estudos com a imprensa feminina no Brasil. Dulcília Buitoni buscou compreender a representação da mulher na imprensa brasileira de forma geral ao longo do tempo. A autora analisou vários periódicos direcionados à mulher, desde o final do século XIX, até a década de 1990; seu livro "*Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*" tornou-se leitura referencial para os pesquisadores da área. Naturalmente a pesquisa de Buitoni não se trata de um estudo que prioriza uma temática específica, mas sim busca identificar algumas permanências na representação ao longo de anos de segmentação de gênero imprensa. Para essa autora, a imprensa feminina brasileira é marcada pelo forte incentivo ao consumo das mulheres e pela construção de um ideal feminino que é inatingível e marcado por um estereótipo romântico que liga à identidade feminina a características como sensibilidade, amor incondicional, intuição, feminilidade entre outras, fazendo da mulher representada nas

revistas um ser perfeito, ideal e afastado da realidade das mulheres de vida simples do cotidiano.

Outra autora que chama a atenção para o uso da mulher como elo de consumo é Leoní Serpa, que analisou reportagens da revista *O Cruzeiro*¹⁷⁷ e identificou uma forte exploração do público feminino, através de belas mulheres que apareciam nas reportagens de cobertura de festa da elite, nos concursos de beleza e até na capa da revista. Então, a mulher era retratada nas páginas da revista como glamorosa e vaidosa, preocupada com a beleza e com o corpo e, acima de tudo, uma boa dona de casa, submissa ao marido e dedicada à criação dos filhos; perfil este que, segundo a autora, foi muito explorado pela publicidade e pela coluna “*Lar doce lar*”, que julgava ser a mulher ideal a que fosse boa serviçal da casa. Para resumir a idéia da autora sobre a representação que se fazia das mulheres na revista *O Cruzeiro* cito:

A representação dos estereótipos de uma mulher modernizada, que usa cosméticos e está na moda, contrapunha-se à orientação das colunas da revista, que aconselhavam as mulheres a não se libertarem das amarras dos marido e permanecerem apenas como donas de casa. Elas poderiam sim aderir aos novos padrões de comportamento, especialmente às novas formas de beleza, mas não deveriam deixar de lado os padrões antigos de comportamento. [...]

Uma das justificativas para as mulheres permanecerem submissas aos homens era a educação, pois elas seriam destinadas a dar continuidade ao ciclo: casar, ter filhos, ser uma boa esposa. Esse perfil de mulher também era considerado moderno, porque ela era livre para ser boa consumidora e cuidar muito bem do corpo, mas, precisava continuar presa intelectual e socialmente aos mesmos padrões de vida de suas mães e avós. [...] O que se percebe é que a mulher alcançava apenas uma “independência” consumista, e ainda com o dinheiro dos maridos, porque poucas usufruíam uma liberdade financeira própria¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Sobre a revista *O Cruzeiro*, cabe ressaltar que não se trata de uma revista exclusivamente feminina, porém, segundo a própria Leoní Serpa, mais de 50% das páginas do periódico eram destinadas ao público feminino, através de colunas especializadas, publicidade e dicas de beleza e moda. Além do mais, já falamos aqui da importância da revista para o período estudado e para o jornalismo brasileiro; assim, estudar as páginas e seções direcionadas às mulheres é, de certa forma, também um estudo de imprensa feminina. SERPA, Leoní. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Dissertação em História na UPF. Passo Fundo, 2003. Pg. 39.

¹⁷⁸ SERPA, Leoní. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Dissertação em História na UPF. Passo Fundo, 2003. Pg. 56.

Ao estudar *O Jornal das Moças e Cláudia*, Carla Bassanezi aborda questões consideradas cruciais em termos de comportamento e de conhecimento para mulheres que desejam casar ou que são casadas. Temas como prendas domésticas, cuidados com a aparência, maternidade, regras do namoro, liberdade do homem, ciúmes, enfim, assuntos que, para as revistas, estão intimamente ligados com a felicidade conjugal e com a possibilidade de ter um bom casamento. Dessa forma, para a autora, entre meados da década de 1940 até o fim dos anos 1960, pelo discurso da imprensa feminina, não há um enfrentamento direto entre homens e mulheres em questões de liberdade individual e espaços menos diferenciados entre os gêneros. A autora destaca as colunas de Carmem Silva na revista *Claudia* como uma tentativa de inserir no discurso da revista alguns ideais feministas; contudo, é considerado um espaço isolado e de pouca repercussão. Apesar de saber que as mulheres atuavam no mercado de trabalho, as revistas, sob a ótica de Bassanezi, consideravam uma ameaça a estabilidade da vida familiar, e aconselhavam as mulheres não se ocuparem de atividades para além do espaço doméstico, pois a função “natural” da mulher era a de ser a “rainha do lar”, o papel de “chefe da casa” era destinado aos homens e só eles deveriam se expor às atividades remuneradas e estressantes dos espaços públicos¹⁷⁹.

Também concluiu ser predominante o discurso que aconselhava a mulher a ser submissa e dócil, em um estudo que analisou o discurso das cartas das leitoras da revista *Capricho* desde os anos 1950 até o ano de 2004. Para as autoras que analisam as cartas, apesar das mudanças editoriais que a revista sofreu ao longo do tempo e das mudanças na condição da mulher pós-movimento feminista, ainda assim, valores conservadores fazem parte da vivência e da formação de opinião de adolescentes da contemporaneidade. Dessa forma, atitudes que eram extremamente condenáveis para as “moças de família” dos anos dourados, como tomar a iniciativa do namoro, do sexo, gravidez ou com quem perder a virgindade, continuam sendo vistas como assuntos de responsabilidade única das mulheres aos olhos de muitas adolescentes do século XXI; sendo os meninos considerados de menor responsabilidade em relação à sentimentalidade, o que, conforme apontam as autoras, deixa a mulher na condição de ré no caso de uma gravidez indesejada, por exemplo. Então, as autoras concluem que as permanências conservadoras, convivem com as conquistas das mulheres ao longo das décadas estudadas, e que a “moça prendada” dos anos 1950 e a “menina

¹⁷⁹ BASSANEZI, Carla. Virando as paginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

superpoderosa” do século XXI não retratam uma história evolutiva das mulheres, mas sim uma coexistência entre tradição e modernidade, sendo possível, por mais paradoxal que possa parecer, a convivência entre as conquistas históricas do feminismo e as, também históricas, funções sociais destinadas às mulheres, que são, no cotidiano, “prendadas” e “poderosas” ao mesmo tempo¹⁸⁰.

Além das interpretações que visam compreender o discurso das reportagens nas revistas femininas, há estudos que interpretam as mensagens fotográficas das reportagens e da publicidade. Mesmo não sendo as imagens o foco principal de estudo deste trabalho, interessam as análises das autoras que pesquisaram fotografias nas revistas femininas, porque, assim como o texto das reportagens, as imagens transmitem mensagens que correspondem à visibilidade e aos modos de vida do período. Para além do contexto histórico, essas autoras contribuem para um melhor entendimento da representação das mulheres nas revistas.

Dentre elas, destaco a análise da publicidade de eletrodomésticos na revista *O Globo*, onde a autora, Liziane Soares, investiga as relações de poder entre homens e mulheres através das propagandas. Em relação à revista Liziane Soares, assim como as outras autoras, ela percebe o predomínio de um discurso que orienta as mulheres a serem dedicadas à família e ao lar, conservando virtudes como paciência, doçura e espírito de sacrifício. Quanto a publicidade, a autora afirma que era inteiramente explicativa, no sentido de informar a leitora sobre como utilizar o equipamento, para que ele servia e a importância de tê-lo dentro de casa.

Dentre os produtos mais divulgados, estavam refrigerador, fogão, máquina de costurar, ferro elétrico e enceradeira. Os produtos se apresentavam com o discurso e visualidade que promovia as facilidades do uso da eletricidade e prometia facilitar os afazeres domésticos e, conseqüentemente, a vida da “mulher moderna”, assim sobraria mais tempo para ela se dedicar à família e, por vezes, dispensar o auxílio de empregadas domésticas. Como artifício de venda, as imagens que promoviam a venda dos produtos eram de atrizes famosas, misses e cantoras da época. Dessa forma, conforme conclui a autora, os eletrodomésticos assumem somente a função de facilitar a vida da mulher e de promover o consumo, não contribuem para tirar as mulheres do espaço doméstico, pelo contrário, reforçam o papel de submissão das mulheres que resumiam sua vida ao ambiente familiar.

¹⁸⁰ MIGUEL, Raquel, B. P. e TONELI, Maria Juracy F. De moça prendada a menina superpoderosa: análise das seções de cartas de eleitoras da revista *Capricho* (1954-2004). *História Unisinos*. Vol. 12 Nº 2. –maio agosto- de 2008. Pg. 169-179.

Conforme Leandra Francischett, nas propagandas nas revistas, o destaque para o ideal feminino era maior do que para os produtos que estavam à venda no anúncio, o que mostra a preocupação de reforçar os ideais da “rainha do lar”. A autora, que analisa as imagens femininas de *O Cruzeiro*, afirma que a imagem da mulher integra a cultura de massa, sendo considerada um veículo de prazer visual; por isso, a beleza dos corpos e do vestuário são concomitantemente divulgados. Assim, na revista não há imagens de como as mulheres são de forma geral, mas sim de como elas devem ser, consolidando um modelo e também práticas de vida, como exercícios físicos e certos cuidados com a alimentação.

Leandra Francischett também chama a atenção para a importância da beleza feminina para a imprensa. Segundo a autora, a beleza era de fato o grande trunfo feminino para as mulheres dos anos dourados, que lançaram os mais importantes concursos de beleza do país e viveram o auge dos concursos de misses, que mobilizavam o país todo e era para as moças da época uma possibilidade de ascensão social. As misses viram modelos a serem copiados, vendiam produtos e viraram capas de revista como representação de conquista do sucesso como recompensa de dedicação e do bom comportamento familiar, sendo as moças consideradas modelos ideais para o casamento¹⁸¹.

Por fim, destaco os estudos de Daniela Campos, que analisou a coluna feminina de *pin-ups Garotas*, da revista *O Cruzeiro*. Desenhadas pelo estilista e ilustrador Alceu Penna, as *Garotas* foram um sucesso ao longo de 26 anos de publicação na revista. Segundo a autora, as *Garotas* eram meninas que possuíam uma “ousadia comportada”, isto é, quebravam certas normas consideradas fundamentais para uma moça de família, para aproveitar melhor a vida e ser feliz. Assim, elas eram namoravam, iludiam os rapazes com falsos flertes, bebiam, iam à praia, enfim, tinham hábitos modernos e ousados para a época e, diferente das outras colunas femininas presentes nas publicações de *O Cruzeiro*, as “moderninhas” *Garotas* do Alceu tratavam-se de desenhos de humor, que representavam a alta elite carioca e que viviam suas liberdades enquanto eram solteiras, pois, depois de casarem, elas deixavam de existir. As *Garotas* divulgavam, em sua coluna, normativas de civilidade, de hábitos modernos e de

¹⁸¹ FRANCISCHETT, Leandra. Representações das mulheres na revista *O Cruzeiro* através das fotografias no período de 1956 a 1960. Mestrado em história social pela Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal Centro Oeste do Paraná. Niterói, 2007. Pg. 92 - 95.

urbanidade e faziam isso com a beleza e a liberdade típica da juventude, o que dentro do *O Cruzeiro* não era permitido às senhoras casadas e mães de família.

Conforme revisamos aqui, os estudos com as revistas perpassam por varias temáticas, apontando para discursos que caracterizam, sobretudo, os anos dourados. De comum, podemos dizer que, conforme as autoras, de forma geral, o discurso direcionado às mulheres era de valorizar os papéis tradicionais de dona de casa, mãe e esposa responsáveis pela ordem da família e pelo controle do lar. A mulher é vista pela imprensa como uma consumidora em potencial, que deve saber valorizar o dinheiro destinado à família. A exceção é o estudo sobre as *Garotas*, que tem mais liberdade para viver as ofertas da vida urbana e moderna, que podem se divertir sem culpa, namorar, passear.

Contudo, não devemos esquecer que as *Garotas* não eram mulheres reais, eram personagens jovens, solteiras, e, apesar de cumprirem a função de divulgar novos hábitos e padrões menos rígidos para as moças de sua época, tratava-se de mulheres de papel. Nesse sentido, volto a afirmar a importância deste estudo, pois, diferentemente das revistas estudadas, a *Lady* apresenta, em sua páginas, mulheres reais, que já vivem o dilema da dupla jornada, isto é, a divisão do trabalho profissional e o exercício das funções domésticas e, ainda, que essa mulher, representada nos periódicos já estudados, que é rodeada de rígidos padrões morais, esteja também presente nas páginas da *Lady*. Mesmo assim, há de se considerar o espaço a mais, que, independente do discurso, reconhece um novo elemento social, que é a atuação dessa mulher num espaço para além da casa. Mas sobre isso desenvolveremos melhor nas próximas páginas.



4. Ladies no batente

*Todo dia ela faz
Tudo sempre igual
Me sacode
Às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca
De hortelã...
(Chico Buarque)*

4.1) *Lady*: Conhecendo esta dama

É curioso, pois meu pai e meu avô eram editores. Meu destino era seguir a carreira a da família. Imagine que no início do século meu avô Gustav Reichenbach, veio para o Brasil em convite do governo, para montar a primeira litografia do Brasil. O país não possuía know-how de litografia, que era sistema de impressão com pedras planas muito usado na época. Ele veio com um sócio e abriu a empresa Hartmann & Reichenbach em São Paulo. Ela cresceu e depois ficou conhecida como Companhia Litográfica Ipiranga, que existe até hoje¹⁸². [...]

Meu pai editava uma revista ligada a cultura, chamada *Lady*. Era uma revista considerada muito adiantada para a época, uma revista para mulheres sem fotonovelas que contratava escritores para fazer artigos. Nomes como Dinah de Queirós ou Ernani Donato. Aliás, ele lançou várias revistas importantes no Brasil, como *Casa & Jardim* e editou a revista *Seleções* durante duas décadas. Em 1956 Oswaldo¹⁸³ adaptou uma novela de Dinah, chamado *Jovita*¹⁸⁴, que havia sido publicada na revista *Lady*, que ele pretendia filmar. O filme acabou não saindo, mas

¹⁸² A Companhia Litográfica Ipiranga foi vendida para o grupo da FOLHA nos anos 60.

¹⁸³ Refere-se a Oswaldo Sampaio roteirista de *Sinhá Moça* filme produzido pela Vera Cruz em 1953.

¹⁸⁴ Este conto foi publicado na edição nº da revista, em outubro de 1956. QUEIRÓS, Raquel. *Jovita*. In: *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. Outubro de 1956. Pg. 10,11 e 63

lembro que ele fez uma leitura da adaptação para meu pai e outros amigos, lá na câs de Billings. Eu tinha nove anos e aquela leitura me marcou muito¹⁸⁵. (*Grifo meu*).

As palavras acima pertencem ao filho do presidente e grande idealizador da revista *Lady: a companheira da mulher*, Carlos Reichenbach leva o nome do pai e se refere a ele como um editor visionário e leitor compulsivo e que a revista *Lady: a companheira da mulher* foi o seu grande projeto editorial. O filho, que é hoje um respeitado diretor de cinema¹⁸⁶, diz ainda que de certa forma foi a *Lady* que matou seu pai, pois por causa dela, o presidente da revista teve dois infartos cujo o último lhe foi fatal¹⁸⁷.

Como uma pesquisadora apaixonada pela sua fonte, sinto-me provocada a desvendar os “mistérios” que rondam esta revista, assim como, saber mais sobre as pessoas que participaram dela, mas infelizmente, além das dificuldades com a pesquisa, para que um bom trabalho pudesse ser realizado alguns os recortes se fizeram necessários de modo, que neste espaço buscarei problematizar e interpretar para o leitor ou a leitora com o que considero os encantos de um periódico que é desconhecido dos pesquisadores e acima de tudo, uma revista que estampou em suas páginas as modificações da modernidade e do tão propagandeado desenvolvimento dos “anos dourados” de uma maneira no mínimo peculiar que chama a atenção de um leitor mais atento até os dias atuais.

A *Lady* foi lançada em outubro de 1956, pela editora Monumento S.A., com uma tiragem de 70 mil exemplares, este número chegou a 100 mil o que a caracteriza como um imprensa de massa¹⁸⁸, e embora a revista também possa também ser considerada segmentada por ser exclusivamente direcionada ao público feminino pertencente às camadas médias e letrada, ela é entendida e analisada para este estudo como imprensa de massa, não só pela tiragem, mas também pelo esforço em torná-la uma fenômeno editorial e isso fica claro nas

¹⁸⁵ LYRA, Marcelo. Carlos Reichenbach: o cinema como razão de viver. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. Pg. 71, 73 e 74.

¹⁸⁶ Da filmografia de Carlos Reichenbach destaco os mais recentes: Alma Corosária (1994), Dois Córregos (1999) e Garotas do ABC (2002/2003).

¹⁸⁷ Depoimento que consta do blog do diretor Carlos Reichenbach pode ser consultado: <http://www.olhoslivres.com/Biografia.htm> acesso em 10/02/2010.

¹⁸⁸ Para Maria Celeste Mirra um periódico para ser considerado como imprensa de massa deve ter no mínimo 100 mil exemplares publicados em sua edição. MIRRA, Maria Celeste. MIRRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d'Água / Fapesp., 2001. Pg. 11.

vezes em que a revista “fala à leitora”¹⁸⁹, assim como, nas modificações em termos de formato, recursos visuais e abordagens temáticas que ocorrem ao longo de sua periodicidade.



Imagem 1 - Capa do exemplar nº 1 da *Lady*: a companheira da mulher. Outubro de 1956.

Num formato grande para os padrões atuais (38cm x 28 cm) e respeitável para os anos 1950, já que seguia o padrão do *O Cruzeiro*, páginas em números que variaram entre 70 e 105 e custaram entre Cr\$ 20.00 e Cr\$ 25.00, a *Lady* tinha como presidente, Carlos Reichenbach, como editor Théo Gygas e como secretária geral Maria I. Kolos¹⁹⁰. A redação da revista contou com diversas participações que em geral eram de profissionais que, conforme é

¹⁸⁹ Em alguns exemplares, especialmente quando há uma mudança na diagramação da revista ou um novo colaborador, um espaço chamando “Falando a Leitora” informa as mudanças e, por vezes alguns problemas enfrentados pela redação, conforme falaremos ao longo deste texto.

¹⁹⁰ Não foram encontradas referências sobre essas pessoas. Contudo, cabe informar que elas também eram responsáveis pela revista *Casa & Jardim* (1953-1965), outra publicação da mesma editora.

informado na revista, transitava no eixo Rio, São Paulo e eventualmente Porto Alegre. Também em nota a revista se afirma como produção independente informando a leitora que “A fim de manter-se num plano elevado e independente, Lady não cobra e nem aceita pagamento algum pelo que publica em qualquer seção redacional.”¹⁹¹”

A *Lady* entrou no mercado de revistas com uma proposta clara de promover uma leitura mais especializada para as mulheres, indo além dos assuntos tradicionalmente femininos como moda, culinária e cuidados com a casa. Pode-se afirmar que a revista tentou incentivar o consumo da alta cultura e da politização mais consciente da mulher apresentando em suas matérias questões reflexivas promovidas por escritores consagrados que tratavam dos mais variados assuntos que pertenciam ao modo de vida dos anos 1950, aos conflitos da modernidade, e que não eram abordados pelas revistas femininas ou então quando o eram era de forma tradicional e por vezes, preconceituosa.

É também necessário destacar que o público ao qual a revista era direcionada, além de letrado tratavam-se de mulheres e não de moças adolescentes, assim que, as reportagens são voltadas para uma mulher em fase adulta que, em geral, era casada, tinha filhos e que, em alguns casos, exercia alguma atividade fora do âmbito doméstico. Por isso, reportagens que possuem uma ligação com a vida prática procuram abordar temáticas que dão conta de assuntos como o exercício da maternidade, dicas para facilitar a vida doméstica, regras de etiqueta e moda.

Abaixo transcrevo parte da apresentação do primeiro exemplar escrita pelo presidente da revista onde ele mesmo fala do seu projeto e conta como surgiu a idéia de lançar uma revista feminina tão peculiar no mercado editorial brasileiro. Segue:

A idéia nasceu junto a uma pilha de revistas de quadrinhos¹⁹² e jornais velhos na garagem.

Chovia. Para ir da garagem a casa eu deveria atravessar o quintal. Porque eu não tinha pressa, nem vontade de me molhar, comecei a folhar as tais revistas.

Histórias de amor, romances, galã, vilão, a mocinha inocente, a mulher fatal, a aventura, perda da inocência, desilusão, o filho sem pai, reencontro com o galã, mar de rosas, fim. Tudo isso contado, ou melhor, demonstrado por meio de fotografias ou desenhos bem ou mal

¹⁹¹ Esta informação consta na primeira página de todas as edições.

¹⁹² Acredito que Carlos Reichenbach refere-se as fotonovelas.

feitos com pequenas legendas dentro ou fora do quadro. Percebi tratar-se de revistas para o mundo feminino. Perguntei a minha empregada quem as comprava e lia.

A resposta foi uma surpresa. *A criminosa era a minha própria mulher.* Após ela, minha empregada e a cozinheira banquetevam-se com as tais revistas. As amigas da minha empregada e da cozinheira também e as amigas destas idem.

Conversando com a minha mulher fiquei surpreso ao de saber que *não existiam, no Brasil, revistas que fossem de interesse exclusivamente feminino* além desse tipo chamado de quadrinhos.

Verifiquei e constatei que minha mulher tinha razão: *existem revistas que tratam parcialmente de assuntos femininos, na maioria, somente de modas*, porém, por incrível que pareça, nunca se editou uma revista para a mulher brasileira, uma revista no gênero de muitas existentes no estrangeiro como “M’Call”, “Femme” etc., *revistas que estivessem a altura de oferecer assuntos que elevam o espírito, aumentam a cultura, ao contrário das existentes que provocam preguiça mental e testemunham a ignorância e a fraqueza moral.*

Não sou puritano, ao contrário. Mas devo dar uma explicação ao leitor antes de continuar.

[...]

Entrevistando dezenas de senhoras de todas as classes sociais, profissões e cultura, chegamos a conclusão que uma revista puramente feminina, brasileira, sem cópias, ou simples traduções, dentro do mesmo espírito que nos fez editar “Casa & Jardim”, com leitura sã, instrutiva esclarecedora, apresentada com a melhor qualidade gráfica, literária e informativa, seria aceita prazerosamente por toda a mulher brasileira.

A mulher brasileira merece a nossa dedicação. Ela é nossa melhor amiga e companheira, nos dá carinho e afeição, *ela cuida do nosso lar, está conosco no bem e no mal, ela é a nossa mãe ou a mãe de nossos filhos, é quem os educa enquanto nos homens estamos trabalhando, é ela que nos representa perante a sociedade e é dela que depende o futuro moral da nossa pátria*¹⁹³. (Grifos meus)

Conforme podemos perceber na carta editorial da primeira edição, a leitora da *Lady* é uma privilegiada, pois tem acesso a uma revista exclusivamente feminina, que possui um formato editorial de excelência para a época que foi impressa e que é pioneira no Brasil. Também é possível entender, pela leitura do texto que uma pesquisa entre mulheres - inclusive trabalhadoras - foi feita para saber se o projeto da revista seria bem recepcionado pelas leitoras, o que segundo o editor, confirmou-se.

¹⁹³ Texto de Carlos Reichenbach para as leitoras. Revista *Lady: a companheira da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Monumento S.A. Outubro de 1956, n° 01, pg. 02.

Além disso, conforme os grifos desta autora, embora o editorial da revista se propõe a apresentar para a sua leitora uma proposta inovadora em termos de publicação feminina, buscando escrever sobre assuntos inéditos e pouco ou mal abordados em outros periódicos femininos, Carlos Reichenbach, autor do texto, expões em suas palavras um paradoxo que pertence ao gênero feminino e está presente permanentemente nas publicações da imprensa feminina até os dias atuais, isto é, a mulher que transita e atua em diversos espaços, mas que é invariavelmente considerada a responsável principal, se não única, pela criação dos filhos, pelos cuidados com a casa e pela manutenção da ordem e da moral social.

A convivência da mulher moderna, de novos valores e atitudes às vezes vanguardistas convivem quase que harmonicamente com a mulher tradicional e as vezes rigidamente moralista que se preocupa com a família, com a manutenção de um casamento feliz e com a educação dos filhos. Esta constatação concorda com o que diz Jocelito Zalla que ao estudar Gilda Marinho, uma mulher da alta-sociedade porto-alegrense que freqüentava rodas de intelectuais, se envolveu com a política local. Gilda, durante a década de 1950 era apontada como uma mulher moderna que era “a ‘ponta-de-lança’ de uma nova geração de mulheres que trabalham, estudam e desapontam em suas atividades como normalmente somente um homem faria¹⁹⁴”. Gilda escrevia sobre política, mas também dava conselhos femininos em suas colunas, e nesses conselhos propagava muitos valores tradicionais, como por exemplo, responsabilizar a mulher pelo sucesso no casamento e defender a beleza como um dos artifícios femininos. Aliás, Gilda Marinho também está na *Lady*, na edição de nº 25 como membro e possível Secretária Geral do Clube da Lady tema sobre o qual falaremos melhor na continuidade deste texto.

Sobre este paradoxo que acompanha as reportagens das revistas femininas, especialmente a *Lady* gostaria de ilustrar como isso aparece na revista que tenta unir valores tradicionais a comportamentos e formas de pensar vanguardistas. Numa reportagem da edição nº 21 intitulada “Seja severa com sua filha”, traz para a reflexão uma história de cinema que, segundo a reportagem, estava sendo filmada e reflete sobre a necessidade dos pais terem autoridade sobre seus filhos.

No texto da reportagem a responsabilidade da educação é permanentemente direcionada aos pais e não unicamente a mãe e defende que o rigor e a autoridade dentro de

¹⁹⁴ ZALLA, Jocelito. Uma mulher “tradicionalmente moderna”: relações de gênero na trajetória de Gilda Marinho. In: Em tempo de história. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História. PPG-HIS/UnB, n. 11, Brasília, 2007. (13-24). Pg. 16.

casa são fundamentais para ter como bom resultado um cidadão digno. Por outro lado a mesma reportagem ironiza a idéia de trauma que a psicologia alertava na questão da educação, aliás, na própria *Lady* há um espaço onde psicólogas dão conselhos aos pais sobre como devem agir, sem perder o controle, em determinadas situações com relação aos filhos¹⁹⁵. Mas voltando a reportagem em questão, destaco o subtítulo “Simone de Beauvoir tinha pais autoritários”, que alerta que o ideal é que os pais “proibam sem dizer” para não despertar o interesse pelo proibido, mas ao mesmo tempo defende a agressão física:

“A a maioria dos dramas que enchem as colunas dos jornais e os dossiers dos advogados, começam com o primeiro bombom que os pais ofertam para evitar as lágrimas. Antes mesmo de aprender a falar a criança sente que é mais forte [...] Talvez faça as mães saltarem de susto ao dizer que sou amiga, ainda, da **surra bem aplicada quando se faz necessária**. Verdade é que atualmente, bater não está na moda, “cria complexos”, inibe a criança! Mas o que está na moda, dá personalidade, não cria complexos, é ser mais fraco que os filhos, é ser dominado por eles, e finalmente arrepender-se e ser vitima da própria educação a eles ministrada¹⁹⁶.(grifo original).

Mas, paradoxos a parte, o que afinal era publicado frequentemente na *Lady*? Para que o leitor ou leitora possam mergulhar no universo da revista optou-se por dividir essa breve apresentação em temáticas que considero fundamentais em termos de informação geral e que possibilitarão uma noção, mesmo que breve, do conteúdo da revista, assim como, da visão editorial. Do *corpus* documental cabe informar ao leitor que a pesquisa se deu com a totalidade de 23 revistas que foram publicadas entre o ano de 1956 e 1959¹⁹⁷.

¹⁹⁵ Dentre as psicólogas que escrevem para a revista na seção “Consulte a psicóloga” destaco: Bettina Katzenstein e Vera Hüseman de Oliveira César.

¹⁹⁶ QUERCIZE, Françoise. Seja severa com sua filha. *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. n° 21. (102-105). Pg. 105.

¹⁹⁷ As edições disponíveis vão do número 01 ao 25, porém nos arquivos consultados faltam as edições de n° 06 e de n° 24. Também não é possível a essa pesquisadora afirmar que a edição de n° 25 foi a última publicação da revista, contudo, a *Lady* está presente no arquivo do Museu da Comunicação Hipólito da Costa em Porto Alegre e no arquivo pertencente a professora Beatriz Teixeira Weber da Universidade Federal de Santa Maria. Foram tentados contatos com o arquivo da FOLHA, que foi quem comprou a Litografia Ipiranga, na tentativa de aumentar o *corpus* documental mas infelizmente, as respostas obtidas não foram satisfatórias, já que não sabiam informar sobre a existência da revista. Também na Biblioteca Nacional não há nem mesmo todos os exemplares que tivemos acesso nesta pesquisa.

Primeiramente, gostaria de descrever um pouco da apresentação geral da revista que era de alta qualidade e seguia o padrão do *O Cruzeiro*, de modo que, nas capas encontramos mulheres que em dividem espaços com outras imagens mas que em geral aparecem sozinhas e ilustram o modelo de beleza dos anos dourados, isto é, vestidas e maquiadas impecavelmente, houve algumas exceções como as edições de nº 11 cuja contava com uma ilustração, a de nº 13 que colocava dava a capa a um cachorro da raça Cocker e a de nº 14 que espanhóis dançando flamenco. Dentre as “beldades” que ganharam a capa da *Lady* destaco as atrizes de cinema Marilyn Moroe¹⁹⁸, Sophia Lauren¹⁹⁹ e Brigitte Bardot²⁰⁰, além de socialites²⁰¹ e misses²⁰².

Outra coisa que chama a atenção é que a *Lady* praticamente não tem capas e nem reportagens comemorativas para ocasiões como o natal, a páscoa, até mesmo dia das mães. As únicas exceções são o mês de abril de 1957 e 1958 que possuem noivas na capa em razão do mês seguinte, maio, ser o mês das noivas. Nessa revistas as reportagens também tratam de assuntos do interesse de quem está planejando casar-se, como lua de mel, dicas de como agradar o esposo, propagandas de lingeries e sugestões de decorações e pratos para servir na festa.

Na *Lady* também é possível perceber a preocupação com a diagramação e a forma moderna de se fazer jornalismo que foi adotada nos anos 1950 e que seguia o modelo norte-americano de publicar²⁰³. Então a organização da revista obedece um padrão que une textos de qualidade ao apelo visual, então é possível encontrar facilmente a reportagem que deseja ler, pois o índice é bem ordenado e claro à leitora; os colaboradores da edição do mês ganham destaque, na grande maioria das edições, com pequenas fotos que identificam respectivamente seus nomes e suas referências.

¹⁹⁸ *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. Novembro 1956, Nº 02.

¹⁹⁹ *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. Janeiro 1959, Nº 23.

²⁰⁰ *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. Março de 1958. Nº 15.

²⁰¹ Nº 09.

²⁰² Entrevista com Tereza de Souza Campos. *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. Junho de 1958. Nº 18.

²⁰³ Sobre isso: BARBOSA, Alexandre. A comunicação sedutora: aspectos da influencia norte-americana na comunicação brasileira. *Cenários da Comunicação*, V.4 , 13-24, 2005.

Aliás, outra prática moderna da revista é contratar seus colaboradores²⁰⁴, que é importante enfatizar, tratava-se de profissionais de destaque no mundo da imprensa e das letras. Escritores como Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles, Raquel de Queiróz além de ilustradores como o caso de Alfredo Elgul Samad²⁰⁵ e também havia participações de cineastas como Marcos Margulies²⁰⁶.

Dentre os vários jornalistas que assinaram reportagens durante a periodicidade da revista há algumas informações que devem ser ressaltadas. Primeiro, que participavam das edições tanto jornalistas homens como jornalistas mulheres e alguns desses não foi possível identificar na pesquisa, ou porque estavam escondidos atrás de pseudônimos, prática muito comum na imprensa do período estudado, ou porque simplesmente não foi possível identificá-los, possivelmente por atuarem mais no eixo Rio - São Paulo²⁰⁷.

No entanto, foi possível ter informações sobre algumas das jornalistas que escreveram na *Lady* e que atuaram na imprensa da época. Mas falarei nelas em momento mais oportuno, por enquanto vou destacar o nome de uma mulher que iniciou fazendo reportagens para a e se tornou diretora da revista sendo responsável por seções que, na opinião desta autora, fizeram parte da caracterização da *Lady*.

Nely Dutra nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul e começou a publicar textos ainda jovem em alguns jornais de Porto Alegre. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1940 onde casou e teve dois filhos. Lá escreveu para jornais como a *Ultima Hora* e o *Correio Paulistano*, também foi repórter de *O Cruzeiro*. Nelly Dutra, que às vezes assinava só Neli, fez do jornalismo a forma de sustento dela e dos filhos após ter se separado do marido que não pagava pensão. Ela jamais se aposentou, deu aulas e escreveu até os últimos dias de vida²⁰⁸.

²⁰⁴ Informação baseada no depoimento do cineasta Carlos Reichenbach citado no início deste capítulo.

²⁰⁵ Pintor e ilustrador argentino.

²⁰⁶ Formando em sociologia pela Universidade de São Paulo. Na década de 50, Marcos Margulies foi roteirista da Vera Cruz. Disponível em <http://www.millarch.org/artigo/o-editor-documentario-i>, acesso em maio de 2010.

²⁰⁷ Penso ser pertinente informar o leitor ou a leitora que mesmo que não seja o objetivo do trabalho busquei saber o máximo de referências possíveis, mesmo que básicas ou para o meu próprio conhecimento, de todos os nomes que apareceram como autores na revista, mas em alguns casos foi impossível encontrar referências dessas pessoas até mesmo na rede internacional de computadores.

²⁰⁸ RAMOS, Regina Helena de Paiva. Mulheres jornalistas: a grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010. Pg. 277, 278.

Ironicamente, se o leitor ou leitora colocar o seu nome num site de busca da internet encontrará poucas referências sobre a escritora, aliás, o mesmo acontece com o presidente da *Lady*, e com a própria revista que é a primeira vez que é material de análise acadêmica. Nelly Dutra também foi pioneira como roteirista da Vera Cruz, contribuindo com adaptações dos “contos *A sorte do jogo* de Augusto Hoffman para o filme *Ângela* (1951) de Abílio Pereira de Almeida e *Carantonha* de Afonso Schmidt, para o filme *Cara de Fogo* (1957), produção independente com direção de Galileu Garcia²⁰⁹”.

Uma das seções cujo texto é assinado por Nelly Dutra na *Lady* merece destaque para demonstrar uma que refere a uma abordagem bastante presente nas edições da revista: a prática de esportes. Há diversas referências a mulheres que praticam atividades físicas das mais variadas modalidades, e em várias reportagens as professoras são mulheres. A revista se refere ao esporte como uma forma de manter a mente equilibrada e o corpo são e, de maneira geral, as reportagens frisam a saúde e a boa aparência de quem pratica a atividade em questão. Dentre os esportes que aparecem nas páginas estão o balé, o hipismo, a caminhada, o tênis, e a esgrima.

Na seção *Cada uma de nós tem um ponto fraco* conta com a orientação de uma professora de educação física que com fotos de Salomão Scliar dá aulas de alongamento e reforço muscular para mulheres que desejam ficar em boa forma ou amenizar dores por esforços repetitivos²¹⁰. Essa seção esta presente em praticamente todos os exemplares da revista iniciando no exemplar de nº 04 de janeiro de 1957 e, embora em algumas edições não tenha reportagem com a aula conforme as imagens abaixo, elas são frequentes até a última revista que esse estudo teve acesso onde há uma reportagem que obedece ao mesmo formato porém recebe outro título²¹¹.

²⁰⁹ RAMOS, Fernão e MIRANDA, Luiz Felipe. Enciclopédia do cinema brasileiro. São Paulo: Senac, 2000. Pg. 475.

²¹⁰ A professora de educação física que orienta os exercícios chama-se Edna Soinien, mas não encontrei referências sobre ela.

²¹¹ Neste caso refiro-me a edição nº 25 da revista em que a reportagem recebe o título de “É possível ter seio perfeitos”. In: *Lady: a companheira da mulher*. Editora Monumento S.A. Nº 25, Março de 1959. Pg. 76 - 78.

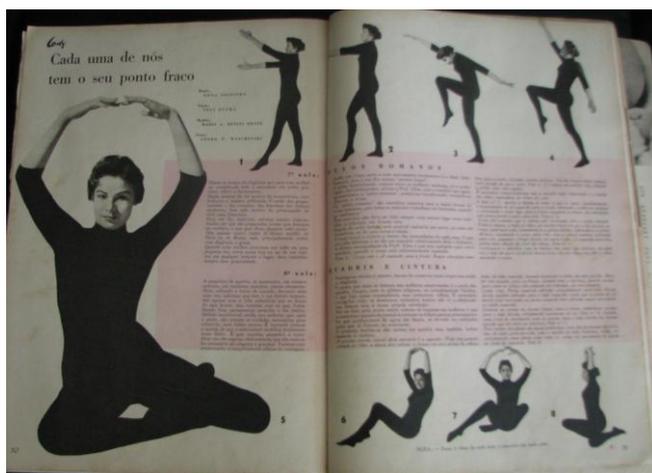


Imagem 2: Cada uma de nós tem um ponto fraco. Lady: A companheira da mulher, n° 08, maio 1957.

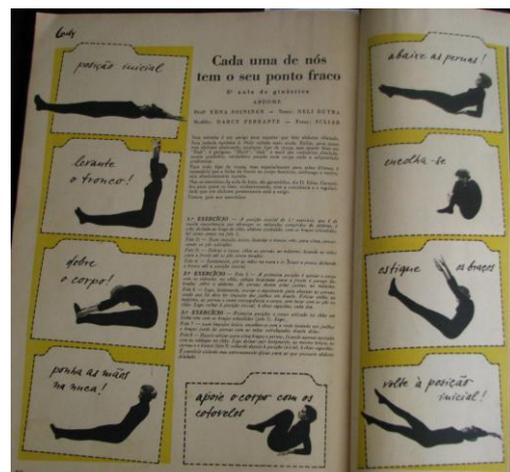


Imagem 3: Fragmento da seção: Cada uma de nós tem um ponto fraco. Lady: a companheira da mulher, n° 10, julho 1957.

A forma como a revista é organizada é compatível com as mudanças que passava o jornalismo dos anos 1950. Por isso, ao folhear as páginas da *Lady* é possível visualizar tanto proximidades de formatação como o modelo que encontramos nas revistas atuais, assim como, disposições que apontam para resquícios do modelo jornalista francês que abordamos no capítulo anterior. Isso porque, ao mesmo tempo em que é possível encontrar na revista fotorreportagens que seguem o modelo do *O Cruzeiro*, isto é, utilizar a fotografia como forma de objetivar o texto, de participar da mensagem emitida, enfim, de ser uma espécie de “canal entre o mundo e o leitor”²¹² há também textos que não fazem uso do recurso da imagem e são longos e por vezes cansativos.

Há situações em que a matéria ou conto inicia nas primeiras páginas da revistas e é interrompida para continuar nas páginas finais, logo o leitor deve folhear toda a revista para terminar de ler. Aliás, as páginas finais é predominante o texto sob a imagem que além de menor número está em geral em preto e branco, salvo algumas seções de culinária. Ainda nas páginas finais há uma diferenciação na qualidade do papel, recurso utilizado, acredito, para baratear o custo da edição, já que imprimir em cores aumentava significativamente o preço final da revista.

²¹² OEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro : a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991. Pg. 52.

Mesmo assim, o uso das imagens é intenso, especialmente nas seções de moda, nas fotorreportagens de esporte, viagens, atividades femininas, diferentes culturas entre outras temáticas. As fotografias aparecem tanto em preto e branco como coloridas, ocupando páginas muitas vezes páginas inteiras. Há também as ilustrações dos contos que são em geral coloridas e feitas especialmente para a edição, já que os desenhistas eram contratados e assinavam cada um a sua ilustração.



Imagem 4: Conto A noiva de Ruth Guimarães e ilustração de Manoel Victor. *Lady*: a companheira da mulher, nº 16, abril de 1958.

Os revista, ocupavam na *Lady* o lugar que nas outras revistas da época era destinado a fotonovela, Istoé, romances em quadrinhos que viraram uma verdadeira febre nacional. Nesses contos as histórias narradas são as mais diversas; nelas aparecem histórias de traições, medo da morte, narrativas de amor e de coragem. Pequenos romances chamados de “literatura leve” e que assumem ares de contos de fada para adultos dando aos personagens um final de acordo com o rompimento ou não de preceitos morais tais como fidelidade, amor, coragem, dedicação e defesa da família. Mais do que entreter esses contos alimentam o lado sentimental das leitoras que nesse período estavam imbuídas de romantismo permanente que era manifestado nas mais diversas formas, como por exemplo, na música, no cinema, na literatura²¹³.

²¹³ Sobre o romantismo da chamada literatura leve durante os anos 1950 e 1960 destaque o livro: CUNHA, Maria Tereza Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

As revistas são mais fáceis de abordar questões segmentadas porque custam menos e vão direto ao público que foram direcionadas²¹⁴. No caso da imprensa feminina, sabemos que ela é marcada por uma diversidade temática imensa, o que a torna peculiar, fácil de vender e paradoxal ao mesmo tempo, pois mesmo sendo direcionada para um público específico ela consegue atingir perfis variáveis de gostos justamente por mesclar de uma maneira que aparenta harmônica à leitora, informação cultural, conselhos sentimentais, sugestões para a vida prática, crônicas do cotidiano entre tantas outras abordagens.

Com a *Lady* acontece o mesmo, assim que, encontramos no corpo da revista textos que instigam questionamentos sobre temas fundamentais para as mulheres modernas dos “anos dourados”, como a não legalização do divórcio, a inseminação artificial, da importância do voto feminino e as reportagens de trabalho feminino que é o foco deste estudo. Contudo, lado a lado as complexas questões citadas estão as regras de etiqueta para não dar vexame, formas de se maquiar e cuidar da pele para ficar sempre bela e seduzir o amado, receitas culinárias que prometem impressionar os convidados, além é claro, dos últimos lançamentos da moda de Paris.

Na década de 1950, a norma social era as mulheres priorizarem o casamento, os filhos e a casa; elas ainda não haviam rasgado seus sutiãs nas praças exigindo direitos civis e sexuais iguais. Durante os “anos dourados”, especialmente as mulheres das camadas médias, iam conquistando novos espaços no mercado de trabalho timidamente pois pertenciam muito mais a ao mundo privado da casa do que o mundo público da rua. Por isso, embora as questões tradicionalmente femininas façam parte do conteúdo da *Lady*, não se pode negar as particularidades da revista que em suas páginas estampa a ação de mulheres que ousaram se expor e construir uma história diferente de suas mães e avós.

O investimento tecnológico com o intuito de facilitar os afazeres domésticos foi um dos artifícios do qual a publicidade se beneficiou para convencer as mulheres de que o espaço da casa era o mais seguro e confortável para elas e que deixava de ser tão trabalhoso. Contudo, o acesso a luz elétrica, telefone, geladeira, liquidificador, máquina de lavar, aspirador de pó, enfim, toda a parafernália de eletrodomésticos tinham um alto preço no orçamento doméstico, o que levava as mulheres das camadas médias a serem mais cautelosas com os gastos da casa.

²¹⁴ MIRRA, Maria Celeste. . O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d'Água / Fapesp., 2001. Pg. 10.

Então se de um lado, os eletrodomésticos tornavam os serviços domésticos mais fáceis de serem executados, de outro ele levava as mulheres a se envolverem ainda mais com as tarefas domésticas, e executarem mais serviços, pois podiam se ocupar de outro trabalho enquanto a máquina lavava as roupas, por exemplo, ou ao em vez de jantar no restaurante do grande “Chef” da gastronomia local, elas aprendiam a receita e utilizavam seus eletrodomésticos para elas mesmas prepararem um jantar especial. E assim se refez o “faça você mesmo”, que já era velho conhecido das revistas femininas, mas com o “progresso” do pós-guerra ganhou uma repaginada, que rendeu vendas às revistas que publicavam receitas culinárias de grandes chefes da gastronomia, gráficos de pontos de bordado para os guardanapos da casa ou para fazer cortinas novas a baixo custo²¹⁵.

Na *Lady* também há dicas que buscam facilitar a vida doméstica e ensinar as mulheres a reaproveitarem materiais, cozinharem receitas tradicionais, decorar a casa, enfim, assuntos que envolvem os cuidados com os espaços da casa. Além das tradicionais receitas dos mais diversos pratos e sobremesas, a revista também se preocupa em dar recomendações nutricionais, que orientam a leitora a se alimentar de forma balanceada sugerindo, inclusive, um cardápio e dicas como diminuir o consumo de sal, beber bastante água e consumir legumes e frutas. Para as mulheres que se descuidaram da boa forma também há reportagens com dietas que ajudam a recuperar a silueta “esbelta”

²¹⁵ Marlene Neves Strey fala sobre a especialização cada vez maior para a execução do serviço doméstico a medida em que aumentam as ofertas de diferentes produtos para cada tipo de tarefa, por exemplo sabão para roupas escuras e o alvejante para as roupas brancas, assim em vez de lavar todas as roupas juntas, como se fazia antigamente, você dois serviços separados. Portanto, a eficiência do produto não diminui a tempo, em geral da mulher, com as tarefas domésticas. Para saber mais: STREY, Marlene Neves. A mulher, seu trabalho, sua família e conflitos. (59-77). In: STREY, Marlene Neves (Orgs.). Mulher: estudos de gênero. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1997.



Imagem 05: Tenha uma nova figura para o verão: *Lady*: a companheira da mulher. N° 4, janeiro de 1957.

A beleza e a elegância é uma das características destacadas nas revistas para as mulheres nos anos 1950. Com o visual impecável elas pareciam estar sempre em busca de descobrir um segredinho que contribuíssem para um visual capaz de render elogios e as revistas são grandes aliadas na disseminação desses segredos. E m *Lady* encontramos uma pequena mina mistérios narcizíacos, são inúmeras dicas, que vão desde a tonalidade ideal da cor do cabelo e penteados que valorizam o rosto feminino, a formas de se depilar, pintar as unhas e maquiar-se de maneira discreta e elegante. Isso sem falar nas intermináveis páginas de croquis de moda e modelos pousando os modelitos das últimas tendências, especialmente da moda francesa, que mais alimentava o desejo das mulheres

Ainda dentre os temas tradicionais há de se falar sobre o cuidado com os filhos e os conselhos sobre o matrimônio que também tinham espaço garantido na publicação. Quando o assunto é comportamento dos filhos a revista contava, com uma coluna escrita pela psicóloga Bettina Katzenstein que dava conselhos para a contribuir na educação das crianças como melhorar a alimentação, prevenir acidentes domésticos, controlar o choro compulsivo, ajudar

na convivência entre irmãos, etc²¹⁶. Além de Bettina, outras profissionais da área colaboram em outras edições²¹⁷.

Dentre os tradicionais conselhos e dicas de como manter um casamento feliz vou destacar aqui um texto ilustrativo do tema. “*Ajude seu marido a vencer*” é um texto de Dorothy Carnegie²¹⁸, cujos direitos autorais foram autorizados para a publicação em *Lady* e começa a ser publicado na edição de nº 6. Os textos são pequenas historietas que narram de forma bem concisa a história de industriais famosos como de Henry Ford, ou pessoas não identificadas cujo sucesso estava relacionado com o apoio de suas esposas e contam como elas agiam na prática para contribuir. Nas histórias a diversos relatos, desde mulheres que trabalhavam junto com os maridos, até mulheres que em outros empregos sustentavam a casa enquanto eles investiam em seus projetos. A *Lady* comunicou suas leitoras que os textos seriam apareceriam nas próximas edições:

A autora nos ensina a criar entusiasmo e a levantar a moral do homem, ajudando-o a adquirir a vitalidade necessária para vencer na vida. Ela ensina como alcançar os fins desejados, como proceder para que todos gostem do seu marido, como conservar a saúde e amealhar pecúlio. A Sra. Carnegie escreve com vivacidade e suas páginas são repletas de interesse humano. Não se trata de doutrinação seca, pois cada exemplo é pegado vivo, com personagens reais que enfrentam problemas criados pela própria vida²¹⁹.

²¹⁶ Dentre as psicólogas que colaboram com a revista Dra. Bettina Katzenstein, natural da Alemanha, doutora em Filosofia pela Universidade de Hamburgo, veio para o Brasil fugindo da Gestapo. É uma das fundadoras da Sociedade de Psicologia de São Paulo, trabalha com crianças, especialmente as com deficiências mentais. Ministrou aulas na USP e ajudou na fundação da primeira Apae (1961). Informações disponíveis no site: http://www.crp06.org.br/crp/memoria/pioneiros/betti/fr_betti_entrevista.aspx acesso em maio 2010.

²¹⁷ É importante ressaltar que neste período a psicologia está se institucionalizando, com a inauguração de laboratórios experimentais na educação. Só depois de 1975 com a criação do código de ética e a implantação de universidades é que a profissão se institucionaliza no Brasil. Sobre isso: PREREIRA, Fernanda Martins e NETO, André Pereira. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. In: Psicologia em Estudo, Maringá. V.8, n. 2, pg. 19-27, 2003.

²¹⁸ Esposa de Darle Carnegie, escritor de livros de auto-ajuda cujo o mais conhecido é “Como fazer amigos e influenciar pessoas”.

²¹⁹ Exclusivamente para a *Lady*. *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. Nº 4, 1957. Pg.02.

Além dos “assuntos femininos” comum a imprensa direcionada às mulheres, a *Lady* possui textos que buscam dar informações culturais para suas leitoras. Reportagens ou contos que falam sobre a vida de artistas como Dali e Van Gogh, além de personagens históricos como D. Leopoldina e até sobre escavações que saquearam o Egito antigo. Também é freqüente encontrarmos nas reportagens referências ao cinema, ou a histórias que iriam ser adaptadas para a telona. Os títulos que era estão entre os contos, e ora entre as reportagens recebem títulos como “A viagem que Abram Lincoln prometeu a Mary²²⁰”, “O homem extravagante chama-se Salvador Dali²²¹”, “A verdade sobre David e Betsabá²²²”, “Por trás de cada tela uma história: as duas Majas”.



Imagem 6: As duas majas. Lady a companheira da mulher. N° 21, Out. Nov. 1958

Finalmente quero ainda citar as reportagens sobre temas que soavam como polêmicos para a época entre eles a não legalização do divórcio, inseminação artificial e a

²²⁰ Lady: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A. N° 19. Pg. 50.

²²¹ Lady: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A. N° 05. Pg. 16.

²²² Lady: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A N° 20 Pg. 06.

superexposição das atrizes de cinema a qual a revista chama de industrialização do sexo²²³. De maneira geral a revista aparenta uma postura de neutralidade, apresentando dados sobre os assuntos tratados e, algumas vezes, publicando opiniões, mas ao analisar essas reportagens é possível perceber-se uma tomada de posição da revista.

Isso acontece, por exemplo, na reportagem “Cem mil crianças nascerão de inseminação artificial” que a reportagem chama a atenção para os avanços da medicina, para a condenação da igreja, fala da tristeza de casais que não conseguem ter filhos e publica a defesa de um geneticista e a opinião de duas escritoras. Uma delas é Lygia Fagundes Talles que diz: “Repugna-me pensar sequer neste assunto sob qualquer aspecto: jurídico, social, moral, religioso...Detesto falar de inseminação artificial como detesto ouvir falar sobre a bomba atômica²²⁴”.



Imagem 7: Cem mil crianças nascerão de inseminação artificial. Lady: a companheira da mulher. N°11.

Ao contar com jornalistas, escritores e profissionais sérios a *Lady* mostra credibilidade à sua leitora. Apesar disso, a revista não se firmou, nem como imprensa segmentada e menos

²²³ Lady: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A N° 06. Pg. 14.

²²⁴ SIMOES, Roberto. Cem mil crianças nascerão de inseminação artificial. Lady: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A. N° 11. Pg. 20.

ainda como imprensa de massa²²⁵. No conjunto dos exemplares é possível observar mudanças algumas mais sutis, outras nem tanto que fazem a revista ir se modificando pouco a pouco; não a ponto de perder a sua característica de abordar temas culturais, mas de ceder cada vez mais espaço para os temas “tradicionalmente femininos”. A redação da revista se manifesta à leitora em cada mudança. “Falando a leitora” os responsáveis pela edição justificam as mudanças como um pedido do público leitor e fala do esforço que a equipe faz para agradar a todas as leitoras. “Em nossas reportagens, vocês podem ver que estamos dando o máximo de nosso interesse. A cada numero vimos apresentando assuntos novos em ângulos igualmente novos²²⁶”.

Nos primeiros exemplares a revista publicava em sua maioria assuntos referentes a cultura, arte, esporte e moda, ela foi aprendendo a dividir esse espaço com seções de culinária, conselho sentimentais, beleza, cuidados com a casa e até um pouco de humor. Além das adaptações a revista perdeu periodicidade, acontecendo de ficar até meses sem publicar. A primeira vez que isso aconteceu foi na edição número 11 que foi publicada em atraso unindo os meses de agosto, setembro e outubro de 1957 e a redação se justificou dizendo:

Problemas de ordem técnica ocasionados pela modernização de nosso equipamento gráfico, obrigaram-nos a atrasos enormes quanto à saída da revista. Os empecilhos foram tão grandes que culminamos na com a junção de alguns números em um único, para que afinal, pudéssemos ficar em dia. Cremos que essas coisas não mais acontecerão²²⁷.

Durante uma campanha por assinaturas, divulgada na edição de nº 12, a *Lady* lançou um programa de descontos no comércio de todo Brasil, para as assinantes que fossem parte do Clube da *Lady*. Para ter a associação era necessário fazer uma assinatura anual da revista cujo objetivo era chegar a 250 mil assinantes²²⁸. As vantagens que o Clube da *Lady* prometia eram descontos em lojas comerciais, cartão de identificação pessoal e receber adiantado os

²²⁵ Segmentação refere-se a uma especialização de assunto ou de público alvo. São revistas com tiragens menores ao contrário da imprensa de massa, que em geral tem tiragens maiores (mais de 100mil) e um público alvo variado, chegando as mais diversas camadas sociais. Sobre isso: MIRRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d'Água / Fapesp., 2001. Pg. 11,12.

²²⁶ *Lady*: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A. Nº 10. Pg.2.

²²⁷ *Lady*: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A. Nº 11. Pg. 3.

²²⁸ *Lady*: a companheira da mulher. São Paulo: Editora Monumento S.A. Nº 12. Pg. 69.

exemplares da revista. As listas das empresas que davam os descontos para as assinantes eram publicadas na última página de cada exemplar.

Conforme o clube ia se organizando as mulheres se reuniam em suas cidades, elegiam direções, promoviam chás, que algumas vezes eram beneficentes, e se organizavam em busca de mais estabelecimentos para descontos. A revista publicava esses encontros que aconteceram basicamente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Porém o Clube da *Lady* também estava se organizando em Florianópolis cuja direção seria de Ina Tavares Moellmann²²⁹ e no Rio Grande do Sul onde direção também chegou a se formar com a participação de Neusa Brizola e Gilda Marinho, mas, como é o último exemplar da revista não é possível saber se perdurou.

Ao ler a *Lady* mais do que entretenimento e dicas práticas, a leitora encontra informações, conhecimento, tem contato com uma cultura que não pertence ao senso comum. As mulheres estampadas nas páginas da *Lady*, são mulheres mais próximas da realidade cotidiana, não são simplesmente donas de casa acomodadas que vivem de cuidar dos fazeres domésticos e de esperar o marido no final do dia, conforme muito se publicava na época. As mulheres que estão nas páginas da *Lady*, usam maquiagem, querem saber das novidades da moda, educam os filhos e cozinham para sua família, mas elas também atuam em outros espaços além desses e é sobre que falaremos agora.

²²⁹ Pertencente a elite catarinense, contribuiu na criação de diversas casas filantrópicas.

4.2) O que fazem as ladies? Representação do trabalho feminino na revista *Lady*: a companheira da mulher

Fazer escolhas é, muitas vezes, uma difícil tarefa para o historiador, que tem sempre a pretensão de alcançar o máximo de apreensão das peculiaridades e dos encantos que o passado esconde ou deixa nas entrelinhas. No entanto, quando tive a *Lady* em minhas mãos, as reportagens que mostravam as mulheres atuando em atividades que não só as de ocupação com o espaço doméstico, logo decidi por ler aquelas matérias para ver o que nelas havia. Ao lê-las não tive dúvidas em qual seria o meu recorte, a minha escolha.

Embora a revista ofereça ainda outras possibilidade de pesquisa, tais como os contos ou os textos de opiniões que surpreendem ora pela novidade, ora pelas contradições, reportagens de viagens ou de caráter educativo falando de grandes nomes da arte mundial, além, é claro, dos assuntos tradicionais a imprensa feminina; foram aquelas imagens, aqueles depoimentos de mulheres que eram tão próximos da atualidade e que tinham um discurso familiar que despertaram a minha atenção. Trabalhar? Casar? Educar os filhos? Administrar o tempo? Fazer tudo? Eu quis saber como a *Lady* tratou desse assunto tão peculiar para as mulheres, para os homens e para a sociedade.

Foram 23 revistas analisadas em busca de reportagens que mostrassem ou falassem da relação das mulheres com o exercício de uma atividade para além das obrigações domésticas, dessas, cinco revistas não tinham reportagens que abordassem a temática do trabalho feminino sob os critérios de análise estabelecidos neste estudo. Aliás, dos critérios utilizados para análise, cabe explicar ao leitor ou leitora que, considerando que havia profissionais mulheres que faziam parte do editorial da revista e publicavam seus textos e matérias, optou-se por escolher apenas as reportagens que mostravam as mulheres atuando nesses espaços ou que possuíam depoimentos das experiências e das atividades exercidas.

Assim, a psicóloga, a grafóloga, a professora de educação física, a jornalista, e todas as outras que faziam reportagens não pertencem ao *corpus* deste estudo, porque o objetivo consiste em identificar, através das matérias da revista e forma como são representadas, a experiência do exercício das respectivas profissões dessas mulheres, seja através do texto ou das imagens relacionadas com o texto. Cabe ressaltar que as entrevistas e fotorreportagens são entendidas neste estudo como representações da realidade social e cultural da época, trazendo

em sua composição discursos que têm vínculo com o real, mas que também respondem aos interesses do grupo que produz essas representações. Sobre isso destaco:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, ao legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre representação supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender o mecanismo pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história com vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais²³⁰.

O *corpus* documental deste estudo é composto, então, de duas formas de publicação jornalística muito utilizadas durante os anos 1950. A fotorreportagem e as entrevistas, que, neste caso, sempre vinham acompanhadas de fotografias ilustrativas.

As fotorreportagens têm como principal característica a grande presença de fotografias que participam como testemunha da narrativa que esta sendo apresentada ao leitor, era o ponto alto da imprensa de massa da época. O modelo propagado, sobretudo pelo *O Cruzeiro*, com a dupla Jean Manzon e David Nasser, usa a união de texto e imagem para comunicar; nesse modelo a fotografia “ilustra de modo insuperável a ênfase numa copulação estreita do referente fotográfico como o objeto retratado, seja pelo tipo de composição, que mantém muitas vezes características básicas do fato retratado, seja pela linguagem verbal²³¹”, o que resulta numa impressão de “prova” do real e torna a reportagem legítima.

As fotorreportagens fizeram parte de todas as edições da *Lady*, contudo, não sempre sobre a temática abordada neste trabalho. Ao longo das edições, as temáticas que eram abordadas através dessa forma de publicação eram variadas. Assim, além do dia a dia de trabalho das “ladies”, também foram temas de fotorreportagem a vida de artistas, sugestões de roteiros turísticos e matérias ligadas à prática esportiva.

²³⁰ CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. Pg. 17.

²³¹ PEREGRINO, Nadja. “O Cruzeiro”: a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dizibao, 1991. Pg. 53.

Já no caso das entrevistas, além da apresentação da entrevistada, com dados gerais como se é casada, se tem filhos, como começou a atuar na profissão, há sempre uma associação com a imagem, geralmente o retrato posado, da entrevistada ou exercendo simbolicamente a sua função ou ao lado dos filhos no ambiente doméstico. O roteiro das entrevistas segue, em geral, uma lógica que obedece a questões que envolvem, além do ofício exercido, a experiência de conciliar as “obrigações domésticas” com o trabalho.

Foram um total de 29 reportagens analisadas, dentre elas 14 são entrevistas com fotografias e 16 são fotorreportagens que mostram à leitora da revista o dia a dia de mulheres que vivem nas grandes cidades brasileiras, especialmente nas capitais, ou em centros urbanos de outros lugares do mundo²³². Para que a análise fosse possível, já que o corpus é composto por duas formas de fazer jornalismo, buscou-se identificar em ambos os modelos de produção jornalística repetições de elementos que demonstrasse uma unidade de conteúdo editorial e que possibilitasse relacionar o papel do trabalho, da ocupação do espaço público, na vida das mulheres e a relação do exercício profissional com o papel feminino tradicional, ligado ao mundo privado do lar.

Tal método se baseia na análise de conteúdo ou análise textual qualitativa, metodologia comum aos historiadores, que é composta basicamente pela organização do *corpus* onde se desconstrói o texto, através de uma leitura atenta que busca encontrar unidade de elementos as quais resultam em categorias que estabelecem relações entre si e permitem a construção de um meta-texto, composto pela interpretação e pela análise com aplicação teórica²³³.

Dentre as categorias pensadas por esta pesquisadora previamente e as que se apresentaram nos decorrer da leitura, foram consideradas as seguintes categorias: primeiro; as profissões que apareceram nas fotorreportagens e nas entrevistas. Segundo; em que local essas mulheres exerciam seu ofícios. Terceiro; quais os destaques dados pelas imagens que compunham as fotorreportagens e as entrevistas. E, por fim, quarto elemento; a importância do trabalho para essas mulheres.

Inicialmente serão apresentados os resultados dos pontos de análise e, posteriormente, o leitor terá contato com a apreciação de uma fotorreportagem e uma entrevista.

²³² São três as reportagens que falam de mulheres de outros países que não residem no Brasil. Essas reportagens foram utilizadas por obedecerem aos critérios de análise propostos por este estudo.

²³³ CONSTANTINO, Núncia Santoro. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIII, n. 1, junho de 2002. Pg. 183-194.

Das profissões:

No jornalismo, como em qualquer atividade, há muito “boas praças”: tímidos, bons papos e arredios. Os de fora creem na maravilha da profissão. Os militantes anunciam aos quatro ventos que vão “abandonar o ofício” sempre porque “já não estou em idade de idealismo”. Mas não abandonam e, no fim vem a evasiva: “é pior que cachaça”. No fundo a classe é unida, trabalha mesmo mais por amor a arte que pelo utilitarismo e vai levando a vida agitada de perfeito “mendigo de gravata”, cioso de sua profissão. A partir de agora, sob este título, desfilarão as mulheres que militam em nossa imprensa. Como todo surgimento da mulher em profissões liberais, as jornalistas enfrentam batalhas árduas para obter um “lugar ao sol”. Tanto lutaram que acabaram conseguindo²³⁴.

Já foi destacado neste estudo a importância que o acesso à educação teve na vida das mulheres, sobretudo a possibilidade de ler e escrever, que as rendeu uma profissão que possibilitava manterem-se no anonimato e ao mesmo tempo exporem suas opiniões. O jornalismo foi uma das primeiras profissões que as mulheres da elite começaram a atuar, e na *Lady* é a profissão que mais recebe atenção das reportagens, sobretudo das entrevistas, já que a revista lança uma série de entrevistas que leva o nome de “Imprensa com sexto sentido” e apresenta o depoimento do dia a dia das redações. No caso das jornalistas, cabe destacar que grande maioria também exercia, além do jornalismo, a função de tradutora ou de professora.

Mas, apesar do jornalismo ter o maior número de citações nas profissões das “ladies”, além desta, mais 32 profissões diferentes foram encontradas nas entrevistas e fotorreportagens²³⁵. Evidente que, ao relacionar as profissões, o estereótipo de gênero que define habilidades e capacidades de acordo com o sexo pôde ser percebido nas atividades identificadas. Contudo, algo chama a atenção: salvo pouquíssimas exceções, todas as atividades exercidas exigem algum tipo de formação, e tanto nas fotorreportagens como nas entrevistas há referências sobre o local de formação do ofício que é composto, de maneira geral, por universidades brasileiras ou do exterior, cursos ministrados no Museu de Arte Moderna de São Paulo e escolas técnicas.

Dentre elas profissões, há aquelas que possuem ligação com características tradicionalmente consideradas do gênero feminino, isto é, que exigem, aparentemente, maior sensibilidade, menor força física e que, em geral, são tarefas que, em regra, os homens não

²³⁴ Imprensa com sexto sentido. *Lady: a companheira da mulher*. Nº 12. Editora Monumento S.A. São Paulo. Novembro - dezembro, 1957. Pg. 15

²³⁵ Para conhecer quais as profissões encontradas na pesquisa, consultar Anexo I.

costumam atuar. Nesses casos podemos afirmar que a atividade exercida no meio público tem ligação com as atividades domésticas do meio privado como, por exemplo, o ato de cuidar do próximo (enfermagem), ou a capacidade de educar (professora), a sensibilidade e habilidade para trabalhos manuais (pintora, estilista, figurinista, costureira).

Porém há também exemplos de atuação de mulheres em espaços característicos como tipicamente masculinos, tais como, por exemplo, a engenharia, a arquitetura, a medicina, a corretora de imóveis e, também, o campo da política. Embora não cite nenhuma brasileira, há uma fotorreportagem que mostra a cobertura da 47ª Conferência Interparlamentar²³⁶ e destaca trechos do discurso de diversas mulheres do mundo que ocupam cargos políticos e vieram ao Brasil debater a paz²³⁷. Também uma entrevista com uma prefeita, que, após ser reeleita três vezes para o cargo, afirma que: “hoje em dia a mulher é idêntica ao homem”. D. Felisia Rincon da Gautier foi prefeita de São João de Porto Rico, na Antilhas, cidade que na época possuía 600mil habitantes²³⁸. Quando foi questionada sobre a participação da mulher na política, ela respondeu:

Sempre fui feminista, nem poderia deixar de sê-lo. A mulher pensa, vive, age e, culturalmente, tem as mesmas possibilidades do homem. É erro gravíssimo pensar o contrário, como infelizmente acontece em muitos lugares. Temos o dever do voto, cumprimos obrigações para com o Estado. Como podemos então estar afastadas das questões atinentes a legislação e a execução? Nada disso. Temos de lutar, sair à praça pública proclamando nossas idéias. Moderadamente, a mulher é idêntica ao homem; idêntica em deveres e obrigações²³⁹.

²³⁶ Segundo a fotorreportagem a 47ª Conferência Interparlamentar, aconteceu de 24 de julho a 1º agosto de 1958 no Rio de Janeiro. *Lady: a companheira da mulher*. Nº 20. Editora Monumento S.A. São Paulo. Ago, set de 1958.

²³⁷ Destaco ainda que, sobre a participação da mulher na política, a revista apresenta dois artigos sobre a importância do voto feminino para as mulheres: o primeiro (*Lady: a companheira da mulher*. Nº5, pg. 02) faz-se toda uma revisão histórica da democracia, retomando, desde a Grécia Antiga, o valor e a importância do voto para o controle das instituições públicas; há ainda referência a Berta Lurtz e a sua luta em defesa do direito das mulheres brasileiras participarem das eleições do país. No segundo texto (*Lady: a companheira da mulher*. Nº08, pg. 04 e 05), Neli Dutra argumenta sobre a importância do voto feminino em modificar as eleições, já que as mulheres usam critérios de seleção diferentes do homem; a autora sugere que os candidatos deem mais atenção às suas eleitoras e ainda ironiza ao dizer “quando um candidato é eleito fora das previsões mais lógicas, dizem que os votos são dos comunistas, ou dos inimigos secretos. Esquecidos, naturalmente, que os votos que decidem uma eleição são os votos mais silenciosos, os que dificilmente poderemos prever, o voto feminino.”

²³⁸ Entrevista exclusiva cedida para a revista *Lady*. In: *Lady: a companheira da mulher*. Nº 08. Editora Monumento S.A. São Paulo. Maio de 1957. Pg. 18. (Não há assinatura do entrevistador).

²³⁹ *Lady: a companheira da mulher*. Nº 08. Editora Monumento S.A. São Paulo. Maio de 1957. Pg. 18.

Portanto, o quadro de profissões apresentados nas entrevistas e nas fotorreportagens é de uma variedade rica, o que demonstra a ocupação mais efetiva da mulher das camadas médias no mercado de trabalho da época. Algumas das profissões citadas são relacionadas com o pioneirismo, o que aponta para uma sociedade em fase de mudança e de práticas sociais.

Do local de trabalho:

“Uma mulher não deve sair do círculo estreito traçado em torno dela”, falou Marie-Reine Guindorf²⁴⁰ num tempo em que os papéis sociais de homens e mulheres eram determinados por atributos sexuais, e que às mulheres cabiam somente a clausura da casa. Por isso, sair desse espaço privativo, silencioso, tem um grande significado para advento da liberdade individual das mulheres que, entre o crescimento urbano, as maiores variações de espaços, as guerras e as falhas do sistema, souberam aproveitar as oportunidades que iam aparecendo. Sobre isso:

As mulheres souberam apossar-se dos espaços que lhe eram deixados ou confiados, para desenvolver sua influência nas portas do poder. Elas encontraram ali os contornos de uma cultura, matriz de uma “consciência de gênero”. Elas tentaram também “sair” deles, para ter enfim “lugar em toda a parte”. Sair fisicamente: deambular fora de sua casa, na rua, penetrar em lugares proibidos – um café, um comício – viajar. Sair moralmente dos papéis designados, construir uma opinião, passar da sujeição à independência: o que pode ser feito no público, assim como no privado²⁴¹.

Concordo com Michelle Perrot sobre importância do ato de sair do espaço doméstico para ocupar outros espaços, e por isso considerei importante identificar no conteúdo das matérias o local onde as mulheres que são focos das reportagens exerciam as suas profissões. Essa identificação foi possível, no caso das fotorreportagens, pelos ambientes representados nas fotos, já que se tratava de sequências de um dia de trabalho, mostrando as funções sendo executadas. No caso das entrevistas, que embora fossem fotografias ilustrativas, foi possível

²⁴⁰ PERROT, Michelle. As mulheres e os silêncios da história. Bauru, SP: Edusc, 2005. Pg. 279.

²⁴¹ PERROT, Michelle. As mulheres e os silêncios da história. Bauru, SP: Edusc, 2005. Pg. 280.

encontrar no corpo textual referências sobre o local de trabalho, isto é, nas respostas da entrevistada, ou na apresentação da mesma.

Dessa forma, da totalidade das reportagens analisadas e das profissões representadas, com a exceção de uma fotorreportagem e de duas entrevistas, as mulheres saíam de suas casas, por ao menos metade do turno diário, para exercerem seu ofício em locais destinados para a execução de suas funções em 26 das matérias analisadas. Como é o caso da enfermeira Úrsula, superintendente do Hospital Oswaldo Cruz, que saiu de Santa Catarina, sua cidade natal, abandonou "o curso científico no segundo ano, seguiu para o Rio de Janeiro, onde prestou exames de admissão na Escola Ana Nery, escola padrão de enfermagem no Brasil. [...] Sabe que sua vida será sempre diferente de todas as outras criaturas que têm hora para entrar e sair, para se divertir, para as coisas boas da vida"²⁴².

Das imagens:

Além de testemunhar as narrativas, as fotografias presentes nas fotorreportagens e, sobretudo, “o discurso fotográfico estabelece sua ‘fala’ a partir de uma ordem de representação das coisas que se dá a reconhecer e não a analisar²⁴³”. Por isso, para garantir o reconhecimento da mensagem que será passada, o texto é imprescindível para completar informativamente a imagem, além de conotar sentido para a mesma.

Dentre as imagens que fazem parte do *corpus*, composto por 29 reportagens no total, algumas repetições chamaram a atenção desta pesquisadora. A principal delas foi a presença de crianças, em geral filhos e em alguns casos netos das entrevistadas ou das mulheres das fotorreportagens; isso porque, em 14 matérias, incluindo fotorreportagens e entrevistas, contam com a presença de crianças em primeiro plano, dividindo, nas fotografias, o espaço do foco de atenção das mulheres, que são o motivo da matéria jornalística.

Esse número, ao encontro de outro, que aponta que há 07 reportagens em que as mulheres referidas são solteiras e 02 se declaram desquitadas, não há como não associar essas representações com a necessidade de unir a imagem da mulher moderna, que possui uma vida além do ambiente doméstico, com a imagem da mãe de família, que continua exercendo sua função “natural e principal”, que é educar e zelar pelo cuidado dos filhos. Ainda nesse sentido, em 11 das fotorreportagens, as mulheres são fotografadas executando seu ofício no

²⁴² Encontre seu caminho. *Lady: a companheira da mulher*. N° 02. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg. 32, 33.

²⁴³ PEREGRINO, Nadja. “O Cruzeiro”: a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dizibao, 1991. Pg. 53.

local de trabalho, mas também são fotografadas dentro de casa, brincando com as crianças, ou executando alguma tarefa doméstica.

Esta constatação se aproxima, em parte, de algumas considerações do estudo de Maria Luisa Hupfer, que também identificou, ao analisar o fenômeno das rainhas do rádio e a utilização delas na indústria cultural de massa, o apelo da importância da mulher como protetora da família nos anúncios publicitários. Segundo a autora, comumente nas imagens a rainha “aparecia invariavelmente vestida de forma discreta, como uma dona de casa de classe média, sorridente, sacola em punho [...]”²⁴⁴. O que também acontecia nas matérias da imprensa especializada que visava adentrar na vida particular das artistas, mostrando ambigualmente o glamour de cantoras aparentemente sobre-humanas, contraposto com a humanidade do cotidiano na vida privada; e essa humanidade defendia constantemente que “o encontro da felicidade estava ligado ao cumprimento do padrão feminino de comportamento calcado no recato, na submissão e nos dotes domésticos”²⁴⁵.

Assim, parece evidente nas imagens que fazem parte das reportagens que, para a *Lady*, a mulher moderna dos glamorosos anos dourados não descuida de seus deveres de mãe e esposa responsável pelo lar, em razão de ter um trabalho. Ao contrário, ela é organizada e sabe administrar bem o seu tempo. Também baseado nas reportagens, a responsabilidade sob as crianças tinha mais ênfase do que o casamento; na necessidade da mulher administrar o “sair” para trabalhar com a vida privada do lar, neste caso, a educação e o cuidado das crianças.

Trabalho e satisfação

Diva Muniz restaurou, em um de seus estudos de gênero, a luta das professoras mineiras durante o final do século XIX e XX. Para a autora, é o rótulo de profissão feminizada do magistério que obscurece uma história repleta de enfrentamentos entre corpos de mulheres e complexas normativas ditadas por redes de poder que padronizavam, e de certa forma tornava assexuados, os corpos das professoras através de um forte discurso de moralidade e respeitabilidade propagado, principalmente pelo governo dos primeiros anos da república e da década de 1930, quando aumentou o número de escolas públicas.

²⁴⁴ HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. As rainhas do rádio: símbolos da nascente da indústria cultural brasileira. São Paulo: Senac Editoras, 2009. Pg. 123.

²⁴⁵ HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. As rainhas do rádio: símbolos da nascente da indústria cultural brasileira. São Paulo: Senac Editoras, 2009. Pg. 138.

Contudo, todo o regramento utilizado para limitar e controlar a atuação dessas profissionais acabou sendo o fundamento do enfrentamento da ordem social, pois inicialmente o magistério era, como tantas outras profissões, um ofício masculino, ao qual as mulheres foram assumindo o posto devido à falta de profissionais. Os corpos assexuados e rígidos exigidos pelas normativas acabaram rendendo às mulheres legitimidade social, reconhecimento intelectual, além do rompimento da reclusão doméstica e, por consequência, livre trânsito no espaço público e a possibilidade de certa independência financeira²⁴⁶.

No caso da *Lady*, a análise do *corpus* às falas das mulheres são compostas sobre a importância do trabalho em contraponto à importância da boa convivência do ofício com a maternidade e o casamento, conforme, por exemplo, a fala de Fayga Ostrower, que diz: “A mulher casada deve trabalhar porque o trabalho é um estímulo mental muito grande. Quanto melhor a mulher puder se desenvolver nesse sentido, mais poderá dar aos filhos, que requerem cuidados mentais, ao mesmo tempo materiais²⁴⁷”. Essa fala está numa fotorreportagem que inicia com o seguinte texto:

Outrora a palavra “mãe” simbolizava exclusivamente a figura romântica daquelas que desistiam, por completo de seus anseios individuais para se dedicar exclusivamente à família. Seu horizonte limitava-se às quatro paredes de sua casa. Suas relações eram escolhidas no círculo familiar. Ao pronunciar a palavra mãe, sempre se falava em sacrifício. *Hoje a mulher não quer mais ser essa mãe triste*²⁴⁸.
(grifo meu)

Saúde mental, mulher atuante, afirmação pessoal, exercício de cidadania, o desejo de participar na construção de um mundo melhor, são os argumentos apresentados por essas mulheres que, devemos lembrar, trata-se de profissionais especializadas em suas respectivas áreas. “*Hoje a mulher não quer mais ser triste*” é uma frase significativa, que determina a solidão do confinamento doméstico, confinamento esse que não combinava com o crescimento urbano, com a industrialização, com a velocidade da Paulicéia dos anos

²⁴⁶ MUNIZ, Diva Couto Gontijo. Mulheres, trabalho e educação: marcas de uma prática política. In: SWAIN, Tânia Navarro e MUNIZ, Diva Couto Gontijo. Mulheres em ação: praticas discursivas, práticas políticas. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. Pg. 73-100

²⁴⁷ A mulher que escolheu uma carreira também é mãe dedicada. *Lady: a companheira da mulher*. N° 19. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg. 31.

²⁴⁸ A mulher que escolheu uma carreira também é mãe dedicada. *Lady: a companheira da mulher*. N° 19. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg. 30.

dourados. Para além do modelo tradicional de mulher, as “ladies” das reportagens, assim como as professoras mineiras estudadas por Diva Muniz, queriam mais do que ser boas mães e boas esposas; elas queriam prestígio e reconhecimento pelas suas capacidades intelectuais e individuais, as quais não são determinadas pelo gênero e sim pelo esforço e dedicação pessoal de cada ser humano.

Quanto à necessidade de trabalhar fora do lar, chama a atenção que quando indagadas sobre esse as questões financeiras, as mulheres, sobretudo as casadas, se colocavam não como dependentes do seu trabalho para sobreviver, mas como uma necessidade pessoal, algumas afirmavam doar parte de suas remunerações para instituições sérias de caridade e quando o trabalho se mostrava necessário para contribuição familiar, ainda assim elas ressaltavam em suas respostas a importância da individualidade e da valorização pessoal que o exercício profissional promovia. O que, de um lado demonstra que o responsável pela manutenção financeira da casa ainda era o homem e de outro relaciona o trabalho como uma forma de satisfação pessoal relacionada como a atuação no espaço público²⁴⁹.

Após, ter apresentado os resultados obtidos através da categorização da análise do conteúdo das fotorreportagens e das entrevistas das edições revista *Lady: a companheira da mulher*, é o momento de trazer ao leitor algumas das reportagens que abordam o trabalho feminino na década de 1950. Foram selecionadas três: uma fotorreportagem e duas entrevistas, a primeira que apresenta um pioneirismo e a segunda que pertence à seção “Imprensa com sexto sentido” que foi publicada em seis edições.

²⁴⁹ Torno a lembrar que este recorte se remete as mulheres da elite, pois as mulheres das camadas menos abastadas sempre trabalharam. Sobre isso: SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia. 1.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Polícia feminina – Reportagem de Egê²⁵⁰, fotos de Salomão Scliar²⁵¹ e foi publicada no primeiro exemplar da revista *Lady*.



Imagem 8: Polícia Feminina.



Imagem 9 e10: Polícia Feminina

²⁵⁰ Não foram encontradas referências sobre esse nome. Acredito tratar-se de um pseudônimo.

²⁵¹ Salomão Scliar trabalhou como fotógrafo e como cineasta. Fez parte das redações do *O Cruzeiro* e da *Revista do Globo*.

“Submeteram-se a inúmeros testes, estudaram, receberam um diploma, prestaram juramento, passaram a fazer parte de uma corporação cujo lema é SERVIR.²⁵²” A fotorreportagem narra a rotina das policiais femininas da cidade de São Paulo. Elas são chefiadas por uma supervisora e o trabalho é feito durante o dia e “madrugada a dentro”²⁵³.

Segundo o texto as policiais trabalham ao redor da gare paulista e nos aeroportos onde auxiliam viajantes que chegam a encontrar seus endereços de destino, também são responsáveis por socorrer crianças perdidas ou que fugiram de casa e de prestar socorro imediato no caso de algum imprevisto com relação a saúde, encaminhando a um hospital caso necessário. As policiais também eram requisitadas pelos delegados quando as ocorrências envolviam mulheres ou crianças.

A fotorreportagem destaca a importância das policiais para o Estado de São Paulo e para a Secretaria de Segurança. Também chama a atenção que as mulheres na polícia também eram realidade em países modernos como os Estados Unidos, Inglaterra, França e Holanda e minimiza os que não respeitam a profissão.

Aos poucos graças ao grande esforço de suas dirigentes, vai crescendo a compreensão por parte da população, do significado do trabalho policial feminino. Aumenta progressivamente o número de moças que se inscrevem no curso preparatório para ingressar na Polícia Feminina. *Naturalmente que o ingresso está relacionado a uma série de provas, não só intelectuais e físicas, mas morais. As candidatas devem ser maiores de 21 anos, solteiras e de bons costumes*²⁵⁴. (Grifo meu)

Conforme podemos observar no trecho acima, a formação intelectual e a capacidade física assume a mesma importância da capacidade “moral”. Isto é, a moça deveria ter uma boa reputação para poder assumir o posto de policial. Isso também fica claro nas fotografias, que além de mostrar as policiais com crianças no colo, auxiliando idosos nas ruas e discutindo casos na Central de Atendimento, também as mostra no ambiente de casa, cozinhando, regando as plantas e fazendo companhia ao pai. Sobre o papel doméstico diz o texto:

²⁵² *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. 1956. Pg. 16.

²⁵³ *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. 1956. Pg. 17.

²⁵⁴ *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. 1956. Pg.63.

Distante do barulho das estações, das estradas de ferro, dos aeroportos, das Centrais de Polícia, elas encontram no lar a serenidade, forças necessárias para retomar o trabalho que tem início quando o sol levanta. *Elas exercem em casa os mesmo trabalhos de outras mulheres que lutam, a par do homem, pela subsistência. Tem os mesmo direitos e também as possíveis compensações*²⁵⁵. (Grifo meu)

Chama a atenção como as tarefas domésticas são utilizadas para identificar as mulheres, assim, apesar de ter um emprego na rua - neste caso uma profissão que em geral era uma profissão masculina - as mulheres seguem sendo mulheres como “as outras” por cumprirem com suas atividades ligadas ao lar. Assim, as mulheres - segundo a fotorreportagem - tem os mesmos direitos que os homens, já que podem exercer um ofício no espaço público da mesma forma que eles, mas porém elas não podem abdicar das funções do espaço privado, e tampouco, dividir essas funções.

²⁵⁵ *Lady: a companheira da mulher*. São Paulo: Editora Monumento S.A. 1956. Pg.63.

Cada dia é outro dia (como o Brasil vive)²⁵⁶ é uma fotorreportagem com texto de Neli Dutra²⁵⁷ e foi publicada da edição nº 02 da revista. Essa fotorreportagem trata da rotina de um casal paulista; ela, (D. Cilda) professora na Escola Normal do Tietê; e ele, (Mauro Alencar) antropólogo e funcionário público. Contudo, é o emprego dela que determina as peculiaridades do dia a dia do casal.



Imagem 8 e 9: Cada dia é outro dia (como o Brasil vive).

Segundo a reportagem, D. Cilda formou-se em biologia (nutrição), em São Paulo, fez um programa de alimentação no nordeste que a rendeu um estágio em uma universidade dos “States”. Ao voltar ao Brasil, casou-se e foi morar com o esposo em uma pensão até o dia em que ela engravidou e eles acabaram alugando uma casa.

Um dia, porém, Cilda foi surpreendida com a sua nomeação para professora de biologia na Escola Normal do Tietê. Os problemas domésticos, dois filhos e o

²⁵⁶ Cada dia é outro dia esteve nas edições de nº 1, nº 2 e nº 3 da *Lady*, sempre em formato de fotorreportagem e narrando a rotina do cotidiano.

²⁵⁷ Não há identificação do fotógrafo nesta reportagem, contudo, resalto que a revista tinha como fotógrafo oficial Salomão Scliar.

esposo trabalhando em São Paulo, na câmara de vereadores, não impediram suas funções. Sequer procurou junto do governo expor sua situação de mãe e esposa e os gastos que esta nomeação, afora os descontos, lhe traria. E lá foi Cilda, novamente trabalhar. Dentro de pouco, pela dificuldade de transporte e perda de tempo, foi necessário mudar-se para Tietê, e, enquanto Mauro continuava com as crianças em São Paulo, a esposa vinha apenas nos finais de semana para a Paulicéia a fim de matar a saudade do lar e da família. Enquanto isso, o sonho da casa foi-se tornando realidade. [...] O trabalho dos dois foi largamente recompensado e eles acreditam na teoria do psicólogo norte-americano Fromm²⁵⁸, de o amor é cooperação no trabalho, colaboração de interesses intelectuais²⁵⁹.

Se no texto citado encontramos referência a formação e a adaptação do dia a dia do casal para que ambos possam exercer as suas profissões, nas fotografias que apresentam o tema ao leitor, isto é, as primeiras páginas da reportagem, a ênfase é para o cuidado com os afazeres da casa. A foto de maior destaque mostra a despedida da mãe enquanto as outras sequências são compostas pela execução de tarefas domésticas (costurar e cozinhar) e dos cuidados com as crianças. A participação masculina nas fotografias se dá pelo envolvimento com os filhos – na despedida no trem, nas brincadeiras e na hora de dormir – mas não na execução dos trabalhos domésticos.

Quanto ao exercício das funções de ambos, estes aparecem “narrados” pelas imagens ao virar a página, onde os dois, homem e mulher, são fotografados em execução de seus afazeres de forma idêntica, isto é, mesmo enquadramento e situações similares, dando uma idéia de igualdade. A igualdade é comprovada pela argumentação do texto, que justifica o sonho da casa própria como motivação para o esforço do casal e a organização como receita para conciliar todas as tarefas. Além disso, mesmo com a casa própria, segundo a fotorreportagem, D.Cilda seguiu ministrando aulas na escola do Tietê.

²⁵⁸ Aqui fica evidente o discurso cultural e educativo da revista. Apoiado na erudição, o casal justifica a sua vivência. Erich Fromm psicanalista norte americano de origem alemã, além dos preceitos de Freud, integrou aspectos sócio-econômicos como causas de neuroses estabelecendo uma relação entre psicanálise e marxismo. Fromm condenava o totalitarismo e a alienação cultural. O pensamento de Fromm ficou conhecido como a ala esquerda da psicanálise. Foi utilizado em alguns estudos feministas na argumentação da igualdade entre homens e mulheres.

²⁵⁹ Cada dia é outro dia (assim o Brasil vive). *Lady: a companheira da mulher*. N° 02. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg. 35.

Mulheres furam túneis e projetam viadutos, entrevista realizada por Yvonne Jean, feita a Berta Chnaiderman- Leitchic e foi publicada na edição nº 09 da *Lady*.



Imagem 10: Mulheres furam túneis e projetam viadutos.

Essa matéria aponta para um pioneirismo que foi particularidade brasileira. Segundo o texto da revista, o Rio de Janeiro possuía naquele ano o maior número de mulheres engenheiras da América Latina, e D. Berta era uma das melhores peritas em cálculos de estrutura. O motivo da entrevista com D. Berta foi que o Brasil foi tema de uma edição especial da revista *National Geographic Magazine*, e nela o Viaduto Canoas da área da Gávea – obra a qual D. Berta projetou – foi alvo de grandes elogios técnicos e estéticos por parte da revista²⁶⁰.

²⁶⁰ Muito impressionou esta pesquisadora o fato de ao tentar saber mais sobre D. Berta, nenhuma referencia foi encontrada, afinal, ela e sua equipe ganharam destaque internacional.

Das categorias analisadas deste estudo, a entrevista de D. Berta é uma das exceções no quesito da imagem, pois ela não é fotografada nem com crianças e nem executando tarefas domésticas. Aliás, na montagem das fotos, ela parece impor a sua importância ao estar em destaque e dar a aparência de segurar o viaduto que ela mesma projetou.

Ao falar de sua profissão, a chefe de serviço conta que precisou usar da paciência e o “tato feminino” para conquistar a confiança dos homens que comandava, destaca as particularidades da construção brasileira em concreto e a atuação das mulheres no ramo.

Acrescentarei a título de curiosidade que o chefe do departamento da Habitação Popular, responsável pelo admirável conjunto Pedregulho, é uma mulher, que a primeira rede de esgoto moderna do Brasil foi projetada por outra mulher, que uma das poucas professoras catedráticas numa escola politécnica é brasileira, que a única mulher da América que se especializou em projetos de estruturas de aviões encontra-se no Rio; que todo material da Central do Brasil é testado por uma mulher, que existem no Rio mulheres em astronomia, em serviço florestal, em desapropriações, em cálculo, em mecânica... A lista está longe de ser completa, pois são mais de cem²⁶¹!

Na matéria, a elegância de D. Berta é elogiada, e conta sempre ouvir a pergunta: ‘Serão mulheres masculinizadas, que usam sapato de salto baixo, óculos de professora antiquada e só pensam nos cálculos?’ à qual ela responde por ela e pelas outras colegas do ramo: “Absolutamente! São verdadeiras mulheres. Tem um lar e cuidam da família. Uma delas tem nove filhos... e continua trabalhando. [...] Tratam-se, portanto, de mulheres que souberam escolher o melhor caminho para uma vida feliz e útil.²⁶²”

Não há referências claras na matéria sobre a vida particular de D. Berta, não é possível, portanto, saber se ela era casada ou tinha filhos. Mas, sobre o valor do trabalho para a realização pessoal, está no final da entrevista, quando a repórter escreve:

Berta é também uma mulher que esta nova época está criando: uma mulher que se realiza através de um trabalho interessante, uma mulher que participa da vida e da coletividade, a qual traz suas úteis realizações, uma mulher que não desiste, por isso, da vida familiar e dos atributos femininos. Como para comprová-lo, Berta levantou-

²⁶¹ Mulheres furam túneis e projetam viadutos. *Lady: a companheira da mulher*. N° 09. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg.19.

²⁶² Mulheres furam túneis e projetam viadutos. *Lady: a companheira da mulher*. N° 09. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg.20.

se enquanto continuava a falar da beleza do cimento armado, arrumou esplendidos gravatás em um grande vaso²⁶³.

Não se pode negar o paradoxo tão comum da imprensa feminina, embora a reportagem fosse para tratar da profissão e do pioneirismo de D. Berta, o lado feminino dela precisava ficar claro para a leitora, assim que, como ela não falou da família, a ligação com as características femininas se deu, na reportagem, através da sensibilidade, atributo considerado indispensável numa mulher. Demonstrando mais uma vez que a mulher que trabalha é capaz de manter seus atributo e funções femininas e, de certa maneira, isso parece ser condicional para que sociedade aceite a atuação feminina no espaço público.

²⁶³ Idem. Pg. 20.

Imprensa com sexto sentido – entrevista de Ana Maria a Maria do Carmo Almeida, conhecida pelo pseudônimo de “Capitu”. Filha de uma família tradicional de São Paulo, era na época cronista do *Estado de São Paulo* e responsável pelo suplemento feminino que era publicado todas as sextas-feiras com o jornal. Mas iniciou na profissão de jornalista aos 14 anos, escrevendo no *Diário da Noite*, nos anos 1920, assinava uma seção de “assuntos femininos” e foi, possivelmente, a primeira mulher do Brasil a trabalhar numa redação. Além dos assuntos femininos, “Capitu” tinha uma página infantil no Estado de São Paulo.



Imagem 11: Imprensa com Sexto

Casou-se com um colega de profissão, a relação durou três anos e dela ficaram três filhas, as quais ela sempre sustentou com a profissão²⁶⁴. À Ana Maria, a jornalista fala que,

²⁶⁴ Essa informação não consta na entrevista, ela foi retirada, está em: RAMOS, Regina Helena de Paiva. Mulheres jornalistas: a grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010. Pg. 81.

apesar de desquitada, não era a favor do divórcio, e disse que, como jornalista, “o que na verdade eu sempre tive em mira foi provar que nós, jornalistas, não éramos aventureiros²⁶⁵”. Sobre o seu pioneirismo que fez escola para outras colunistas, ela ilustra o estranhamento e, certo preconceito da época, ao dizer; “também lembro que um velho senhor veio uma vez à redação acompanhado dos netinhos para eles verem que mulher trabalhava em jornal²⁶⁶”. Quanto à pergunta sobre se a profissão interfere na vida doméstica, “Capitu” responde: “A profissão sempre interfere. Sou contra o trabalho fora do lar. Só admito por absoluta necessidade. O papel da mulher é no lar, principalmente, salvo os casos de necessidade vocacional, o que é paixão.²⁶⁷”

A entrevista com Capitu é a única referência encontrada no corpus que afirma “*ser contra o trabalho fora do lar*”, o que, de certa maneira, contradiz com seu pioneirismo, que talvez ela enquadre no que nomeou em necessidade vocacional. Na foto dessa matéria, “Capitu” aparece com a filha (já adulta) e a neta. Conforme Regina de Paiva Ramos, a jornalista se aposentou das redações em 1958, mesmo ano em que publicou uma série de reportagens do *Estado da São Paulo* sobre mulher e trabalho e mesmo ano em que cedeu essa entrevista. A justificativa para a aposentadoria precoce²⁶⁸ – ela tinha 32 anos – foi dado a guisa de desculpas: “Não pude criar minhas filhas, quero criar os meus netos.” “Capitu” seguiu trabalhando em casa, escrevendo crônicas e traduzindo em quatro línguas livros de literatura internacional e artigos para os jornais²⁶⁹.

²⁶⁵ Imprensa com sexto sentido. *Lady: a companheira da mulher*. N° 15. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg.27.

²⁶⁶ Imprensa com sexto sentido. *Lady: a companheira da mulher*. N° 15. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg.27.

²⁶⁷ Imprensa com sexto sentido. *Lady: a companheira da mulher*. N° 15. Editora Monumento S.A. São Paulo. Pg.27.

²⁶⁸ Devo ressaltar que precoce relativamente, pois a expectativa de vida dos brasileiro nesse período era baixa, variava entre 50 e 60 anos (dependendo da região do país) e pela foto de Capitu podemos perceber que, apesar dos 32 anos não se trata mais de uma moça o que torna compreensível, sob a visão desta autora, o desejo de aposentadoria. Sobre isso: Cadernos do IBGE 2008, pg. 29. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

²⁶⁹ RAMOS, Regina Helena de Paiva. *Mulheres jornalistas: a grande invasão*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010. Pg. 82 e 83.

Não é possível caracterizar as profissões que apareceram nas reportagens que foram analisadas. Não se pode dizer que eram profissões “tipicamente femininas” porque aparecem diversas áreas de atuação. Aliás, “tipicamente feminina” não torna a profissão e o espaço ocupado pelas mulheres menor. Embora saibamos que muitas vezes as mulheres assumiram cargos e funções que os homens consideravam funções “menores”, ou que tinham ligação com as tarefas domésticas; nem por isso, a ocupação desses espaços se deu sem o enfrentamento de preconceitos ou sem ter que se especializar para exercê-los, como é o caso, por exemplo, da Polícia Feminina.

Afinal, ao terem acesso para atuar no espaço público, as mulheres souberam dominar as funções que lhe foram dadas e a partir dessas funções o reconhecimento de suas capacidades foram sendo reconhecidas e através da credibilidade conquistada novos espaços foram sendo ocupados. Atualmente, embora se reconheça as dificuldades com relação ao preconceito de gênero, o trânsito das mulheres na esfera pública e até mesmo o acesso a educação melhoraram consideravelmente. Apesar de todo o boicote que as mulheres sofreram ao longo de séculos de dominação, elas chegaram até os nossos dias como referência em várias profissões, superando os homens em investimento profissional e em capacidade de gerenciamento e liderança em suas áreas.

Sobre a dupla jornada de trabalho que as reportagens mostram, ela é uma prática de gênero e está ligada exclusivamente a vivência das mulheres, pois somente a elas está destinado o serviço doméstico e o cuidado das crianças. O movimento feminista foi responsável por tornar essa discussão pública e por responsabilizar toda a sociedade sobre essas questões para que as mulheres tivessem maior assistência para que pudessem exercer as suas profissões, mas isso só aconteceu nas décadas seguintes. As “ladies” ainda não tinham noção da quantidade de impasses que trariam a conciliação da profissão com os afazeres domésticos.



5. Considerações finais

Ocupação

Se está lhe sobrando tempo demais, a ponto de você conhecer uma das piores coisas da vida – o tédio – pense nessas possibilidades de ocupação:

- Explorar as aptidões com que você nasceu ou aquelas que você adquiriu e poderiam se desenvolver.
- Fazer de algumas de suas aptidões um meio de trabalho regular, remunerado.
- Aplicar sua bondade em servir tantos que dela precisam.
- Em vez de comprar todas as coisas que você ou sua família precisam – fazê-las você mesma.

Ilka Soares – Diário da Noite – 17 de Janeiro de 1961²⁷⁰.

A imprensa feminina assumiu, por longos períodos históricos, a tarefa de aconselhar, entreter e até mesmo educar moças e mulheres para a convivência em sociedade. Dessa forma, dicas de moda, receitas culinárias, conselhos sentimentais são temas que sempre pertenceram e, possivelmente, pertencerão por longo tempo aos periódicos direcionados às mulheres. Durante os anos dourados, a imprensa feminina era escassa e conservadora, conforme vimos; mas ao mesmo tempo ela era uma nova imprensa no sentido de formatação, de abordagem à leitora e de interesses comerciais. Toda a modernidade que prometia um mundo reconstruído, de paz, de urbanidade, de *glamour*, era repleta de novidades tecnológicas que profetizavam facilitar a vida e o dia a dia das pessoas, para que elas tivessem mais tempo para se divertir e para gozar a vida. Tudo isso se refletiu na imprensa e no comportamento de todos, inclusive das mulheres.

A indústria cultural dava seus primeiros passos no Brasil e a imprensa de massa imprimia números exorbitantes de tiragem, que eram consumidos compulsivamente por leitores sedentos de novidades dos mais diversos assuntos. As revistas de variedades como *O Cruzeiro* e as de fotonovelas como a *Capricho* tornaram-se um verdadeiro fenômeno

²⁷⁰ Ilka Soares é um dos pseudônimos de Clarice Lispector. In: LISPECTOR, Clarice. Só para mulheres. [orgs. Aparecida Maria Nunes]. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. Pg.11.

nacional. O cinema encantava os casais de namorados, ditava moda, propagava novos comportamentos e também vendia muito: calça jeans, camiseta, jaqueta de couro, batom vermelho e também vendia revista com histórias da vida real dos astros. A indústria cultural da época era um verdadeiro circo, onde, no picadeiro da modernidade, tudo era possível, lindo e maravilhoso. O modo de vida do “Tio Sam” significava progresso e era o sonho brasileiro.

Provavelmente por isso, como imprensa de massa a *Lady* não teve sucesso, seus textos eram longos e complexos demais para o grande público, que se interessava mais pelas populares fotos-novela do que pelos contos históricos e literários que a *Lady* publicava. A *Lady* era uma revista cultural e informativa e não caiu nas graças do entretenimento, nela não encontramos rainhas do rádio, fofocas de artistas, elementos que fomentam a curiosidade do grande público e que acabam por render grandes vendas nas bancas.

“A grande questão para o editor não é tanto como lançar uma revista, mas como mantê-la viva”²⁷¹ e, apesar da tiragem, que também variou ao longo da sua curta existência, a *Lady* foi mesmo uma revista segmentada não só para mulheres, mas para mulheres que pertenciam a elite intelectual, cujos assuntos de interesses eram diferentes das mulheres semi-analfabetas, das camadas menos favorecidas e até mesmo da elite não letrada, que pouco se interessava pela alta cultura. Mesmo o Clube da *Lady* não foi o suficiente para aumentar a repercussão da revista que, a partir do exemplar de nº 21, tem o tamanho do suporte reduzindo (20 cm x 28 cm) e com menos cores, fotos e textos mais longos. E o que poderia significar justamente uma tentativa de popularização acaba falhando, por não contar com recursos fundamentais para a venda nas bancas, tais como o apelo visual e textos de leituras rápidas.

E assim, mesmo com inúmeros elogios das cartas de leitoras e leitores que escreviam para a revista e eram publicados na seção “Cara Lady”²⁷², a revista não se firmou no mercado editorial brasileiro; pior, acabou esquecida por todos a ponto de se tornar completamente desconhecida nos dias atuais. Audaciosa demais? Textos demais? *Cult* demais? Assuntos que não geravam interesse no grande público? É difícil afirmar uma causa para qual a revista tenha saído das bancas, sabe-se apenas que ela deixou de existir junto com seu grande

²⁷¹ MIRRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d’Água / Fapesp., 2001. Pg. 11.

²⁷² A seção de cartas para a redação esta presente em algumas edições. E contam com depoimentos que, na grande maioria, elogiam determinada reportagem, ou pedem informações sobre o que foi publicado.

idealizador, provavelmente, com o falecimento de seu diretor, tornou-se inviável manter a publicação que possivelmente já devia enfrentar problemas financeiros.

Apesar disso, como documento histórico ela é uma fonte cara para as pesquisas de gênero, porque aponta para a possibilidade de encontrar num passado repressor, cheio de limitações para o conhecido “sexo frágil”, mulheres que batalhavam, construíam o cotidiano na atuação de seus espaços e conquistavam admiração dos que as rodeavam, mulheres que trilharam o caminho que nos trouxe às condições dos dias atuais. Assim, as “senhoras” das reportagens da *Lady* não eram as *vamps* de hollywood e tampouco as virgens santas da igreja, elas eram mulheres reais que faziam o dia a dia acontecer, como a grande maioria das mulheres que fizeram e continuam fazendo história.

Por isso, depois de tanto folhar a revista, ver suas ambigüidades, os seus encantos, ler e reler essas reportagens e tentar identificar uma unidade entre nelas, percebo o quão particular são as representações dessas mulheres atuando no mercado de trabalho e quão grande é o abismo da conciliação entre a realização pessoal e a felicidade da familiar. Embora a família seja formada de diversas pessoas, o cotidiano dela é de responsabilidade da mulher desde muito tempo, não é uma determinação recente que exige que as mulheres optem pela vida profissional ou pelo casamento. “Ser mãe é padecer no paraíso” diz o ditado popular que lota consultórios médicos com mulheres em busca de uma receita para serem a “Wonder woman” ou a “mulher elástico²⁷³”, pois não é tarefa fácil ser excelente em tudo, é mais difícil ainda é ter de escolher.

As mulheres da *Lady* pertencem a um contexto histórico que desejava viver um novo mundo, um mundo reconstruído da guerra, um mundo em que as diferenças mais pudessem somar do que destruir. No Brasil, os anos 1950 vivia o projeto do progresso, país em desenvolvimento, a cultura se tornava mais acessível às pessoas simples, o país construía uma nova cede política e Brasília eram “tijolinhos de modernidade” crescendo diante dos olhos. As mulheres participavam desse processo, assim como participaram de todos os processos históricos, contudo essa participação não era estimulada como uma forma de valorizar a individualidade, mas sim como uma forma de “contribuir com o próximo”, como se fosse uma espécie de mandamento.

Foi pelos subterfúgios que as mulheres conquistaram seu espaço, mesmo com uma educação que separava meninos de meninas, e às meninas era ensinado bordado e prendas domésticas, mesmo sendo educadas na infância e na adolescência para serem submissas,

²⁷³ Referência aos super heróis: uma dos “anos dourados” e outra da contemporaneidade.

obedecerem o sexo oposto, a não estudarem demais para não se masculinizar, mesmo lendo revistas que insistiam em repetir que o casamento era o único destino feliz e saudável para as “moças de boa família”... Mesmo assim, formaram-se engenheiras que anos depois acabaram solucionando problemas do tráfego urbano, mesmo assim surgiram jornalistas, escritoras, professoras, médicas, atletas, advogadas, e todo um arsenal de profissionais, que mais do que concorrer com os homens buscavam uma razão para viver, buscavam satisfação pessoal.

A dona-de-casa feliz e satisfeita das páginas publicitárias não correspondia com a maior parte da realidade das mulheres, que não tinham acesso a todas aquelas novidades possíveis de comprar. Mesmo para as camadas médias, o custo de vida aumentou muito e a mulher trabalhar não era só uma questão de vontade, mas muitas vezes de necessidade. No entanto, as revistas femininas, que já eram raras no período, insistiam em vender a imagem de uma dona-de-casa submissa e incapaz de fazer qualquer coisa que não fosse limpar e cozinhar, sem tornar-se “masculinizada”.

Na *Lady*, as mulheres estão mais próximas do real, mesmo sendo mulheres de elite. Aliás, o fato de pertencerem à elite é justamente o que faz delas muito contemporâneas, já que, para as mulheres da elite o trabalho é, de maneira geral, uma escolha que considera a satisfação pessoal, como foi declarado em várias das reportagens, e quando é para contribuir no sustento, com exceção de “Capitu”, todas declaram ser possível a conciliação com a vida doméstica. Este ponto é o mais caro deste estudo, pois ele trata de uma questão feminista que ainda hoje não foi superada; a dupla jornada de trabalho das mulheres.

Ao publicar numa revista que se pretendia de massa, reportagens que valorizam o emprego, o trabalho e a capacitação das mulheres em prol da construção de uma sociedade mais moderna e com espaços mais igualitários, a *Lady* inova quando reconhece não só a necessidade material, no sentido financeiro, mas também a satisfação pessoal dessas mulheres, quando mostra em suas fotorreportagens imagens que demonstram a importância do serviço que estava sendo executado.

Porém, ao mesmo tempo em que faz isso, também recorre ao discurso tradicional para lançar a grande pergunta: quem cuidará das crianças? Essa uma questão que circula por todas as reportagens, como se houvesse uma tentativa de mesclar a mulher moderna e independente com a dona-de-casa dedicada tradicional. Quando a revista afirma que a mulher é “uma mulher de negócios” e elegante, ou uma atleta medalhista olímpica e boa mãe e também quando coloca nas fotorreportagens lado a lado a mãe brincando com os filhos, cozinhando e trabalhando nas ruas passa a clara idéia de que aquelas são as atividades determinadas a ela.

Assim, a mulher não está com os filhos para se divertir, dar e ganhar carinho, mas está com os filhos porque é sua obrigação. Mas a verdade é que ser mãe e dona-de-casa não é profissão, é uma obrigação social das mulheres, os homens podiam ser ótimos profissionais, e nem por isso eram ótimos pais, mas quando isso acontecia em relação a mulher elas eram empurradas para o ostracismo social. Infelizmente, essa realidade ainda prevalece até os dias atuais.

É importante que se diga que esse pensamento não é uma imposição masculina, ele pertence ao modo de vida da nossa sociedade, está impregnado em nossa cultura e pertence à identidade das mulheres. Por isso, as mulheres também exigem delas mesmas o cumprimento dessas tarefas. Nas reportagens que foram analisadas as solteiras mencionam o sonho de casar e ter filhos, porque isso também pertence à realização pessoal.

O debate sobre a inserção feminina no mercado de trabalho como forma de satisfação pessoal e desejo de se igualar aos homens, assim como a jornada dupla de trabalho que faziam as mulheres se envolverem tanto com a profissão como com o trabalho doméstico, foi foco do debate da segunda onda do feminismo²⁷⁴. Esse debate levou a modificação da categoria “Mulher” para a categoria “Mulheres” para explicar a diversidade e diferenciar as reivindicações considerando além da diferença sexual, outros elementos sociais tais como raça, religião, camada social.

A categoria mulher foi pensada como diferente da categoria homem, e, portanto não universal, teve como base a leitura do *Segundo Sexo* de Simone Beauvoir, e que levou a uma parcela do feminismo do início da segunda onda a concluir que era necessário que as mulheres tivessem igualdade de condições com os homens para poderem concorrer aos mesmos espaços. Mas o acesso a educação, ao financiamento dos estudos não era disponível a todas as mulheres, além disso, para as camadas médias, quando a mulher adentrava o mercado de trabalho, tinha condições de manter uma babá para cuidar de seus filhos, o que não era uma possibilidade para as mulheres das camadas mais baixas. Assim, o discurso de que trabalhar era uma possibilidade de libertação pessoal, servia para as mulheres da Lady, mas não para as mulheres das camadas mais baixas da sociedade. Sobre isso:

Mulheres negras, índias mestiças, pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma diferença –dentro da diferença. Ou seja, a categoria “mulher” que

²⁷⁴ Conforme Joana Pedro costuma-se dividir a história do feminismo em “ondas” que são fases determinadas por características específicas das conquistas feministas. In: PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História. Pg. 77-98. São Paulo, v. 24, N. 1, 2005.

constituía uma identidade diferenciada da de homem, não era suficiente para explicá-las. Elas não consideravam que as reivindicações as incluía. Não consideravam como fez Betty Friedman na “Mística Feminina”, que o trabalho fora do lar, a carreira seria uma “libertação”. Estas mulheres a muito trabalhavam dentro e fora do lar. O trabalho era para elas apenas uma fadiga a mais. Além disso, argumentavam, o trabalho “mal remunerado” que muitas mulheres brancas de camadas médias reivindicavam como forma de satisfação pessoal, poderia ser o emprego que faltava para seus filhos, maridos e pais²⁷⁵.

E foi partir da categoria mulheres que a dupla jornada de trabalho passou a ser debatida no sentido da divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres. Porém, essa discussão é bastante recente, ela só chegou ao Brasil no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, o que condiciona as mulheres das reportagens da *Lady*, como as que tinham ainda a visão de que o trabalho para elas era realmente uma questão de realização pessoal cuja era possível de ser conciliada com os seus “deveres” tradicionais.

Evidente que o argumento das mulheres das camadas mais modestas da sociedade é extremamente pertinente, pois para além da desigualdade de gênero, chama a atenção para a desigualdade social. Contudo, o desejo de satisfação pessoal das mulheres da elite aponta para uma possibilidade que atinge também as mulheres das camadas mais humildes, que é a reivindicação de igualdade de condições, de acesso, tanto à educação, como aos empregos, aos cargos de chefia, ao lazer da rua, ao reconhecimento intelectual.

Para além das necessidades básicas de sobrevivência – realidade das mais humildes – as mulheres da “elite” reivindicavam o discurso moderno da valorização do indivíduo, queriam a oportunidade de escolher, se queriam ou não seguir uma carreira, se queriam ou não apenas casar e se queriam ou não ter filhos. Passo que hoje alcançamos de certa forma, mas que ainda continua não sendo a realidade das miseráveis, que ainda não podem escolher, que continuam engravidando jovens, e fugindo da escola, atuando em subempregos, mas que também querem trabalhar ter uma certa independência econômica para não “dependar do pai ou do marido”.

As reportagens da *Lady*, também apontam para um sintoma que eclodiu reivindicado em praça pública com mulheres rasgando seus sutiãs sob o lema *o privado é político*, porque ao assumirem postos de trabalho, mesmo que por satisfação pessoal, as mulheres geraram um debate público sobre quem cumpriria o papel delas no mundo privado enquanto elas estavam ausentes. Daí tanto as crianças que tinham destino certo no colo de suas mães sempre a

²⁷⁵ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História. Pg. 77-98. São Paulo, v. 24, N. 1, 2005. Pg. 82.

serviço no interior do lar, quanto as tarefas domésticas tão desvalorizados e por vezes humilhantes, ganharam o status de preocupação social, pois saíram do domínio secreto do espaço privado e foram lançadas as praças públicas, exigindo participação política e envolvimento dos governos com políticas públicas que possibilitassem as mulheres a permanência no mercado de trabalho. A partir disso, mudanças lentas vão modificando a vida das mulheres de modo que a atuação do poder público passou a contribuir com questões que antes só interessavam ao espaço privado, como exemplo podemos citar a implantação de creches, legislação trabalhista específica para as mulheres com licença maternidade, saúde do corpo, acesso a anticoncepção, entre outros.

Por fim, penso que as representações apresentadas na revista *Lady: a companheira da mulher*, que mostra as “ladies” das camadas médias “no batente”, possibilitou para as mulheres avanços em espaços e questões que possivelmente seriam mais difíceis para mulheres mais humildes. Ao ter mais acesso a formação e a educação permitiu às “ladies” capacidade intelectual para se colocar em condições iguais de debate com os detentores do poder público. Contudo, não quero dizer que as conquistas feministas são méritos exclusivos da camadas médias, apenas ressalto que as peculiaridades de diferenciação social permitiram que certas conquistas fossem agilizadas. Conquistas as quais mulheres de todas as camadas sociais foram beneficiadas.

Além disso, a particularidade das reportagens da *Lady* apontam para uma realidade que não se acreditava ser possível, ou no máximo ser uma exceção dos anos 1950, das glamorosas atrizes hollywoodianas e do fenômeno dos eletrodomésticos. O dilema de seguir uma carreira e ser reconhecida profissionalmente ou ser uma mãe dedicada é ainda muito atual e assombra muitas mulheres, que cada vez mais adiam a maternidade em razão do reconhecimento profissional. Ter que escolher, ainda é um conflito feminino, e talvez seja esse o grande questão a ser mudada, a paternidade precisa ter um papel mais atuante e significativo para que a educação e a sentimentalidade das crianças seja de igual responsabilidade para mães e pais, para além das necessidades financeiras, as crianças precisam de assistência cotidiana que exige tempo e dedicação e é o cotidiano que deve ser revisto na vivência social e cultural das nossas sociedades que ainda reproduzem modelos tradicionais e discriminatórios que resultam em maior sobrecarga para alguns, neste caso, as mulheres.

Nesse sentido, a *Lady*, sendo de uma exceção ao modelo geral de publicação, com uma proposta diferenciada de imprensa feminina, responde a questões que as outras revistas

femininas não alcançam, exatamente por propagarem somente o modelo tradicional e repressor de gênero, negando as mudanças de seu tempo e, muitas vezes, considerando-as como ameaça. No caso do período estudado, por exemplo, as mulheres que aparecem na *Lady*, não são nem exceção para a imprensa geral da época, elas simplesmente não existem nos periódicos que circulam, pois, ao invés de aparecerem atuando para o que tão propagandeado desenvolvimento se tornasse uma realidade, elas estavam em casa; cozinhando, lavando, banhando as crianças e sofrendo caladas com as traições dos maridos.

É bem verdade que as mulheres dos anos dourados deixaram para nosso tempo uma imagem positiva no sentido de valorização dos “atributos femininos”, afinal, elas eram verdadeiras divas. Além de excelentes donas de casa e mães dedicadas e felizes, elas vestiam-se como bonecas em tamanho G, maquiavam-se com perfeição, delineando os olhos, o que lhes garantia um olhar felino com ar de mistério. Usavam acessórios glamorosos para impor suas presença e chamar a atenção dos homens; assim, inspirados na moda francesa, os chapéus, as luvas, o clássico colar de pérolas e um digno batom vermelho eram parte obrigatória no figurino daquelas beldades.

Então, ao optar pela individualidade e pela satisfação pessoal, as “ladies” de certa forma sacrificaram a si mesmas, sacrificaram o luxo de seus figurinos perfeitos e diversas noites de sono. Trocaram o conforto de seus lares pela exposição da rua, o tempo da leitura do livro pela burocracia de cumprir horário, a tarde de chá com as amigas pela reunião com funcionários, escolhas que buscava tornar seus dias menos iguais, menos tediosos com mais envolvimento físico e mental, pelo reconhecimento intelectual.

Certamente elas não tinham idéia de quanto o desejo particular de ascender no espaço público, não como homem, mas como mulher com as mesmas condições intelectuais, era o desejo particular de tantas outras mulheres. Também, possivelmente, não tinham idéia do que significaria para a sociedade e para a história escancarar problemas do mundo privado para o espaço público. É verdade que se o estímulo que levou as mulheres das camadas médias a adentrarem no mercado de trabalho e a se especializarem foi um desejo individual, a consequência dele não o foi. O efeito dos desejos individuais tornou-se questões de necessidade coletiva, que teve seu auge com mulheres gritando e protestando em praça pública e que levou os poderes públicos a se responsabilizar pelas questões privadas e a arregaçarem as mangas para providenciarem soluções para elas.

As soluções do poder público ainda estão longe das ideais, as mulheres seguem ganhando menos do que os homens, apesar de serem tão bem, e por vezes, até mais bem

qualificadas; ainda faltam creches para as mães deixarem seus filhos em segurança enquanto trabalham; ainda sofrem com a jornada dupla e com as cobranças sociais da responsabilidade com relação as crianças; ainda falta assistência médica especializada para tratar a saúde feminina; o trabalho doméstico é ainda desvalorizado e considerado humilhante, inclusive pelas mulheres; e a divisão de tarefas familiares está longe de ser igual entre ambos os gêneros. Há ainda muito que se fazer, embora saibamos que as conquistas femininas avançaram significativamente, em questões crucias, é preciso mais. E essa história vem sendo construída por mulheres reais, não pelas mulheres que, nas capas das revistas, vendem um mundo faz-de-conta que, embora muitas vezes nos envaideça e nos faça sonhar, não são parte do universo e da realidade da vida da absoluta maioria das brasileiras. E, embora os periódicos femininos atuais denunciem o nosso conservadorismo que prevaleceu, ainda assim, encontramos revistas que dão espaços, mesmo que pequenos, para as “ladies” da vida real.

Por fim, acabar um texto não significa encerrar um assunto; este estudo é apenas mais uma possibilidade de abordagem que busca contribuir para os estudos de gênero. Por isso, evidentemente, merece ser revisada e melhor desenvolvida, para que possa efetivamente contribuir para o avanço no debate, tanto nas relações público-privado, como no abrandamento da jornada dupla imposta para as mulheres.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de. Revisitando os anos 1950 através da imprensa. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; BÔAS, Glaucia Villas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.
- BARBOSA, Alexandre. A comunicação sedutora: aspectos da influencia norte-americana na comunicação brasileira. *Cenários da Comunicação*, V.4 , 13-24, 2005.
- BARBOSA, Marialva. "Cinquenta anos em cinco": consolidando o mito da modernização (1950-1960). In: BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000* (149-173). Rio de Janeiro: Mauad X., 2007.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: M. D. PRIORE, *História das mulheres no Brasil* (pp. 607-639). São Paulo: Contexto, 2004.
- BASSANEZI, Carla. Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BERGAN, Ronald. *Guia ilustrado Zahar cinema*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.
- BIROLI, Flávia. Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitscheck (1956-1960). *Revista Brasileira de História* v. 24; nº 47 , 213-240.2004.
- BUITONI, Dulcília. *A imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BUITTONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulhere pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo. Summus, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CAMARGO, Mário de. *Gráfica: arte e indústria no Brasil; 180 anos de história*. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003.
- CAMPOS, Daniela Queiróz. *Espectro dos anos dourados: imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da revista O Cruzeiro (1950-1964)*. Dissertação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: PUCRS, 2010.
- CASTRO, Mayra Corrêa e. Feminismo prêt-à-porter – significação da aparência na imprensa feminina e feminista do Brasil. *Cadernos AEL*, n. ¾, 1995/1996. (111 – 130).
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene. CABEDA, Sonia T. Lisboa; PRENH, Denise. R. *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIII, n. 1, junho de 2002.

COUTO, Ronaldo. Brasília Kubitscheck de Oliveira. Rio de Janeiro, Record, 2006.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DUARTE, Luis Sérgio. A CONSTRUÇÃO DE Brasília como experiência moderna na periferia capitalista: a aventura. Revista UFG/Junho 2009/Ano XI nº 6. P. 06.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. Imagens da mulher. Portugal: Edições Afrontamento, 1992.

FAOUR, Rodrigo. A história sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na música popular brasileira. São Paulo: Record. 2006.

FAUSTO, Boris. O poder e o sorriso. São Paulo: Cia das Letras. 2006.

FERREIRA, Jorge. Crises da república: 1954,1955,1961. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileirs. 2003.

FRANCISCHETT, Leandra. Representações das mulheres na revista O Cruzeiro através das fotografias no período de 1956 a 1960. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense / Universidade Estadual Centro-Oeste do Paraná. Niterói, 2007.

GOMES, Angela de Castro. O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 2º edição.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular brasileira*. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric. A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

HUPFER, Maria Luisa Rinakdi. As rainhas do rádio: símbolos da nascente da indústria cultural brasileira. São Paulo: Senac Editoras, 2009.

HUNT, Lynn. Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JR. SILVA, Ademar Lourenço. Em busca da classe média. In: GERTZ, René (Dir.); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). História do Rio Grande do Sul. V. 4. República: da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007.

- KARAWEJCZYK, Mônica. "O voto de saias": breve análise ds imagens na Revsita O Globo (1930-1934). História, imagem e narrativas N.3 (26-56).Setembro, 2006.
- LAURENSA, Ana Maria Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. Pg. 180. In: In:MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batakhas em letra de fôrma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008. Pg. 180.
- LEVINE, Robert. Pai dos pobres? O Brasil da era Vargas. São Paulo: Cia. Das Letras. 2001.
- LISPECTOR, Clarice. Só para mulheres. [orgs. Aparecida Maria Nunes]. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: C. B. PINSKI, & (orgs), *Fontes Históricas* (pp. 111 - 153). São Paulo: Contexto, 2008.
- LYRA, Marcelo. Carlos Reichenbach: o cinema como razão de viver. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e praticas culturais em tempos de República – São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2008.
- MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do séc. XX. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. Vol. 13. N. 1 Pg. 133 – 174. Jan. – Jun. 2005.
- MAZZEI, Cláudia. A feminização no mundo do trabalho. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- MENDES, Valerie. A moda no século XX. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: UNICAMP.1996.
- MEYER, Marlise Regina. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro (1955-1957). 2007. 255 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MIGUEL, Raquel, B. P. e TONELI, Maria Juracy F. De moça prendada a menina superpoderosa: análise das seções de cartas de eleitoras da revista *Capricho* (1954-2004). *História Unisinos*. Vol. 12 N° 2. –maio agosto- de 2008.

MIRRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no séc. XX. São Paulo: Olho d'Água / Fapesp., 2001.

MIRRA, Maria Celeste. O Masculino e o Feminino nas narrativas da cultura de massa ou o deslocamento do olhar. In: *Olhares alternativos*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero. Pagu. Unicamp, 2003.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no Feminino. In: PINKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi. *História e cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileirs. 2003. Pg. 177.

MOREIRA, Vânia Maria. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. In: *Revista brasileira de História*. Vol. 18 n. 35 São Paulo, 1998.

MUNIZ, Diva Couto Gontijo. Mulheres, trabalho e educação: marcas de uma prática política. In: SWAIN, Tânia Navarro e MUNIZ, Diva Couto Gontijo. *Mulheres em ação: praticas discursivas, práticas políticas*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

MUNTEAL, Osvaldo; GRANDI, Larissa. *A imprensa na história do Barsil - Fotorjornalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2006.

OEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro : a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

PEDRO, Joana e WOLFF, Cristina. Nossotas e o Círculo das mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. In: *Revista de História, Cultua e Artes*, V. 9 N. 14 JAN. JUN. 2007. Dossiês *Relações de Gênero e Arte*. Instituto de História. PPG em História. Universidade Federal de Uberlândia. P. 55- 69.

- PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2003, vol.23, n.45, pp. 239-260.
- PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História: São Paulo*, v. 24. N. 1, p. 77-98, 2005.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da historia*. Bauru: Edusc, 2005.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PINSKI, Carla Bassanezi (orgs), *Fontes Históricas* (pp. 111 - 153). São Paulo: Contexto, 2005.
- PINTO, Celi. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo.
- PONTAROLO, Fábio. Protesto, crítica social e a influência musical do Rock N'Roll na música popular brasileira do pós-guerra. *Revista Polidisciplinar eletrônica da faculdade de Guairacá. Vol I.* , 135-137. Julho de 2009.
- RAMOS, Alcides. *Historiografia do cinema brasileiro diante das fronteiras entre o trágico e o cômico: redescobrimo a chanchada*. Fenix: Revista de história e estudos culturais. , v.2 ano II, nº4 .
- RAMOS, Fernão e MIRANDA, Luiz Felipe. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Senac, 2000.
- RAMOS, Regina Helena de Paiva. *Mulheres jornalistas: a grande invasão*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010. Pg.
- RIBEIRO, Ana Paula Goullart. *Jornalismo, literatura e política: modernização da imprensa cariocanos anos 1950*. *Estudos Históricos*, n. 31 , 147-160.2003
- SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil para a análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. V. 2, n. 20 , 71-79, 1995.
- SERPA, Leoní. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo, RS, Dissertação de mestrado Universidade de Passo Fundo. 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e tiros do Rio*. In: NOVAES, Fernando (orgs). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Cia das Letras.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- SOIHET, Rachel. *História das mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. 1.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

STREY, Marlene Neves. A mulher, seu trabalho, sua família e conflitos. In: STREY, Marlene Neves (Orgs.). Mulher: estudos de gênero. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1997.

SULLEROT, Evelyne. A mulher no trabalho: história e sociologia. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1970.

ZALLA, Jocelito. Uma mulher “tradicionalmente moderna”: relações de gênero na trajetória de Gilda Marinho. In: Em tempo de história. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História. PPG-HIS/UnB, n. 11, Brasília, 2007.

Anexo 1

Título da reportagem	Profissões
A polícia feminina	Policial
Cada dia é outro dia	Costureira
Encontre seu caminho	Enfermeira
Cada dia é outro dia (como o Brasil vive)	Professora
A mulher ferreira	Artista Plástica
Elegância e atividade	Inspetora Federal
Entre dois aeroportos uma declaração de amor	Aeromoças
A poesia Faz-se melhor na solidão	Escritora
Mulheres furam túneis e projetam viadutos	Engenheira
Mineira (em surdina) revolucionam as artes	Poetisa, escritora, dançarina, cantora lírica, crítica
Uma mulher de negócios	Empresária
Atualmente a mulher é idêntica ao homem	Prefeita
Trocou a riqueza por um leprosário	Enfermeira
Dalilas abatem Sansões	Barbeira
Kaethe Kruse a mãe das bonecas	Empresária e artesã
Uma profissão tipicamente feminina	Empresária e artesã
Alugam-se chapéus	Estilista e empresária
Artista e mãe	Atriz e artesã
A mulher que escolheu uma carreira também é mãe dedicada	Médica (cirurgião de olhos), design de tecidos, bailarina escritora, tradutora, esportista (nadadora), professora universitária, diretora de set, advogada, corretora de imóveis.
Um “aparte” na conferência interparlamentar: mulheres modificam o mundo	Deputada, senadora, chefe de delegação
Maria Della Costa: vende-se um teatro	Atriz e empresária
Mulher dos 300 km poro hora	Piloto
Portinari de saias pinta a melancolia	Pintora
Imprensa com sexto sentido (6 entrevistas)	Jornalista

Anexo 2

Fotorreportagens e entrevistas analisadas

Título da reportagem	Páginas	Mês/Ano	Edição	Acervo
A polícia feminina	16,17,18,19,62,63	10/1956	Nº 01	UFISM
Cada dia é outro dia	44,45,46,47	10/1956	Nº 01	UFISM
Encontre seu caminho	30,31,32, 33	11/1956	Nº 02	UFISM
Cada dia é outro dia (como o Brasil vive)	34,35,36	11/1956	Nº 02	UFISM
A mulher ferreira	24, 25, 26, 27	02/1957	Nº 05	UFISM
Elegância e atividade	28, 29	02/1957	Nº 05	UFISM
Atualmente a mulher é idêntica ao homem	18, 19	05/1957	Nº 08	UFISM
Entre dois aeroportos uma declaração de amor	06,07	06/1957	Nº 09	Museu Hipólito da Costa
A poesia Faz-se melhor na solidão	16,17	06/1957	Nº 09	Museu Hipólito da Costa
Mulheres furam túneis e projetam viadutos	19, 20	06/1957	Nº 09	Museu Hipólito da Costa
Mineira (em surdina) revolucionam as artes	20, 21	07/1957	Nº 10	UFISM
Uma mulher de negócios	33	07/1957	Nº 10	UFISM
Trocou a riqueza por um leprosário	21	08,09,10/1957	Nº 11	UFISM
Dalilas abatem Sansões	18,19	11,12/1957	Nº 12	UFISM
Kaethe Kruse a mãe das bonecas	42,43,44,45,	11,12/1957	Nº 12	UFISM
Uma profissão tipicamente feminina	27,28,29	02/1958	Nº 14	UFISM
Alugam-se chapéus	10,11,12,13	05/1958	Nº 17	UFISM
Artista e mãe	46,47,48,49	06/1958	Nº 18	UFISM
A mulher que escolheu uma carreira também é mãe dedicada	30,31,32,33	07/1958	Nº 19	UFISM
Um “aparte” na conferência interparlamentar: mulheres modificam o mundo	19,20,21	08,09/1958	Nº 20	UFISM
Maria Della Costa: vende-se um teatro	80,81,82	10,11/1958	Nº 21	Museu Hipólito da Costa
Mulher dos 300 km poro hora	28,29,30,31	01/1959	Nº 23	Museu Hipólito da Costa
Portinari de saias pinta a melancolia	56,57,58,59	03/1959	Nº 25	Museu Hipólito da

				Costa
Imprensa com sexto sentido	15	11.12/1957	Nº 12	UFSM
Imprensa com sexto sentido	29	01/1958	Nº 13	Museu Hipólito da Costa
Imprensa com sexto sentido	26	02/1958	Nº 14	UFSM
Imprensa com sexto sentido	27	03/1958	Nº 15	
Imprensa com sexto sentido	28	05/1958	Nº 17	UFSM
Imprensa com sexto sentido	61	06/1958	Nº 18	UFSM